



## COMÉRCIO EXTERIOR

# Maior parte das exportações da PB segue para os Estados Unidos

Programa de qualificação quer elevar o número de exportadores paraibanos, que hoje chega a 54. **Páginas 17 e 18**



Foto: Marcos Russo

## Um passeio pela riqueza arquitetônica das balaustradas de JP

Construções surgiram na celebração do centenário da Independência e, com o passar do tempo, foram se tornando uma tendência dos projetos de Arquitetura no país. **Página 7**

## Política fiscal do Estado atrai mais empresas estrangeiras

Presidente da Cinep destaca os investimentos que vêm sendo feito por países como França e Portugal.

**Página 3**

## Vazar mensagem privada gera responsabilidade civil ou criminal

“Printar” conversas particulares de grupos de aplicativos pode causar danos passíveis de multa.

**Página 6**

## Pensar

Odiar é manter o objeto do ódio perto de si”. No caderno Pensar deste mês, analistas falam sobre os perigos do crescimento do discurso de ódio na sociedade.

**Páginas 29 a 32**



Foto: Marcos Russo

## Humor marca primeiro EP de Juzé e Lukete

Dupla paraibana leva para a música a ironia e descontração dos personagens de sucesso de novela global.

**Página 9**

## Brincar ao ar livre e longe de telas é indicação para vida saudável

Prática favorece a socialização de crianças e fortalece vínculo com os pais, além de reduzir os riscos de dependência tecnológica. A ideia é estimular contatos reais e enfraquecer os virtuais.

**Página 5**



Foto: Ortilo Antônio

■ “Embora constitua a biblioteca da entidade mais representativa das nossas letras ou da nossa cultura, é pouco frequentada. Sobreretudo por acadêmicos”

Gonzaga Rodrigues

**Página 2**

■ “Considero a obrigatoriedade do diploma para jornalistas cada vez mais necessária. Quem me conhece sabe que sempre defendi essa causa”.

Angélica Lúcio

**Página 26**



## Memórias

### Da revisão à engenharia: a história de Valderéz Barbosa

Ex-funcionário de A União conta como foi reprimido, pelos chefes da época, por ensinar Matemática, aos colegas, no horário de intervalo.

**Página 15**



Foto: Edson Mattos

# Editorial

## Ler é o que importa

Uma pergunta que não se permite calar, diante de tamanha discussão, mundo afora, acerca da finitude física do livro, principalmente após o advento dos suportes digitais: não seria mais apropriado, ao invés de se especular tanto sobre morte e vida do alfarrábio, discutir a criação de políticas públicas mais eficazes, no sentido de democratizar o acesso ao conhecimento que se consubstancia por meio de tinta e papel?

Sim, há um imenso acervo de obras, de todos os gêneros, ainda muito distante dos olhos de um imensurável contingente de crianças, jovens, adultos e idosos. O que os olhos não veem, todo mundo sabe, o coração não sente. O cérebro atrofia-se, ressentindo-se da falta de exercícios proporcionados pelo conhecimento. A mente, por sua vez, embrutece em virtude da carência de outro bem, talvez o mais precioso, a sabedoria.

Os professores da educação básica, de boa formação e melhor coração, empenham-se em semear o hábito da leitura entre os leitores em potencial que são os jovens alunos, mas esta ação tem limites, inclusive físicos, o ambiente escolar. A família, o Estado e a sociedade civil organizada têm um importante papel a cumprir, no sentido de construir pontes de acesso aos livros para todas as pessoas, e não apenas para as novas gerações.

Apelando para a imaginação, poderíamos fantasiar uma rebelião de personagens das obras de ficção, revoltados com o desprezo que governantes do mundo inteiro dispensam à leitura, tornando protagonistas, antagonistas, coadjuvantes e figurantes prisioneiros dos livros fechados nas bibliotecas públicas ou particulares, como também inacessíveis nas livrarias, por conta do baixo número de casas e dos altos preços de capa.

Ler significa estabelecer uma nova relação consigo mesmo, a partir do autoconhecimento, e com o mundo, como consequência do desenvolvimento do raciocínio e da interpretação. Além disso, a leitura aprimora a fala e a escrita, favorecendo a comunicação, instrumento da maior importância na construção da cidadania. Qual o motivo de os tiranos odiarem tanto os livros, portanto, temerem a leitura? Eis outra importante questão.

Não se pode vangloriar os livros e a leitura, se forem esquecidos outros heróis e heroínas dessa história, que são os escritores e as escritoras. É preciso valorizar a atividade intelectual e salvaguardar os direitos autorais. Quem escreve é um trabalhador tanto quanto um médico ou um maquinista de trem, por exemplo. Todos merecem respeito, que se traduz na remuneração justa e no reconhecimento e usufruto do que fazem.

# Artigo

Rui Leitão  
iurleitao@hotmail.com

## A crise de civilidade

A civilidade é um comportamento cada vez menos praticado nos tempos atuais. A sociedade contemporânea não encara mais como importante cumprir as normas que garantam um bom convívio entre as pessoas. Valores e princípios são desconsiderados nas condutas dos indivíduos na vida social. Estamos perdendo o espírito harmônico que deveria existir nas relações humanas.

Quando falta civilidade nas relações pessoais deixa-se de exercer a cidadania de forma saudável. E assim preponderam atitudes voltadas para a violência e a delinquência. As conveniências ditadas pelo egoísmo passam a ser determinantes para o agir individualmente, desprezando o sentido fraterno do respeito mútuo. Se os interesses individuais forem colocados acima das demandas coletivas, observa-se a diminuição da civilidade.

Uma pessoa civilizada nutre o sentimento da solidariedade, porque entende ser essa a melhor forma de expressar respeito pela dignidade humana. Nas relações sociais deve prevalecer a consciência coletiva de que as necessidades de um povo exigem mobilização e união para estímulo à luta em defesa dos seus direitos. Porém, se faz igualmente necessária a observância dos deveres determinados para o exercício pleno da cidadania. Afinal de contas, direitos não se sustentam sem a obediência dos deveres. Não podemos deixar que a indiferença para o coletivo se torne cultural.

Está sendo muito comum testemunharmos grosserias por palavras e atos na convivência social. Especialmente quando das comunicações exercidas nas redes sociais, onde muitas vezes o anonimato estimula as agressões gratuitas e as manifestações de descortesia. A intolerância passa a ser frequente nos contatos, fazendo desaparecerem a camaradagem e a familiaridade entre pessoas próximas.

Há quem veja a civilidade como uma mentira social e argumentam que preferem ser autênticas, espontâneas, sinceras, ainda que provocando incômodos ou desagradado a outras pessoas. Entendo que a sinceridade é algo que devemos valorizar

sempre no nosso comportamento, mas que seja feita sem afetação, sem artificialidades, e, principalmente, levando em conta a necessidade de fazê-la com delicadeza, educação, afabilidade. A espontaneidade precisa ser controlada em muitas ocasiões. Jamais permitirmos ser guiados pelos instintos.

Onde se estabelece a civilidade se alcança a paz. Afinal de contas civilidade tem a ver com simpatia, convívio com as diferenças, amizade, cordialidade. Já, em sentido contrário, a incivilidade põe à mostra a arrogância, a estupidez, a irracionalidade, o mau humor. Pensemos nisso para não nos incorporarmos ao exército dos incivilizados. É importante, então, que nos esforcemos para recuperar a civilidade que se revela ameaçada, buscando reconstruir um pacto social que nos garanta o estabelecimento de um código de convivência pontuando condutas que promovam um ambiente de paz e de respeito mútuo entre os indivíduos que formam a nossa sociedade. A falta de civilidade é um mal que precisa ser combatido urgentemente. Essa crise de civilidade contemporânea tem que ser vencida, sob pena de nos transformarmos numa população de selvagens, mal educados e egoístas.

“  
Está sendo muito comum testemunharmos grosserias por palavras e atos na convivência social

Rui Leitão

# Foto Legenda

Ortilo Antônio



Sobrevivência e diversão

# Gonzaga Rodrigues

O vulto de Burity

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

A nossa Academia de Letras, como não podia ser diferente, dispõe de uma boa biblioteca de peso literário. E reflete a cultura dos seus fundadores e primeiros ocupantes, pródiga de clássicos portugueses e das celebridades de todos os tempos que os editores brasileiros do século passado puderam traduzir.

Embora constitua a biblioteca da entidade mais representativa das nossas letras ou da nossa cultura, é pouco frequentada. Sobretudo por acadêmicos que, antigamente, ainda assinavam uma ficha e levavam emprestado. Hoje nem isto.

Quem mais de uma vez encontrei cascaviando de nariz enfiado em páginas empoeiradas foi Tarcísio Burity. Achando pouco a biblioteca do seu escritório, hoje fazendo parte da grande biblioteca Juarez Batista, no Espaço Cultural, recorria, às vezes, ao acervo da academia.

E lá o encontrei com os Estudos Alemães, de Tobias Barreto, que tanta influência exercera na Escola de Recife e que, anos depois, teria de repercutir, sem dúvida, na formação do poeta maior Augusto dos Anjos.

Alguma coisa remetia nosso ex-governador a Tobias. Sem dúvida a presença, aqui, do professor Mário Losano, da Universidade de Milão, autor de um robusto ensaio sobre o Direito em Tobias Barreto. Como e por que o negro Tobias, empoeirado pelos novos tempos, sobretudo em seu país, tornara-se protagonista na visão de um mestre do Direito italiano, nos alvares do século 21?

Certamente era isto o que Burity procurava. E desse contato com o professor de Milão nascia a ideia de uma revista de estudos brasileiros, a exemplo do que fazia seu amigo Miguel Reale, em São Paulo, mas a daqui sem ranço regionalista.

Atrapalhei-me quando ele me falou nisto: “Por que sem ranço regionalista? O que tem isso de ruim?”

Aí ele me deu uma aula sobre certos temas que têm de ser universais. Ainda cheguei a riscar o projeto gráfico enquanto ele se empenhava em reunir nomes do Recife, de São Paulo, do Rio Grande do Sul, com os quais estava sempre mantendo contatos. Não foi sem motivo que foi escolhido pelo ministro Celso Lafer, das Relações Exteriores, para compor a

“  
Homem presente, vivo em cada ação ou em cada obra marcante na sua cidade ou no Estado. E mais vivo ainda na ação cultural

Gonzaga Rodrigues

delegação brasileira que foi discutir a instituição de uma corte penal internacional para casos, àquela época, como o de Pinochet, ou de ladrões de uma nação que se refugiam em contas bancárias de outras.

Há poucos dias, na solidão da biblioteca Álvaro de Carvalho, a da Academia, me aparece esse grande vulto. Mais do que vulto, ente de conotação indistinta. Mas o homem presente, vivo em cada ação ou em cada obra marcante na sua cidade ou no Estado. E mais vivo ainda na ação cultural personificada em monumentos como o Espaço Cultural, ainda hoje, 40 anos depois, não totalmente preenchido.

Ainda esta semana, indo ao nosso aeroporto, submetido a nova reforma, ocorreu-me o meu esforço para estender a pista ao tráfego internacional, aberta às futuras ampliações. Não foi diferente no campo cultural ao montar um palco sinfônico da intimidade de regentes nacionais ou estrangeiros. Presumo que seu nome e sua obra dispensem estátua, mas se dependesse de mim o lugar de erguê-la já se acha escolhido: num canteiro livre que termina em pequeno triângulo entre o Palácio do Bispo e a confluência das ruas Pedro I e Odon Bezerra. Burity de olhos no Seminário, na Academia e nas torres do Carmo e de N.S. das Neves.

Estou certo, professor Marclício Franca?

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL  
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



**William Costa**  
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

**Naná Garcez de Castro Dória**  
DIRETORA PRESIDENTE

**Amanda Mendes Lacerda**  
DIRETORA ADMINISTRATIVA,  
FINANCEIRA E DE PESSOAS

**Rui Leitão**  
DIRETOR DE RÁDIO E TV

**A UNIÃO**  
Uma publicação da EPC  
Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

**Gisa Velga**  
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

**Renata Ferreira**  
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

**PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042**  
**Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509**  
**E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)**  
**ASSINATURAS: Anual ..... R\$350,00 / Semestral ..... R\$175,00 / Número Atrasado ..... R\$3,00**  
**CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br**

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U I D I O R I A : 99143-6762

PARAÍBA NA ROTA MUNDIAL

# Estado atrai investimentos de empresas estrangeiras

Adoção de uma política fiscal de incentivos impulsiona a economia paraibana

Michelle Farias  
michellesfarias@gmail.com

O equilíbrio fiscal, aliado a investimentos em áreas estratégicas criam um ambiente econômico favorável na Paraíba, o que coloca o estado em evidência no cenário internacional, atraindo o interesse de empresas estrangeiras. A adoção de uma política fiscal de incentivos impulsiona a economia paraibana, gera empregos e perspectivas de novos investimentos.

O diretor presidente da Companhia de Desenvolvimento da Paraíba (Cinep), Rômulo Polari Filho, explicou que são diversos fatores que fazem com que a Paraíba consiga atrair investimentos internacionais para o estado. A começar pelas potencialidades em diversos segmentos, localização estratégica, infraestrutura, a

“  
**Seguimos com o nosso trabalho e com a certeza de que, em breve, teremos novos projetos internacionais na Paraíba**

Rômulo Polari Filho

ambiência de negócios que o estado consegue criar e o respeito às necessidades dos investidores.

“E graças a isso tudo conseguimos atrair empresas de diversos âmbitos, como energias renováveis, na qual temos a EDF da França, EDP de Portugal e Grupo Vestas da Dinamarca; centros de distribuição, como a Whirlpool dos EUA e a Electrolux da Suécia; e o estaleiro Brisen da Islândia, gerando mais de R\$ 3 bilhões de investimentos e cerca de três mil empregos”, afirmou Polari.

Foi criado na Cinep um departamento de Atração de Investimentos com um corpo técnico específico para desenvolver esse trabalho. O setor acompanha as empresas do início das tratativas até a sua instalação. Esse trabalho é realizado em conjunto com outros órgãos do Governo.

“Somado a isso, há uma política continuada de incentivo fiscal, através do Fain, assim como de incentivo locacional que concede áreas a preço subsidiado, em diversos municípios paraibanos. Seguimos com o nosso trabalho e com a certeza de que, em breve, teremos novos projetos internacionais na Paraíba,” disse o diretor-presidente da Cinep.

Os investimentos estão distribuídos por todo território paraibano. Em Alhandra, o centro de distribuição da fabricante de eletrodomésticos Whirlpool, dos Estados Unidos, gera 120 empregos e um investimento de R\$ 2,5 milhões. Na mesma cidade a Electrolux, da Suécia, investe R\$ 7,6 milhões que resulta em 50 empregos. Já a Brisen, da Islândia, investe R\$ 11,7 milhões no estaleiro de Lue

## UN Informe

Ricco Farias  
papiroeletronico@hotmail.com

### CÍCERO LUCENA DIALOGA COM VITOR HUGO SOBRE SUCESSÃO MUNICIPAL EM CABEDELO



Foto: Secom/JP

Como é notório, o prefeito de João Pessoa, Cícero Lucena (PP), tem uma aproximação política com o prefeito de Cabedelo, Vitor Hugo (União Brasil) – até porque, seu filho, o deputado federal Mersinho Lucena (PP) era, até 2022, o vice-prefeito da cidade portuária. Portanto, não é nenhuma surpresa que os dois gestores – mais o parlamentar federal – estejam dialogando sobre a sucessão municipal em Cabedelo, em 2024. Vitor Hugo diz, publicamente, que apoiaria uma candidatura de Mersinho, caso ele se dispusesse a concorrer à prefeitura, no próximo ano. Porém, este não parece inclinado a deixar o mandato de deputado federal para entrar na disputa – optaria por fazer a indicação do candidato ou candidata a vice. Nesse caso, a preferência de Vitor Hugo seria pelo nome do deputado estadual George Moraes, irmão do presidente estadual do União Brasil, o senador Efraim Filho. Nesse cenário, Cícero receberia o apoio do partido à sua reeleição, na capital. Resta saber qual será o papel do PT nesse contexto. É que o partido anunciou a sua chegada à base de Vitor Hugo.

### “É UMA CIDADE IRMÃ”

Recentemente, Cícero Lucena expôs sua disposição de participar das articulações para a sucessão de Cabedelo: “Terei prazer de analisar os nomes que estão pensando, para que possa dar minha contribuição, até porque Cabedelo é uma cidade irmã, o dia a dia das duas cidades se confundem”.

### NOVOS VOOS ELETIVOS

Secretário de Administração do governo, a assunção de Tibério Limeira a presidente do diretório do PSB de João Pessoa – ele foi empossado na última segunda-feira – dá ao PSB a possibilidade de ter um quadro qualificado do partido numa condição de comando que lhe credencia a novos voos eletivos nas eleições futuras. Seja em 2024, seja em 2026. Ele se elegeu vereador na eleição de 2016.

### “ESTOU COM MEDO, SIM”

Atacado por Eduardo Bolsonaro (PL), o deputado Macron (PT) fez desabafo ao Congresso em Foco: “A família Bolsonaro está desequilibrada emocionalmente. Não sabe ouvir as verdades, ofende todo mundo que vem para a frente. Ele veio para cima de mim para me agredir. Só não me agrediu porque a polícia o segurou. Estou aqui para defender a vida e não quero sair morto não. Estou com medo, sim”.

### O QUE NÃO FOI ENTREGUE?

O prefeito Cícero Lucena (PP) foi provocado, em entrevista a uma rádio, a falar sobre críticas do deputado Jutay Meneses, do Republicanos, à gestão. “Ele precisa, como aliado, me dizer o que é que não foi entregue, para eu poder ver se tinha prometido. Ai a gente discute. Mas isso é da política, eu tenho certeza que o Republicanos, com a presidência de Hugo Motta, tem sempre contribuições para ajudar a melhorar a cidade João Pessoa”.

### CASAS: RECURSOS JÁ ASSEGURADOS

Em suas redes sociais, o deputado federal Mersinho Lucena (PP) vincula a futura liberação de R\$ 48 milhões, pelo Ministério das Cidades, à construção de casas para a comunidade Dubai, em João Pessoa. Serão construídas 416 unidades habitacionais. O ministro Jádér Filho também assegurou a destinação de R\$ 19 milhões para a construção de 192 unidades, pelo Governo do Estado.

### NA PAUTA DO CONSÓRCIO NORDESTE: FUNDO DE INVESTIMENTOS NO BNDES

Marcada para a próxima sexta-feira, a Assembleia Extraordinária do Consórcio Nordeste tratará de temas relevantes para a região e para o Brasil – neste último caso, se insere o debate sobre a reforma tributária e as propostas a serem feitas para o Plano Plurianual (PPA) do Governo Federal. No que diz respeito estritamente ao Nordeste, está na pauta a criação do Fundo Nordeste de Investimentos no BNDES, com recursos de fundos estrangeiros. O evento será no Centro de Convenções de João Pessoa.

## Área de energias renováveis é destaque

A área de energias renováveis coloca a Paraíba em destaque, com tendência de crescimento do setor. Em São José da Lagoa Tapada, sertão paraibano, a EDP, empresa de Portugal, investe R\$ 250 milhões em energia solar, gerando 700 empregos. Já os investimentos feitos pela EDF, da França, nos municípios de Junco do Seridó, Assunção, Salgadinho e Santa Luzia chegam a R\$ 2 milhões e resultam em 1.200 postos de trabalho. A dinamarquesa Vestas investiu R\$ 1 bilhão na implantação de parques eólicos nos municípios de Araruna, Cacimba de Dentro, Riachão, Cuité e Damião. No total a empresa emprega 600 pessoas.

O potencial econômico da Paraíba é reconhecido nacionalmente e foi evidenciado pelo Centro de Liderança Pública (CLP), que colocou o estado como o mais competitivo do Norte/Nordeste, com destaque na segurança pública, inovação e infraestrutura. Tal situação atrai os olhares não só de empresas, mas de representantes políticos de outros países.

Na última segunda-feira, o embaixador do Azerbaijão, Rashad Novruz, conheceu as potencialidades do estado

e discutiu com o governador João Azevêdo possibilidades de cooperação com a Paraíba. Ele elogiou a capacidade administrativa do governador, os investimentos em energias renováveis, tecnologia e demonstrou interesse de promover a troca cultural entre o país e o estado.

No último mês de março o governador se reuniu com o embaixador da Suíça, Pietro Lazzeri, e tratou sobre temas bilaterais de interesse nas áreas de infraestrutura, inovação e Ciência e Tecnologia. Foram apresentados o Polo Turístico Cabo Branco, o Parque Tecnológico Horizontes da Inovação, o ambiente favorável para atração de novos empreendimentos em várias regiões, além da forte tradição em pesquisa e tecnologia e os projetos de energias renováveis com grande potencial para avançar no estado.

Em fevereiro a cônsul-geral da China no Nordeste, Yan Yuting, também conheceu o potencial econômica da Paraíba e discutiu com o governador a possibilidade de parcerias em áreas estratégicas, a exemplo da agricultura, infraestrutura e educação.

### Polo Turístico Cabo Branco

Quando o assunto é turismo os olhares dos investidores internacionais se voltam, principalmente, para o Polo Turístico Cabo Branco, maior complexo turístico planejado do Nordeste. O espaço projetado pelo Governo do Estado reunirá resorts, parque aquático, equipamentos de animação e estabelecimentos de comércio e serviços em 35 lotes concentrados em uma área de 654 hectares.

“Investimento que vão ser importantes principalmente porque vão gerar desenvolvimento econômico, social e turístico para a capital do estado. Fazer com que a economia possa girar e gerar empregos, arrecadação de tributos, a atração de novas empresas indiretas e também pela possibilidade de colocar a Paraíba na prateleira comercial de grandes operadoras de turismo e de grandes empreendimentos principalmente na área do Polo Turístico Cabo Branco”, avaliou o presidente da Empresa Paraibana de Turismo (PBTur), Ferdinando Lucena.

Levar a Paraíba e seus atrativos para o mundo é prioridade para a empresa, que tem investido na divulgação do Destino Paraíba junto a opera

doras de turismo e na participação em grandes eventos. O estado participou neste mês de abril da Feira de Viagens e Turismo WTM Latin América, em São Paulo. Já no próximo mês o turismo paraibano ganha espaço na BNT Mercosul em Balneário de Camboriú, nos dias 5 e 6 de maio. Em junho o estado está confirmado na Feira Internacional de Turismo da Amazônia, que acontece em Belém do Pará. No mês de outubro é a vez de Buenos Aires, na Argentina conhecer as belezas paraibanas durante a FIT que será realizada na cidade.

■  
**O potencial econômico da Paraíba é reconhecido nacionalmente e foi evidenciado pelo Centro de Liderança Pública (CLP), que colocou o estado como o mais competitivo do Norte/Nordeste**

Foto: Clóvis Porciuncula



A dinamarquesa Vestas investiu R\$ 1 bilhão na implantação de parques eólicos em vários municípios paraibanos

# João Modesto Filho

Presidente do CRM-PB

## Em dois anos, Conselho fez 33 interdições éticas



Médico endocrinologista fala sobre temas como *Mais Médicos* e desinteresse dos profissionais pela Saúde da Família

Lucilene Meireles  
lucilenemeireles@epc.pb.gov.br

Formado pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), João Modesto Filho é doutor em Endocrinologia pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP) e tem pós-doutorado na Universidade de Nancy, na França. Professor de Endocrinologia dos cursos médicos da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e da Faculdade de Medicina Nova Esperança (Famene), está à frente do Instituto Unigente de Responsabilidade Social, da Unimed João Pessoa. Em entrevista ao Jornal **A União**, o presidente do Conselho Regional de Medicina na Paraíba (CRM-PB) faz um balanço da gestão na entidade, que se iniciou em abril de 2021 e termina no próximo mês de setembro.

O especialista explica as razões pelas quais o CRM e o Conselho Federal de Medicina (CFM) são contra o programa ‘Mais Médicos’, discorre sobre o desinteresse dos jovens médicos pela área de Saúde da Família, comenta as condições em que muitas unidades de saúde são encontradas nas fiscalizações do CRM e destaca os resultados das vistorias.

Ele ressalta a defasagem da tabela SUS e dos planos de saúde e lamenta as dificuldades que os profissionais enfrentam no serviço público e na rede privada. João Modesto lembra que a população pode denunciar ao CRM-PB a má atuação de médicos e ressalta os riscos que o culto à beleza pode representar. Reforça que os profissionais têm que acompanhar o avanço tecnológico e comenta ainda o envolvimento de médicos na política.

### Entrevista

■ O CRM e o CFM são contra o ‘Mais Médicos’. Um dos motivos é a não obrigatoriedade de revalidação dos diplomas de estrangeiros para atuar no país. O Governo Federal retomou o programa. Qual a sua avaliação sobre isso?

É muito importante a interiorização dos cuidados da saúde. Da outra vez que aconteceu o programa, tive muitas denúncias de que pessoas que não eram médicas tinham entrado porque o controle não foi feito. Somos a favor da interiorização da medicina, mas com responsabilidade. Como está sendo feito, com médicos formados no exterior, brasileiros ou estrangeiros, que não revalidam o diploma, é irregular. O CRM, por lei, fiscaliza o exercício da medicina. Como a pessoa exerce sem estar inscrita? Somos totalmente contrários a esse arranjo burocrático em que se pode exercer a profissão sem CRM e sem passar pelo Revalida.

■ Pesquisadores da saúde criticam que os cursos de Medicina formam para especialidades quando a maior demanda é na Saúde da Família, área de pouco interesse para a maioria dos jovens médicos. Como vê essa situação?

É preocupante. Nos últimos anos, aumentaram as residências em Medicina de Família, mas ainda é insuficiente. Para interiorizar, tem que dar condições para o médico exercer, mas eles ficam concentrados nos centros urbanos maiores. O CFM tem o Sistema de Acreditação de Escolas Médicas (Saeme) para ver como estão os cursos. Outra ideia é, ao concluir o curso, fazer uma prova como a OAB faz. Se passar, tem condições de exercer; se não, teria que se ‘repreparar’. A discussão vem há anos, mas não houve consenso sobre a melhor forma. Entendemos que deve haver uma avaliação dos novos médicos. O CRM se preocupa com isso, embora não seja órgão formador.

■ As entidades defendem a federalização do cargo dos médicos do SUS. Isso deveria abranger todos os cargos técnicos

como odontólogo, médico, enfermeiro? Por quê?

Nas doenças crônicas, é indispensável o cuidado que envolve médico e equipe de saúde. Tem aspectos cirúrgicos em que é essencial o cuidado pré, durante e pós. Na cirurgia cardíaca, o paciente passava até quatro semanas no hospital. Hoje, em poucos dias, recebe alta a partir desses cuidados. A equipe também precisa de um vencimento conforme a complexidade do trabalho. Ano passado, levamos ao Senado várias reivindicações e falamos das condições de trabalho e salário justo. Interiorizar a medicina é essencial e o médico é fundamental, mas depende da equipe. Ele passa por todo um processo para, alguns anos depois, poder, com a família, morar num centro maior. No PSF, é contratado pela prefeitura, que recebe algo para repassar ao médico. Às vezes, por aspectos políticos, ele chega e sai sem nenhuma segurança. Isso é inviável. Não tem vínculo com a comunidade.

■ A pressão e interferência de alguns gestores municipais na atuação dos profissionais seria um dos principais problemas que afetam as equipes por estarem vinculadas ao ente municipal e não federal?

Em dois anos de gestão, visitamos todos os municípios do estado, PSFs, hospitais, UPAs. Em alguns, as condições de trabalho médico são lamentáveis. Postos de saúde sem condições, com goteiras e mofo, sem banheiro e ar-condicionado. Temos tido resposta razoável dos gestores. Fizemos visita ao Hospital Arlinda Marques, de média e alta complexidade na pediatria. Nesse período de viroses, os corredores e enfermarias ficam superlotados. Há uma falta de coordenação geral, de regulação de como o sistema deveria funcionar. As UPAs poderiam ter mais capacidade e atendem menos porque a população procura o Arlinda Marques. Num plantão de urgência, chegou uma criança porque estava sem ape-

tite. Poderia ter procurado um posto de saúde ou, se mais grave, a UPA. Os médicos ficam sobrecarregados.

■ O atendimento nas UBSs é uma reclamação recorrente no país. A situação foi identificada em quantos municípios da Paraíba?

Do total de PSFs da Paraíba, de 20% a 25% são precários. Temos obrigação de dar condições de trabalho ao médico no sentido de fiscalizar, e três médicos seguem um cronograma de fiscalização, que também é feita através de denúncia. Se não há condições de atender à altura, fazemos a interdição médica dizendo que ele não pode atender ali. Às vezes, fazemos interdições setoriais, mas pode ser de um PSF como um todo. Nós vamos antes, dizemos os problemas encontrados e damos um prazo. Se não resolver, interditamos. Nesta gestão, fizemos 33 interdições éticas onde não havia condições de trabalho, e na maioria das vezes, temos resposta positiva.

■ A tabela SUS foi tema da última campanha política. Qual a principal reivindicação da categoria nesse quesito?

Há dois aspectos fundamentais em que a saúde tem grandes problemas: na gestão e no aporte financeiro. É um problema sério. Eu e um amigo médico chegamos em João Pessoa nos anos 70. Éramos os únicos endocrinologistas e atendíamos SUS. Com o atendimento, mantínhamos o consultório com os gastos normais. Hoje, atendendo SUS, não se paga nem a energia, água, telefone. Faltam melhorias em termos de remuneração. Há planos para resolver e até agora nada porque tem que vir de Brasília. Por isso, entregamos reivindicações ao Senado. Não sabemos como será com as novas gestões, mas estamos cobrando para que a coisa caminhe.

■ De que forma a população pode denunciar a má atuação de médicos na Paraíba?

Recebemos, em 2022, em torno de 300 sindicâncias. Grande parte porque houve denúncia. O paciente foi mal atendido pelo médico e procura o CRM. A corregedoria designa um sindicante para analisar, ouvindo as partes. Se necessário, segue para o Conselho que define se há infração ao Código de Ética Médico. Se sim, é aberto processo ético profissional. Sendo culpado, a pena vai desde advertência confidencial até a exclusão. Tem que denunciar por escrito para tomarmos providências. Temos reclamação de mau atendimento médico, problema de relação médico-paciente. Chegam denúncias graves, financeiras, de médicos do SUS que cobram por fora, e de problemas morais que correm em segredo.

■ A tabela de planos de saúde tem sido um problema para os médicos. Como resolver esse impasse, já que muitos não querem atuar junto a planos devido a defasagem?

Anos atrás, grupos contratavam médicos para trabalhar e eles não tinham poder de decisão. Há algumas décadas, vieram cooperativas, intermediando para que ele pudesse atuar sem alguém dizer o que tinha que fa-

zer. Isso ia bem, mas piorou com a globalização, chegada do capital externo e empresas nacionais se acoplando a esse capital. Com a tecnologia na medicina, os gastos aumentam. Um plano de saúde arrecadava X e 50% eram para o trabalho médico, hoje, muitas vezes, são menos de 30%. O que interessa é o lucro do dono da empresa, e sabemos que ética e lucro não se dão bem. Quando chega capital externo, o médico é o menos remunerado. Mesmo em plano de saúde, o clínico que vai fazer só atividade em consultório tem dificuldade. Cada vez mais médicos se juntam porque o que recebem não cobre os gastos. Alguns se desligam porque têm prejuízo. Não vão pagar para trabalhar.

■ Na rede pública, o paciente espera meses por um exame e, na privada, às vezes, só consegue por via judicial. Qual a solução para isso?

Na privada, tem auditorias médicas para saber a necessidade, porque existe ‘abusividade’. Se eu peço exames para todos os meus pacientes, tem alguma coisa errada. Estatisticamente, quanto mais exames, maior a chance de um dar errado. De repente, vejo o errado e vou tratar um problema laboratorial, ou tem algo antiético por trás, e existem denúncias que sim. As auditorias servem para isso. Numa ocasião, foi indicada cirurgia cujo processo de material somava algumas centenas de milhares de reais. Quando se fez a junta médica, caiu mais da metade. Tem que haver regulação e os planos têm que ter auditoria. A Agência Nacional de Saúde (ANS) é o órgão regulador para a parte particular.

■ E na rede pública?

Também há problema. Num programa de cirurgia de catarata, por exemplo, o paciente se consulta hoje e precisa voltar em duas semanas, e é frequente só conseguir em quatro meses. Na regulação de atendimentos, se PSFs e UPAs cumprissem seus papéis, desafogaria os serviços. Por isso, o treinamento do clínico geral e médico da família tem que ser bem feito. Sempre digo a meus alunos, se alguém chegar com uma glicemia de 105 – o normal é de 70 a 99 – tem que ver no PSF. Se encaminha para especialista, engrossa a fila, e o que está com glicemia 300 fica prejudicado. Tem o aspecto de gestão, o educacional de todos, do médico, da população. Em curto prazo, ficamos ainda sem ver uma luz no fim do túnel.

■ O culto à beleza preocupa o CRM?

É algo muito sério tomar medicamentos para longevidade, antienvhecimento, performance. Algumas olimpíadas atrás, nadadoras australianas e alemãs ganhavam tudo. Depois se soube que usavam anabolizantes e outras substâncias não saudáveis. Muitos faleceram cedo, alguns por câncer. Quem toma, acha que vai servir para ficar mais jovem, mas a conta chega. O CFM avalia isso com ênfase. Muitos têm se prejudicado com os kits de implantes hormonais para rejuvenescer. Hormô-

nio se toma quando precisa. Jovens são atendidos em serviços de urgência por tomar substâncias hormonais, anabolizantes, que estimulam o organismo. Misturar com bebida ou outra coisa, resulta em problemas cardíacos e, vez ou outra, temos casos letais.

■ Com a popularização de redes sociais e tecnologia, as intervenções estéticas têm atraído adeptos a clínicas de estética e emagrecimento. O que é exclusivamente atribuição dos profissionais médicos nesse segmento?

Há uma discussão em torno da inteligência artificial. Estamos engatinhando para saber até onde vai. A preocupação para tratar a pessoa humana é ver os prós, mas há contras. Tem médico que se forma num dia e, no outro, está fazendo propaganda de como rejuvenescer com segurança. Se lança no mercado, talvez, sem nenhuma experiência, promete e faz coisas que não deve, usa substâncias com as quais não tem habilidade. Rede social se tornou um problema. Às vezes, atendo no consultório e o paciente diz que foi ver no Google. Pode ter informações corretas. O problema é como vamos juntar aquilo para chegar no que é bom. Alguns são ansiosos e chegam certos de que estão morrendo. Rede social é importante, usar indevidamente é o problema.

■ A medicina tem acompanhado a velocidade dos avanços tecnológicos. Qual é o desafio para os futuros profissionais que atuarão na área nas próximas décadas?

Tem que acompanhar os avanços porque isso não tem retorno. Há 30 anos, se disséssemos que um robô ia operar um paciente em João Pessoa e o médico lá na Inglaterra era ficção científica. Hoje acontece e há outros exemplos. Num hospital pequeno da Bélgica, a inteligência artificial diz, mais ou menos, quantos pacientes serão atendidos e quais as patologias mais frequentes num dia. Assim, o médico fica mais preparado para aquele dia quando podem chegar cinco infartos, dez gastroenterites. São coisas que vão acontecer cada vez mais. Cada um deve acompanhar, na medida do possível, porque não tem volta. Tem que saber utilizar as inovações.

■ Desde 2018, a classe médica se envolve na política partidária. Alguns assediavam pacientes por votos. Como o CRM se posiciona quanto a isso?

Tivemos casos de políticos médicos que alertamos porque estavam exagerando na forma de atuar, fazendo da medicina um modo de ganhar voto de maneira indevida. Do ponto de vista institucional, os CRMs pretendem que tenhamos uma boa medicina, um atendimento digno à população e remuneração justa. Entrar em disputa sobre ser um candidato melhor que outro não é papel nosso. Eles devem mostrar que são bons. Eu posso ter meu candidato enquanto eleitor. Enquanto instituição, não vou afirmar que um candidato é melhor do que outro. Nossa função é prezar para que a medicina seja bem exercida.

INFÂNCIA SAUDÁVEL

# Brincar ao ar livre estimula crianças

Interação com os amigos em espaços abertos de lazer é muito importante para o desenvolvimento infantil

Fotos: Ortilo Antônio



Levar as crianças para brincar fora de casa auxilia no desenvolvimento cognitivo, social e humano dos pequenos, além de fortalecer o organismo e ajudar na criação das memórias da infância

Ítalo Arruda  
Especial para A União

Mais do que diversão, propiciar às crianças momentos de lazer ao livre pode contribuir, significativamente, para o desenvolvimento cognitivo, social e humano dos pequenos. Investir em brincadeiras a céu aberto é uma alternativa para os pais que buscam manter o bem-estar físico e mental dos filhos. Além disso, esse tipo de programação ajuda a criança a desenvolver a criatividade, uma vez que o espaço exterior ao ambiente doméstico estimula a imaginação e os sentidos.

É o que afirma a psicanalista e psicóloga clínica, Ilze Setubal. Segundo ela, o contato com a natureza – que oferece diversas vitaminas necessárias para o corpo, como, por exemplo, a vitamina D, obtida pela luz solar – é imprescindível para o crescimento saudável das crianças.

“Brincar livremente possibilita desenvolver a motricidade, o tato, o olfato, melhora o sistema imunológico,

beneficia a saúde física, contribui para o interesse em ter uma alimentação saudável, pois colher frutas diretamente do pé, plantar e colher alimentos, aguça o desejo de querer consumir o que plantou”, destacou Ilze.

A psicanalista acrescenta, ainda, que interação com outros espaços, além do quarto ou o terraço de casa, permite o desenvolvimento biopsicossocial da criança, que estabelece uma relação saudável com o meio no qual está inserido. “Já existem estudos que mostram que esse contato pode reduzir os sintomas de Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), do estresse e da obesidade infantil”, falou.

Ciente de todos esses benefícios, a auxiliar de produção Andressa Ritielle, 30 anos, reserva, pelo menos, um dia na semana para passear com as filhas Analice Vitória e Ana Beatriz. Este, aliás, é um compromisso fixo da sua agenda.

“Hoje em dia a nossa vida é tão corrida, que quase falta tempo para fazer um pro-

grama diferente com os nossos filhos. Sempre reservo um dia para que a gente saia da rotina e faça alguma coisa juntas”, disse a mulher, reforçando que isso faz bem não só para as meninas, mas também para ela.

O mesmo faz o casal Igo Nunes e Laura Souto, pais de

Vitória Esther. Apesar de a filha já estar entrando na fase da pré-adolescência, prestes a completar 13 anos, eles não abrem mão de um passeio ou uma programação ao ar livre. “A gente gosta de passear pela orla, alugar uma bicicleta. Ela também gosta de patinar na calçadinha. Como

temos apenas o fim de semana para ficarmos mais tempo juntos, por causa do trabalho, aproveitamos para fazer algo desse tipo”, afirmou o pai.

De acordo com Ilze Setubal, a família é uma base importantíssima para a constituição do ser humano, servindo como o primeiro

espaço para a socialização da criança. “Por isso, brincar em família é uma oportunidade de passarmos nossos valores, estreitarmos os laços afetivos, nos reconectar com a nossa criança interior, além de ajudar na formação saudável e no bem-estar dos nossos filhos”, avaliou.



Piqueniques estão entre as atividades favoritas das famílias para reunir a criançada ao ar livre

**Brincar livremente desenvolve a motricidade, beneficia a saúde e contribui para o interesse na alimentação saudável**

Ilze Setubal

## Espaços públicos auxiliam contra a dependência tecnológica

Não é novidade que, cada vez mais, os aparelhos eletrônicos, com destaque para os smartphones, têm sido inseridos nas rotinas das famílias, inclusive, como uma opção de lazer e entretenimento dentro dos lares. Para evitar dependência de tais dispositivos e, consequentemente, o isolamento das crianças, faz-se necessário impor limites e buscar outros meios de diversão.

Segundo a psicóloga Ilze Setubal, não se trata de “demonizar” as tecnologias – considerando que elas trouxeram avanços significativos e possuem várias vantagens –, mas de alertar



■ Atividades lúdicas em grupo são uma opção para evitar a dependência dos dispositivos eletrônicos na infância, orienta Ilze

os pais sobre a importância de estimular o contato social em detrimento do contato virtual. “Os pais devem programar outras atividades lúdicas como ler livros, cozinhar juntos e, principalmente, abrir um espaço na agenda para brincadeiras como patins, parquinhos, patinetes e esportes em grupo”, observou Ilze Setubal.

Além de contribuir para a saúde, essas atividades, conforme observou Ilze, ajudam a minimizar a dependência tecnológica. “Afinal, criança que brinca e pratica esportes, não tem tempo para estar o tempo toda conectada”, concluiu.

Nos passeios que a co-

merciante Michele da Cruz Marinho, 36 anos, faz com seus filhos, a regra é clara: não se leva o celular. Mãe de duas meninas e cinco meninos, Michele diz que a melhor opção de lazer é fora de casa. “Aqui tem mais espaço para eles brincarem à vontade, a gente se desliga do mundo, traz água, bastante comida e faz a festa”, afirmou a mulher, enquanto organizava um piquenique para as crianças que brincavam, sob a sua observação, nos brinquedos públicos do Parque da Lagoa, no Centro de João Pessoa.

“Eles adoram quando a gente sai para brincar. Os meninos gostam muito de



■ Michele Marinho usa as atividades ao ar livre para melhorar o convívio social das crianças distante dos celulares

jogar bola ao ar livre, então, como a gente mora aqui no Centro, a Lagoa acaba sendo o nosso principal destino, mas a gente também gosta de ir a outros locais abertos, como a praia, a Bica e algumas praças”, acrescentou Michelle ao ressaltar que, quando a brincadeira termina, as crianças voltam muito mais calmas para casa.

Além de favorecer a autoestima e a socialização, brincar ao ar livre – reforça Ilze – contribui para a liberação de energia, para liberação de endorfina e serotonina, para a socialização entre pais e filhos, “e tudo isso é de suma importância para uma boa saúde mental”.

MENSAGENS

# Vazamentos podem gerar danos civis

*Segurança na internet é garantida por legislação, que prevê responsabilizações diversas para autores de delitos*

Nalim Tavares  
*Especial para A União*

Com o avanço da internet e dos aplicativos de conversa, trocar mensagens *on-line*, com uma única pessoa ou em grupos de amigos, se tornou uma atividade comum. Em *chats* privados, é possível encontrar uma ampla variedade de assuntos — de trabalho à vida pessoal, de conteúdo inofensivo até aqueles que ferem a honra de terceiros.

De qualquer modo, o nome já diz: tais conversas são privadas, e seu teor particular é resguardado pela Constituição Federal, a fim de proteger a intimidade e o sigilo dos cidadãos. Assim, vazar mensagens trocadas em contexto privado pode ser passível de indenização.

É preciso entender que cada caso é um caso, e que utilizar, por exemplo, *prints* de mensagens para comprovar um crime, como *bullying* virtual e outras violências, é permitido. Segundo o delegado titular da Delegacia de Crimes Cibernéticos da Paraíba, João Ricardo, “o vazamento de conversas privadas, imagens ou áudios, pode caracterizar responsabilidade civil, dependendo do contexto. Em relação à área criminal, pode caracterizar, normalmente, crimes contra a honra, como difamação, calúnia ou injúria, tudo a depender do que está escrito. Esses crimes se consumam quando alguém mostra, para terceiros, o que foi falado em conversa privada. Mas todo caso depende muito do contexto e do teor das mensagens”, afirmou.

Maria, nome fictício pelo qual a fonte pediu para ser identificada, fazia parte de um grupo de WhatsApp com cinco amigos. Ela relata que, um dia, foi confrontada por uma colega na universidade, sobre mensagens que haviam sido trocadas através do aplicativo. “Eu estava na sala, esperando a aula começar, e essa minha colega entrou e veio direto para mim, gritando que sabia de tudo. Ela relatou o conteúdo das mensagens, me xingou, e eu não consegui reagir, porque, naquele momento, não tinha ideia de como isso tinha chegado até ela”, lembra.

As mensagens no grupo se referiam a uma situação de conflito entre Maria e a colega, que nunca foram próximas e se desentenderam ao fazer um trabalho em grupo para uma cadeira da universidade. Depois do relato, outros dois participantes mencionaram animosidades do passado, envolvendo a mesma pessoa, e, a partir daí, os três começaram a falar sobre o que não gostavam no comportamento da colega. “Era uma conversa entre nós, que tínhamos a mesma opinião sobre a mesma pessoa. Falamos mal dela, sim, e acho que é comum falar mal de alguém com seu grupo de amigos. Nós não tínhamos a intenção de afetar a menina, porque não queríamos espalhar nada para terceiros. Mas uma das pessoas no grupo era amigo dela, tirou *prints* das conversas e mandou para ela”, falou.

O ocorrido chegou até os demais participantes do grupo. Um dos amigos com quem



Fotos: Freepik

Mensagens privadas em aplicativos de conversas também estão passíveis da aplicação da legislação vigente de proteção de dados

Maria tinha falado a respeito da colega resolveu entrar com um processo, e a pessoa que vazou as mensagens precisou pagar uma multa aos demais participantes, por quebrar o sigilo da conversa que deveria ter sido mantida entre eles. “Não há um valor fixado de indenização, mas nós recebemos dois salários mínimos, na época R\$2.200. Pelo que o advogado disse, a multa pode ser maior, dependendo da situação”, ressaltou.

De acordo com João Ricardo, “cada crime tem sua pena e, em um caso como esse, onde o crime é o vazamento de mensagens privadas, tudo depende do contexto. Qualquer circunstância muda o crime, e às vezes o caso passa a ser atípico, às vezes a pessoa responde por mais de um crime”. O delegado conta que o vazamento de mensagens é especialmente comum entre jovens no

âmbito escolar e universitário. “Em grupos de WhatsApp, às vezes, falam muito de outras pessoas. E aí, quando esse tipo de conversa vaza, pode sim caracterizar um crime. Esse crime, na verdade, se consuma quando alguém fala para terceiros o que foi dito em contexto privado, e a pena realmente varia, de multa a reclusão, de caso para caso. Quando se coloca na *internet*, por exemplo, um número incalculável de pessoas pode vir a ter acesso”, ressaltou.

A infração está prevista no artigo 253 do Código Penal Brasileiro, que define como crime “divulgar alguém, sem justa causa, conteúdo de documento particular ou de correspondência confidencial, de que é destinatário ou detentor, e cuja divulgação possa produzir dano a outrem”. Em decorrência da popularização de *chats on-line*, em que as con-

versas ficam armazenadas, ocorrências de vazamento estão cada vez mais comuns, de acordo com João Ricardo. “E não tem muito como se proteger”, disse o delegado. “Tudo o que é conversado de forma privada precisa ser baseado na confiança, especialmente quando falamos de conversas *on-line*, que ficam registradas”.

O advogado Bernardo Netto Braz da Cunha conta que existe um entendimento por parte da Terceira Turma do Supremo Tribunal Federal (STF), segundo o qual “há a possibilidade de se gerar uma indenização por danos morais, quando ocorre o vazamento de conversas de grupos privados do WhatsApp, sem o consentimento dos demais participantes, porque subentende-se que aquele âmbito, daquela conversa, é justamente privado. Então não pode haver a disseminação daquele conteúdo,

sem o consentimento dos demais”, enfatizou.

Entretanto, Bernardo frisa a exceção à regra: “o STF tem entendido, em alguns de seus julgados, que, quando se tratar, por exemplo, de uma conversa que, muito embora seja privada, diga respeito ao direito de defesa em um processo penal, você não precisa da autorização de outros integrantes do grupo, justamente pelo princípio da Ampla Defesa. Então, se você for utilizar aquela informação para sua própria defesa, está autorizado”.

O advogado ressalta, ainda, que, a depender do conteúdo disseminado, a responsabilização pode vir a ser cível ou criminal. “Se, no âmbito de um grupo privado, houver o vazamento de conversas íntimas, que apenas diga respeito às pessoas naquele grupo, esse caso pode ter responsabilização civil. Já no caso do vaza-

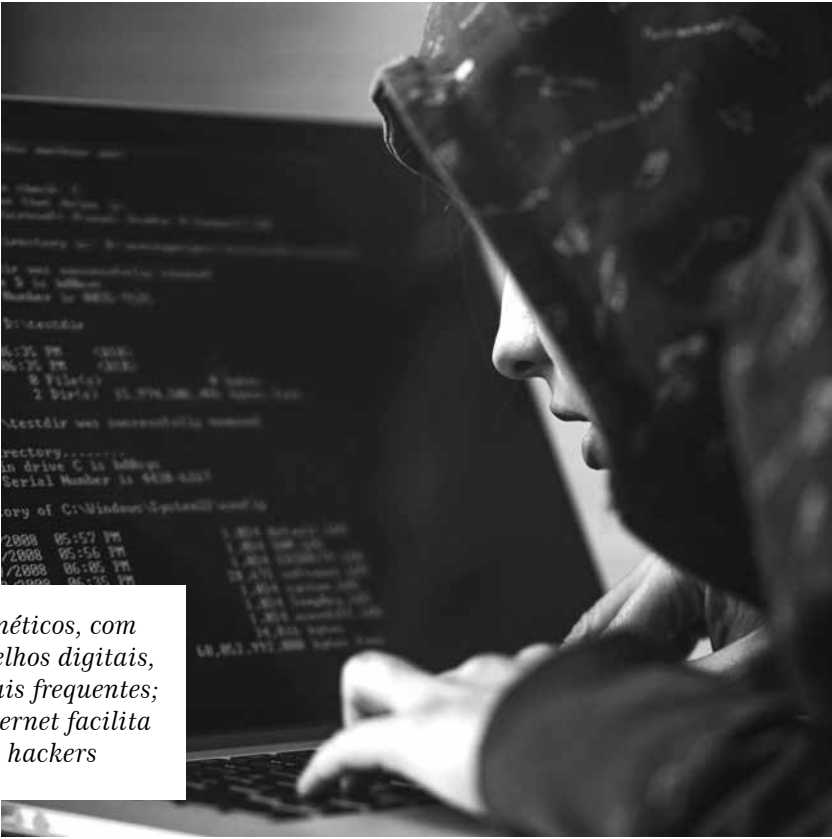
mento de imagens envolvendo nudez, por exemplo, pode ter, sim, uma responsabilização criminal”, explicou.

A responsabilidade civil, comumente, é patrimonial, e envolve o ressarcimento da vítima, que precisa requerer a reparação. Já no caso da responsabilidade penal, uma norma de direito público foi infligida, e é do interesse da sociedade que o infrator seja responsabilizado.

No Brasil, algumas das leis que tratam diretamente de crimes virtuais se referem ao Marco Civil da *Internet*, Lei nº 12.965/14, que disciplina direitos e deveres para quem faz uso da rede; a Lei Geral de Proteção de Dados, nº 13.709/18, e uma das primeiras leis acerca de crimes virtuais, a Lei Nº 12.737/2012, popularmente conhecida como “Lei Carolina Dieckmann”, que visa combater o uso indevido da internet.



Ataques cibernéticos, com invasão a aparelhos digitais, são cada dia mais frequentes; mau uso da internet facilita ataques de hackers



## Aumento de segurança evita ataques cibernéticos

■ Manter os aparelhos com sistemas atualizados é uma das formas de evitar ataques cibernéticos

Para além dos casos de mensagens vazadas por uma pessoa com quem a vítima se correspondeu diretamente, existem também as ameaças cibernéticas promovidas por *hackers*, que invadem aparelhos digitais, como celulares e computadores, e conseguem o acesso ilícito a dados pessoais. Para se proteger de ocorrências

do tipo, o técnico de informática Luíz Farias diz que “existem formas de aumentar a segurança, algumas mais simples, outras mais complexas, todas de grande ajuda”.

O técnico ressalta as atualizações de *software*, antivírus e cuidado com as senhas como um esquema fundamental de segurança

cibernética. “Sistemas atualizados costumam vir com correções na segurança, e antivírus ajudam a identificar e neutralizar possíveis ameaças. Senhas bem pensadas são uma medida simples, mas importante, assim como mantê-las em sigilo”, explicou.

Segundo ele, “também é importante ter cuidado com

*links* piratas, páginas pouco seguras da *web*, que normalmente não possuem aquele cadeado ao lado do nome do *site*, e com *e-mails* e mensagens de desconhecidos, por exemplo. Se você precisar baixar algum arquivo na *internet*, é fundamental ter certeza de que está baixando um arquivo e de uma fonte confiável”, finalizou.

PATRIMÔNIO

# Arquiteturas das balaustradas reúnem história e sofisticação

*Estruturas históricas do século 18 no Centro de João Pessoa provocam nostalgia nos moradores*

Ítalo Arruda  
*Especial para A União*

Além de história e significados, as balaustradas são equipamentos arquitetônicos cheios de beleza e sofisticação. Em João Pessoa, elas começaram a aparecer durante o século 18, provocando mudanças na arquitetura da cidade e alterando o seu aspecto colonial. Comuns em bairros históricos, como Jaguaribe, Cruz das Armas e Centro, as balaustradas são um convite à admiração e contemplação dos espaços de lazer da capital.

Entre as mais conhecidas – e também visitadas – destacam-se aquelas instaladas no entorno do Pavilhão do Chá, incluindo os coretos; bem como as balaustradas nas aberturas do andar principal (pavimento superior) do Palácio da Redenção, naquela mesma região. Também é possível observar balaustradas nas janelas e interiores de alguns conventos, templos religiosos e edificações históricas, como, por exemplo, no Centro Cultural São Francisco e no prédio do

Teatro Santa Roza, ambos no Centro.

De acordo com Ivan Cavalcanti Filho, doutor em História da Arte pela Oxford Brookes University, na Inglaterra, e professor de História da Arquitetura do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), a função da balaustrada era “proteger” os moradores ou visitantes de uma determinada residência.

“Era um tipo de proteção para o corpo, ou seja, um guarda-corpo, usualmente colocado em portas externas do pavimento superior dos palácios, mais conhecido como “piano *nobile*”. Era também usado como platibandas (moldura horizontal), na parte superior das fachadas, para esconder os telhados”, afirmou o pesquisador, destacando que esse tipo de elemento festejava o centenário da Independência do Brasil e, com o passar do tempo, foi se tornando uma tendência dos projetos arquitetônicos.

Ainda de acordo com Ivan Cavalcanti, a origem da balaustrada remonta ao período do Renascimento, em meados

“

**Era um tipo de proteção para o corpo colocado em portas externas de pavimentos superiores de palácios**

Ivan Cavalcanti Filho

do século 15. “Foi algo muito utilizado em edificações de palácios por importantes arquitetos da época, como Vignola, Palladio, entre outros”, destacou o professor ao ressaltar que a balaustrada é formada a partir do “alinhamento” de vários balaústres (peça ornamental, de aspecto arredondado, que consiste em um pequeno pilar ou uma pequena coluna).



Fotos: Marcos Russo

Praça Aristides Lobo ainda conserva parte das balaustradas, mesmo sem revitalização

## Ação do tempo e falta de revitalização afetam patrimônio

Localizada na Rua das Trincheiras, em Jaguaribe, a balaustrada que leva o mesmo nome do logradouro é uma das mais antigas da capital paraibana. O local, no entanto, está visivelmente abandonado. Além da depredação, a sujeira e falta de iluminação são alguns fatores que dificultam o acesso.

Criada durante o governo de Camilo de Holanda, o monumento foi construído por volta de 1918 e tombado, em 1980, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (Iphaep).

O local – que já soma 105 anos – foi construído com o

objetivo de proporcionar à população um espaço de lazer e contemplação de uma parte da cidade, com destaque tanto para os casarios daquelas imediações quanto para o bairro de Cruz das Armas, tendo em vista que a balaustrada fornece uma vista panorâmica da região.

A reportagem do Jornal A União procurou a Coordenadoria do Patrimônio Cultural de João Pessoa (Copac-JP), órgão responsável por coordenar, planejar, fiscalizar e supervisionar atividades de proteção e restauração de bens materiais, históricos e culturais da capital, para saber se existe alguma ação da

prefeitura para requalificação do equipamento público, e foi informada que existe um projeto. A pasta, no entanto, não deu detalhes sobre a recuperação da balaustrada, como que tipo de obras e intervenções foram planejadas, bem como o prazo de execução de tais serviços e o valor do investimento.

### Memórias afetivas

Considerando que uma parcela significativa das balaustradas está situada na região central da capital, elas não só fazem parte do patrimônio histórico, mas também despertam a memória afetiva de algumas pessoas que nutrem

uma relação de pertencimento à cidade e aos seus elementos.

É o caso do jornalista, escritor e compositor Fernando Moura, que, de forma nostálgica, rememora a balaustrada da Praça Aristides Lobo, no Centro Histórico de João Pessoa. “A minha relação com aquela balaustrada é meramente sentimental, porque eu morei um tempo na Rua da Areia e era passagem obrigatória”, afirmou Fernando.

Ele ressaltou, ainda, que no trecho onde estão fixadas as balaustradas – bastante deterioradas e em situação de abandono –, durante as décadas de 1980 e 1990, havia

um tráfego intenso de veículos e pedestres. “Eu me recordo que muita gente transitava por ali, e a criançada usava o espaço para jogar bola, fazer partidas de baleado, entre outras brincadeiras infantis”, acrescentou o escritor.

Naquela época, também era comum, no entorno da balaustrada, a presença de “lambes-lambes” (fotógrafos ambulantes que utilizavam seus equipamentos, instalados em uma cabine, em espaços públicos). “Havia mais de uma dezena. Como era muita gente passando pelo local, muitas pessoas aproveitavam para fazer suas fotos ali mesmo”, lembra Fernando Moura.

“

**A minha relação com a balaustrada da Aristides Lobo é meramente sentimental. Muita gente transitava por ali**

Fernando Moura



Balaustradas trazem um charme arquitetônico e representam marcos históricos da cidade. Maiores concentrações dessas edificações estão no Centro, Jaguaribe e Cruz das Armas



JOCA CLAUDINO

# Município foca em cultura e turismo

Cidade do Alto Sertão paraibano tem buscado investir em eventos populares para estimular a economia

Juliana Cavaleanti  
julianacavaleanti@epc.pb.gov.br

O município de Joca Claudino está localizado no Alto Sertão paraibano, na microrregião de Cajazeiras e na Região Geográfica Imediata de Sousa. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a cidade possui uma área de 71,799 quilômetros quadrados (dados de 2022) e uma população estimada em 2.640 habitantes (2021). Além disso, possui densidade populacional de 35,6 habitantes por km² no território do município.

De acordo com o secretário de Cultura e Turismo da cidade, Clodoaldo Araújo, o município tem como principais atividades econômicas e fontes de renda a agricultura, as aposentadorias, os empregos vinculados ao Governo Municipal e os programas sociais. Ele destacou ainda que o entretenimento, o lazer, o turismo e a cultura aquecem a economia local e fortalecem a geração de emprego e renda.

A atual gestão tem buscado melhorar a infraestrutura do município através da iluminação, aberturas e pavimentação de ruas e avenidas, preparando o local para desenvolvimento e crescimento no centro urbano. Neste sentido, a assessoria da Superintendência de Obras do Plano de Desenvolvimento do Estado (Suplan) do Governo do Estado informou que está prevista para Joca Claudino, a manutenção da Escola São José do Operário (estabilização de fundação). Com investimento de R\$ 995 mil, o projeto da obra, conforme o órgão, aguarda a ordem de serviço.

Um dos principais investimentos para o desenvolvimento da cidade está ligado às questões culturais e turísticas. Sobre isso, o secretário Clodoaldo Araújo adiantou que o município tem realizado eventos culturais e artísticos que movimentam a economia local, como também criam momentos de lazer, diversão e entretenimento. “Esses eventos fazem com que o turista venha à cidade através

“  
Esses eventos  
fazem com  
que o turista  
venha à cidade  
através da arte  
e da cultura  
produzida  
pelos joca-  
claudinenses

Secretário Clodoaldo Araújo

da arte e da cultura produzidas pelos joca-claudinenses”, destacou.

Os pontos turísticos mais visitados são as igrejas católicas de São José Operário, Nossa Senhora da Conceição, Santa Luzia e Santa Rita de Cássia.

Outros locais procurados na cidade são a praça de eventos “O Gonzaguinha”, o campo de futebol “o Duartão” e o Ginásio “O Luisão”. As paisagens naturais do Sertão também se destacam na cultura e turismo da cidade, que possui cerca de 334 metros de altitude. Entre os locais mais visitados estão as cachoeiras do açude velho e a cachoeira da montanha, além do mirante do Cruzeiro Velho. “Outros locais importantes são a área de lazer Algarobbar, a área de lazer Isa, a Pizzaria PJ e a pizzaria Privilégio”, acrescentou o secretário Clodoaldo Araújo.

O turismo também é incrementado com o Projeto Rota do Sol, roteiro educativo, cultural e social que acon-



Fotos: Divulgação

Situada a 334 metros de altitude, Joca Claudino também se destaca pelas belas paisagens naturais

tece no terceiro final de semana de novembro, valorizando as tradições, dando um novo sentido à identidade do povo nordestino. “O roteiro turístico e cultural é o fortalecimento de seis cidades do Alto Sertão paraibano em busca de melhorias e visibilidade às tradições do povo sertanejo. Ele cria um intercâmbio cultural das manifestações brasileiras e mundiais através do Festival Internacional das Culturas Populares do Alto Sertão paraibano, que é realizado em cada cidade que recebe o projeto”, ressaltou secretário de Cultura e Turismo.

As manifestações culturais como as cavalgadas, os caboclos do Sertão e os movimentos religiosos fazem parte da identidade do município. Além destas, também se destacam o grupo folclórico Tropa de Danças Regionais, a Banda Marcial Poeta Evaristo, o grupo musical Rayane Bernardo e Guilherme Costa, além do artesanato.



Banda Marcial Poeta Evaristo é presença garantida nos eventos

## Festas locais valorizam e promovem a diversidade cultural



Igreja de São José Operário, padroeiro do município de Joca Claudino



Romaria de Nossa Senhora das Graças ocorre no dia 12 de setembro

As festas municipais atraem turistas e a população local, que aguardam bastante por essas comemorações. Entre as principais está o Joca Folia “Seu carnaval começa aqui”, realizado na sexta-feira de Carnaval, sendo uma das maiores festas que movimentam o turismo local, “o setor econômico ganha força gerando emprego e renda com a prévia carnavalesca, sempre animada pelos blocos e shows musicais”, comentou o secretário Clodoaldo Araújo. Outra data reconhecida é o Domingo de Páscoa quando acontece o Encontro de Turmas de Caboclos cuja proposta é reunir turmas de caboclos do município e cidades vizinhas na praça “O Gonzaguinha”.

O objetivo, segundo o secretário, é mostrar a diversidade cultural, buscando manter, fortalecer e difundir essa manifestação proporcionando momentos de entretenimento e lazer para os moradores, mas também enaltecendo a memória daqueles que fazem parte dessa cultura popular que reúne muitos admiradores. “Todos os anos, os caboclos da Semana Santa saem às ruas. Indivíduos mascarados, cobertos, com palhas ou roupas coloridas pedem doações, os ‘Jejuns’. Brincar de caboclo é uma manifestação passada de pai para filho, de avô para neto”, explica.

As festividades alusivas ao Padroeiro São José Operário estão en-

tre as mais conhecidas na região. Ela acontece entre 22 de abril e 1º de maio. A Festa de São José Operário, tem como ênfase as ações religiosas que acontecem durante as dez noites de festejos, com celebrações de missas, novenários, terços, procissões e batizados, desfile e quermesses. Na área social, a festa traz atrações culturais, desfile de rei e rainha da festa, bingos e leilões, “esta época é sempre um momento de alegria e de renovação da fé dos devotos de São José Operário. É uma festa linda que é tradicional”.

A programação religiosa contempla ainda a Romaria de Nossa Senhora das Graças no dia 12 de setembro, quando é comemorada a festa da padroeira, do Sítio Vertentes. A comunidade acorda com o barulho dos fogos, das badaladas do sino e com o som que anuncia a chegada da Romaria. Centenas de fiéis se concentram na Igreja Matriz de São José Operário para sair em caminhada em um percurso de cinco quilômetros rezando, cantando, agradecendo, intercedendo e pagando promessas em agradecimento a Nossa Senhora das Graças, a protetora da medalha milagrosa.

Os festejos juninos também estão no calendário municipal com o São João Cultural, no segundo final de semana do mês de junho, entre a comemoração dos dias de Santo Antônio e de São João. O evento inclui

queima de fogueiras, quadrilhas juninas, forró pé de serra, apresentações culturais, show musical, comidas típicas e as decorações juninas. As atrações são voltadas aos moradores e visitantes, que geralmente são de algumas cidades do Nordeste nessa época. Todos celebram as festas dos três santos juninos, com superstição, costumes e tradição.

Além desses eventos, a festa de emancipação política comemora o aniversário da cidade e acontece entre os dias 23 a 25 de julho, datas marcantes na história do município. No dia 23 de julho é comemorado o dia do nascimento do fundador do município, Padre Antônio José Duarte. E no dia 25 de julho é celebrado o nascimento de Seu Joca Claudino, homem que deu nome ao município.

As crianças também fazem parte das tradições municipais, pois no dia 12 de outubro ocorre o Dia da Criança Feliz - festa na praça de eventos “O Gonzaguinha”. Nessa comemoração, os pais e responsáveis trazem suas crianças para uma noite de diversão, degustação, show artístico e arte. E no dia 31 de dezembro, acontece o reencontro das famílias em praça pública, durante o especial de fim de ano. O Réveillon conta com atrações musicais, queima de fogos e comemoração para a chegada do novo ano, em um momento de confraternização entre amigos.

Letras autorais do EP contam com humor e ironia, mesmo conteúdo que serviu como marca registrada que os paraibanos Juzé (E) e Lukete (D) imprimiram nas personalidades de Totonho e Palmito, seus personagens do folhetim da Rede Globo



Foto: Marcos Russo

## LANÇAMENTO

# Protagonistas da irreverência

Juzé e Lukete apresentam seu 1º disco, projeto que consideram um ‘spin-off’ musical da novela ‘Mar do Sertão’

Joel Cavalcanti  
cavalcanti.joel@gmail.com

Totonho e Palmito saíram do universo da cidade fictícia de Canta Pedra para levar o sucesso que tiveram na novela da Rede Globo, *Mar do Sertão*, para outras plataformas. Com o lançamento neste mês de um EP com sete faixas dos atores e músicos paraibanos Juzé e Lukete, eles definem o trabalho como um *spin-off* musical da produção televisiva. “*Spin-off*” é termo definido quando personagens secundários se tornam protagonistas de outras produções baseadas numa obra preexistente. “A gente imprimiu muito de nossa personalidade em Totonho e Palmito porque a gente tinha essa liberdade. E Totonho e Palmito cantariam algumas dessas canções, como ‘Vicieei em tu’, ‘Nietzsche Aboyador’ e ‘Amor de Feira’”, relaciona Juzé, que deu vida a Totonho no folhetim televisivo das 18h.

O que sobressai no álbum é a irreverência presente nas letras autorais marcadas pelo humor e a ironia. Há também a busca por

realizar uma música popular urbana com os ritmos mais tocados no Nordeste contemporâneo. Intitulado *Juzé & Lukete – Lukete & Juzé*, o EP com cerca de 20 minutos conta um estilo musical que transita entre o pop, o brega-funk, o trap e a swingueira. “As músicas têm muita relação com o Nordeste que a gente apresentou na novela, com toda a mistura de ritmos, de brincadeiras e signos que a gente entregava na nossa apresentação a cada capítulo”, complementa Juzé, que é também músico na banda pessoense Os Gonzagas, além de ser diretor artístico de Juliette. A relação com a novela não acaba por aí.

O álbum foi produzido pela Cachoeira Music, empresa que reúne artistas das mais variadas regiões do Brasil, e de propriedade do ator recifense Renato Góes, que viveu o vilão Tertulino em *Mar do Sertão*. A convivência nos bastidores foi fundamental para que o trabalho da dupla paraibana chegasse às principais plataformas de áudio. “O que a gente mais gosta de fazer quando estamos juntos é criar coi-

sas, músicas, leseiras e até inventar campanhas para nome de farmácia, de padaria e loja de sapato. Algumas músicas foram criadas antes do período da novela, durante a pandemia, e estavam guardadas. A gente queria lançá-las de todo jeito porque nós adoramos essas músicas e sabíamos que elas funcionam. Onde a gente estivesse juntos, era um momento para criar essas músicas”, detalha Juzé.

## Diversidade musical

A estética sonora do álbum busca um filão fonográfico que nem sempre é bem explorado pelo mercado e tem por base a sátira e o absurdo do nonsense, como afirma Lukete, o pessoense Lucas Queiroga. “São muitas referências, como Mamonas Assassinas, Raimundos, Genival Lacerda, DJ Maluco, Getúlio Abelha, etc... Iremos transitar por vários universos. O EP mostra um pouco disso em sua produção musical, onde se observa uma variação de estilos numa só música. A música ‘Impeachment’, por exemplo, tem um início classudo, em piano, tem piseiro, tem rock e

tem trap”. Para Lukete, essa mistura é proveniente da diversidade musical encontrada na Paraíba. “Nosso estado é a causa. Toda nossa linguagem vem dele, da nossa vivência dentro dele, nas festas que íamos, os artistas que consumíamos, com quem fizemos amizade. Nascemos, os dois, sendo contagiados a tudo isso”, garante o intérprete de Palmito.

Por enquanto, ainda não há nada decidido sobre uma agenda de shows ou apresentações ao vivo. Tudo dependerá da repercussão do álbum. Mas as perspectivas são otimistas para a dupla. “As pessoas queriam rir e se sentir bem, e foi o que a gente fez na nossa música. Elas têm tons bem humorados e isso vem funcionando. Foi assim na novela e com outras bandas que a gente conhece. Quando isso é bem aproveitado, acontece um ‘boom’”, confia Juzé, que se afirma como uma representante de uma visão do Nordeste mais atual. “A gente ama o Nordeste do passado, que entrega a cultura que está viva até hoje e vem com sua essência po-

pular do repente, do cancionário nordestino de grandes clássicos. Tudo isso deu a gente um repertório para compor essa versão de Nordeste que as pessoas veem na gente. Os grandes clássicos deram essa oportunidade de a gente falar sobre o que a gente está vivendo agora na cultura nordestina. Isso está entranhado na gente e nos entregou tudo: a originalidade e a propriedade para a gente falar o que estamos falando agora”, conclui Juzé.

Imagem: Divulgação



Reunindo sete músicas, disco tem um estilo que transita entre o pop, o brega-funk, o trap e a swingueira

# Artigo

Estevam Dedalus  
Sociólogo | colaborador

## Pânico moral e ataques às escolas

Situações de pânico moral são momentos propícios para a adoção de políticas repressivas e o aumento do controle social. Os membros de sociedades que experimentam o pânico moral, geralmente, têm a sensação de que a vida social está com suas regras morais enfraquecidas, deixando-as à beira de um colapso.

A consequência disso é o medo. Com o aumento da irracionalidade, a proliferação de ideias ruins e a sua aceitação mais fácil, as pessoas ficam sujeitas à manipulação e soluções mirabolantes ou reducionistas. Assim se impõem políticas amargas, que, em outros contextos, seriam difíceis de serem aplicadas.

É comum, depois de ataques violentos às escolas, que se procure bodes expiatórios. Jogos de *videogames*, enfraquecimento de crenças religiosas, estilos musicais, filmes violentos e distúrbios psiquiátricos costumam figurar entre as possíveis causas nas discussões públicas.

Depois do massacre que ocorreu, recentemente, em uma creche de Santa Catarina, vimos uma onda de pânico se espalhar pelo Brasil. Surgiram muitas notícias falsas sobre supostos ataques que estariam programados para atingir diversas escolas brasileiras. O temor afligiu, de uma tacada só, pais, professores e estudantes, causando a

sensação estranha de que a escola é um lugar inseguro e que nossas vidas estão ameaçadas.

Isso levou os gestores a pensarem medidas para combater a violência, ao mesmo tempo em que várias sugestões estapafúrdias apareceram, entre elas a proposta de armar professores. Os massacres em escolas é um tipo de fenômeno que encerra uma singular complexidade. Não sendo possível entendê-lo sem considerarmos as formas de sociabilidades contemporâneas, a maneira como os indivíduos constroem suas identidades no mundo capitalista, o individualismo, o empobrecimento dos trabalhadores, a falta de perspectiva de futuro e as tensões criadas pelos movimentos de emancipação feminina.

Existe cada vez mais uma correlação entre os atiradores de escolas e grupos que defendem a supremacia branca e masculina como os *incels*. Desde que esses indivíduos passaram a se organizar mundialmente em fóruns virtuais, elaborando uma subcultura que reforça valores misóginos e racistas, que cultua assassinos como heróis, que defende a eliminação de mulheres, estamos enfrentando um problema de ordem social e civilizacional.

Precisamos, por um lado, compreender a etiologia desses massacres a par-

tir de sua dimensão sociocultural e histórica. Desvendar seus mecanismos de funcionamento, a ideologia que os sustenta e seus principais atores... Por outro lado, cabe ao Estado e a suas forças de segurança desarticular e prender os indivíduos que estão à frente dessas ações criminosas. É preciso apostar numa educação que fortaleça os valores democráticos, o reconhecimento da diversidade e o respeito às diferenças. Isso implica também numa formação de professores que esteja orientada por esses valores, e que a escola seja um espaço no qual possamos fortalecê-los.

## Tóxico

Existe cada vez mais uma correlação entre os atiradores de escolas e grupos que defendem a supremacia branca e masculina como os ‘incels’

Klebber Maux Dias  
klebmaux@gmail.com | colaborador

## Estado psíquico do fracasso

A inveja é o mal-estar que surge da incapacidade de adquirir algo quando se tem como referência um objeto de êxito do outro. Ela se manifesta na sensação de apequenamento, isto é, de frustração. Geralmente, é um sentimento autodestrutivo. Considerando isso, o “estado psíquico do fracasso” é o resultado de bloqueio do processo de automotivação, as causas desse insucesso são geradas na personalidade dissociativa, frequentemente ocorre no interior ou no exterior do invejoso. A de origem interna é constituída de imperfeições emocionais como a falta de confiança, também armazena o medo de situações sociais que o impede de cumprir uma finalidade; as de origem externa são influenciadas pelas condições que estão fora do controle dele, por exemplo, conviver com indivíduos que pensam de forma pessimista e intolerante.

Essas duas situações – interna e/ou externa – danificam alguns aspectos cognitivos vitais para constituir o sentido de sobrevivência, que são estes: o desenvolvimento do pensamento crítico, científico e criativo; a capacidade ao autoconhecimento e o autocuidado. Outro sintoma desse dano é a perda de habilidades socio-emocionais diante do sentir, pensar e agir. Por conta disso, tem-se a ausência de empatia e de cooperação nos relacionamentos. De tal forma que impossibilita o invejoso a realizar algumas tarefas simples ou às mais complexas. Esse comportamento imaturo e intencional apresenta a finalidade de sensibilizar alguns indivíduos através de um estado de vitimização ou por um abusivo apelo emocional. A inveja é movida por ódio. Ela surge com a finalidade de forçar a infelicidade alheia e dá-se através da própria alienação.

Os estudos sobre a inveja receberam contribuições de filósofos e psicanalistas. Nos dias atuais, os que mais se destacam são da psicanalista austríaca Melanie Klein (1882-1960), do psicanalista francês Jacques-Marie Émile Lacan (1901-1981), do polímata e filósofo grego Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.) e do filósofo, teólogo, poeta dinamarquês Søren Aabye Kierkegaard (1813-1855).

Melanie Klein escreveu o livro *Inveja e Gratidão e outros trabalhos* (1957). Seus estudos apresentam a inveja na



Psicanalista Melanie Klein (1882-1960)

organização e no desenvolvimento psíquico desde os primeiros dias de vida de um ser humano. Nesse caso, o sentimento vital de sobrevivência é dirigido ao seio materno de duas formas: a que é considerado pelo recém-nascido como um “objeto bom”, quando nutre e acolhe; a outra, como um “objeto mau”, enquanto o bebê sente a sua ausência. É nessa falta, no querer e não ter o peito da mãe, que surge a inveja e o neném experimenta a angústia e a agressividade em sua forma mais destrutiva. Essa dualidade faz com que o lactente assegure e preserve a existência do “seio bom” e volte a sua agressividade para o “seio mau”. Quando, por algum motivo, essa divisão não é possível, ele terá dificuldades de proteger o “objeto bom” dos ataques do “objeto mau”. Consequentemente, ela se sente privada da gratificação do seio. Essa angústia também estará presente nas suas fases de vida. De tal forma que a dificuldade de manter a gratidão gera um sentimento raivoso para alguém que possui e desfruta de algo desejável, bem como apresenta impulsos para destruição com um violento aspecto de aniquilação dentro da identificação projetiva. Por isso, a inveja gera um sofrimento na criança e no adulto ao ver que outra pessoa possui o que ele quer para si. Portanto, na fase adulta, o invejoso sente-se bem com a infelicidade dos outros, e qualquer esforço para satisfazê-lo é inútil.

Jacques Lacan apresenta a inveja no *O Seminário - Livro 11* (1964) como um afeto, ou seja, um circuito

que forma um laço social próprio à racionalidade do “eu” e do “outro”. Seu aspecto real surge da inexistência de uma relação pré-definida com o outro, por exemplo, relações mãe-filho. No aspecto imaginário, a inveja tenta assegurar a relação com o outro, de modo a transpor essa falta com uma tentativa de fixar no outro o próprio “eu”, a partir de projeções e introjeções que pertencem à constituição do “eu”. Portanto, vê-se no outro algo que se torna o seu “eu”, onde se percebe em si mesmo algo que surge no outro. Visto que, a inveja é uma certa fratura nesse processo, sem que um “eu” consiga delimitar seus limites com precisão.

Aristóteles, em sua obra *Retórica*, na parte 2, dedicada às paixões, apresenta quais são os meios que dão origem e cessam os afetos, e de que forma a inveja surge. Ele afirma que o indivíduo sente inveja, geralmente, de quem é igual ou parecido consigo. Entretanto, o indivíduo só adquire vantagem a que julga somente a si pertencer. Os invejosos seriam todos aqueles que possuem quase tudo o que desejam. Apesar disso, por sua ambição, jamais se bastam, de forma a incomodar-se com todos a sua volta. O filósofo grego em sua descrição argumenta que a inveja surge de quem por mais variados motivos se rivaliza. Ela agride ou destrói em igual medida o também medíocre, pois no seu nivelamento baixo não admite alguém acima do próprio apequenamento.

Søren Kierkegaard analisa a inveja como uma condição de sentimento negativo. Ela atua como um princípio regulador, que tem a propriedade de estimular o ressentimento e a hostilidade entre os seres humanos, também o de aprisioná-los numa negatividade absoluta. Bem como age como uma forma de balizar as suas ações e os seus pensamentos, de forma a destruir as suas dignidades.

Sinta-se convidado à audição do 416º Domingo Sinfônico, deste dia 23, das 22h às 00h. Em João Pessoa-PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Irei comentar as contribuições para valorização da cultura do compositor, regente, violoncelista, pianista e violonista brasileiro Heitor Villa-Lobos (1887-1959).

# Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

## Ressentimentos

Li no texto de Chico Viana que Flávio Sátilo, que partiu a semana passada, era um homem sem ressentimentos. É uma raridade. Eu tento ser.

Quem vive do passado, moendo as coisas, numa reação casada com a decepção, nojo ou raiva, precisa sair dessa limpo. Os psicólogos que estão mil anos luz, consideram um estado de espírito ou uma emoção secundária que pode ser desencadeada em face de um insulto e/ou injúria. Bom, ser ressentido é praticamente não ser evoluído.

Quando uma pessoa dar muito valor a uma ação negativa ou tóxica (palavra da moda) está, na verdade, enaltecendo o agressor, que deveria ser banido. Mas aí seria revidar e devolver na mesma moeda, não funciona. Não seja ressentido, avance, vá longe, bem mais longe que o agressor possa chegar.

O que a pessoa é ou descobre que não é, nunca foi, durante este tempo perdido – é problema dela. A resposta não está na poesia, mas na certeza de que é necessário simplificar as coisas, dar como resposta com o silêncio e o respeito a si próprio. Tem coisa pior que o desprezo?

As redes sociais são campeãs em quase tudo, um território que toca o terror e domina sem controle, demarcando o tempo de cada um. Colocados no plano do senso comum (ainda existe isso?) palavras, *prints* espalhadas em grupos e guetos, causam ressentimentos gratuitos. Ou covardes.

Pode parecer um tanto exagerada a observação, mas são despropositadas, tais ofensas, para deixar o outro ressentido. Afinal, o que é o ressentimento? É melhor não viver assim. O ressentimento é alimento, é como ódio. Não se alimenta coisas ruins.

O ressentimento dá lugar, apesar da ofensa, a um tempo mais lento e menos tranquilo. Se você chega a um lugar em que tal pessoa está, não se retire, ignore, faça da sua chegada um estado benévolo, passe por cima.

O isolamento em público adicionado a pesados e fatores de tensão pelo ressentimento não faz bem, e também porque para muitas pessoas que provocam esses sentimentos acabam por impor uma valorização que não tem – sequer adicional, de tal presença, angústia e fadiga.

Fuja da política de humanidade, não funciona, mas não seja ressentido. Eu não gostaria de estar entre os sobreviventes ressentidos. Apaga.

Mais exuberante é a vida e é tudo o que temos. O poeta e escritor Políbio Alves me contou sobre o presente, estar presente e até buscar nossas melhores esperanças, lembranças que podem nos proporcionar dias melhores.

Há uma série de frases que deixaram de ser aceitáveis, coisas que gostávamos ainda de dizer, descrições onde seria bom não falar, mas em voz alta, passando-as na memória, é melhor viver que se ressentir diante de quem não merece.

As conversas que retomamos a sós, no esforço de colocar senso na boca do silêncio, até que funciona, mas não vale a pena permanecer ressentido, nem ser por demais “resiliente” (não gosto dessa palavra)

Juca Pontes era uma pessoa sem ressentimento. Juca vinha de outra linhagem, sequer alguma referência remota, de que esteve ressentido com alguém, mesmo lá atrás, ainda na infância.

### Kapetadas

- 1 - Graças à sua imensa variedade de trastes, o Brasil é conhecido como a terra dos contrastes;
- 2 - O poder da inteligência artificial já começa a assustar a humanidade. Ok, se cuidem com ela. Eu não descuido é da burrice natural;
- 3 - Quem usa a dor da pessoa pra lucrar, também não se diferencia muito de quem causou a dor.



Escritor e poeta Políbio Alves: buscar nossas melhores esperanças

Colunista colaborador

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

## Um gestor público à frente do seu tempo

Há controvérsias de que “Toda unanimidade é burra”. Essa que era uma máxima apegoadá pelo polêmico escritor Nelson Rodrigues, que faleceu no finalzinho dos anos 1980. Um autor bastante festejado e que teve grande parte de suas obras transcritas ou adaptadas para o teatro e o cinema.

Pensando bem, e aqui contraditando o escritor pernambucano/carioca, levando em conta o registro “unanimidade” publicado na semana passada, em **A União**, sobre o professor Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque, em essência, faço minhas as opiniões, em tudo que descreveu a nossa parceira de jornal, Iêda Lima, sobre a posição de Lynaldo no *ranking* da gestão pública brasileira.

Conheci o professor Lynaldo em 1977, quando do seu reitorado à frente da Universidade Federal da Paraíba. À época, eu coeditava o Segundo Caderno do jornal *O Norte*, também assessorava a professora Carmen Izabel Carlos Silva na Pró-Reitoria para Assuntos Comunitários da UFPB, que funcionava na Lagoa, no prédio em que hoje é do INSS. Fui então orientado a divulgar as atividades do Núcleo de Cultura Popular, na época coordenado pelo professor José Nilton da Silva, e funcionando no Centro da cidade, em frente ao Cine Municipal. Ali, fora instalada também a Galeria Pedro Américo, dirigida pelo também professor de artes da UFPB, Alfonso Diaz Bernal, amigo de saudosa memória.

Por ser a sede da Prac, algumas importantes celebrações e exposições de artes, que me lembre agora, eram realizadas no amplo auditório do prédio da Lagoa (hoje INSS), sempre com a



Foto: Acervo Pessoal

Da esq. para dir.: jornalista Alex Santos, prof. Dalvanira Gadelha e Lynaldo Cavalcanti

presença do professor Lynaldo. Inclusive, numa das muitas palestras hilárias que ali aconteceu, tendo a fala e a *mise-en-scène* do festejado escritor Ariano Suassuna.

Mas, o que chamava mais a atenção sobre o então reitor Lynaldo, não era uma postura formal como gestor maior da UFPB, mas a simplicidade com que sempre se apresentava nesses momentos. Inclusive, o presenciei autorizando despacho a um dos seus subordinados, em um simples guardanapo de papel. Quicá, como ficou verificada ao longo dos tempos, a sua postura diferenciada, não menos imediata de dirigente público, célere e sem muita burocracia. Foi quando fui designado formalmente, juntamente com Pedro Santos, Manoel Clemente e João Maurício de Lima Neves a fundarmos o Núcleo de Documentação Cinematográfica (Nudoc), em fins do mandato de Lynaldo, em 1979.

O tempo passou célere, os anos deixaram-me para trás outras pertencas, enquanto o próprio Lynaldo Cavalcanti assumia o CNPq, em Brasília. Antes, po-

rém, foi presidente do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras (Crub). Em seguida, criara a Secretaria Executiva da Associação Brasileira das Instituições de Pesquisa Tecnológica e Industrial (Abipti), funcionando na Quadra 209 da Asa Norte, na Capital Federal.

Nosso segundo encontro de trabalho se deu justamente na Abipti, em 1992, quando passei a residir em Brasília, para realizar a minha pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporânea, pela Universidade de Brasília. Estudava na UnB pela manhã, trabalhava em Lynaldo à tarde, quando criamos o Informe Abipti, com assessoria do parceiro Ivan Rocha, que publicou junto com Lynaldo o livro *Ciência, Tecnologia e Regionalização* (2010).

A rigor, sempre tive do professor Lynaldo – igualmente do meu saudoso pai Alexandre – exemplos de objetividade, pouca conversa e mais atuação. Foram bons ensinamentos, hoje boas lembranças que tenho deles... – Mais “Coisas de Cinema”, em [www.alexantos.com.br](http://www.alexantos.com.br).



## APC representada no Comunicurtas UEPB

A Academia Paraibana de Cinema registrou presença, na última segunda-feira (dia 17), no Teatro Municipal Severino Cabral, em Campina Grande, durante a realização da exibição de lançamento promovida pelo Festival Comunicurtas da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), do curta *O Alecrim e o sonho*, de Valério Fonseca.

Representando a Academia Paraibana de Cinema, a presidente e a atriz Zezita Matos participou do evento, como também o ator Fernando Teixeira, que ocupa a cadeira 15 da APC, ambos atuantes em *O Alecrim e o sonho*, que faz uma homenagem ao mestre das artes Baixinho do Pandeiro.

## Em cartaz

### ESTREIAS

**BEAU TEM MEDO** (Beau Is Afraid. EUA. Dir: Ari Aster. Terror. 18 anos). Beau Wassermann (Joaquin Phoenix) é um homem tenso e paranoico que tem uma relação turbulenta com a mãe dominadora (Patti LuPone). CINÉPOLIS MANAÍRA 4: 15h (dub.) - 17h15 (dub.) - 19h30 (dub.) - 21h45 (leg.).

**A MORTE DO DEMÔNIO: A ASCENSÃO** (Evil Dead Rise. EUA. Dir: Lee Cronin. Terror. 18 anos). Beth (Lily Sullivan) vai até Los Angeles para visitar sua irmã (Alyssa Sutherland). O encontro, porém, toma um rumo macabro quando elas encontram livro que dá vida a demônios. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: 15h (dub.) - 17h15 (dub.) - 19h30 (dub.) - 21h45 (leg.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (dub.): 14h45 - 17h - 19h15 - 21h30; CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 16h55 - 20h45; CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 16h55 - 20h45.

**NINGUÉM É DE NINGUÉM** (Brasil. Dir: Wagner de Assis. Drama. 14 anos). Casados e com dois filhos, Roberto (Danton Mello) perdeu o emprego e quem sustenta a casa é Gabriela (Carol Castro), mas, com o passar do tempo, ele se vê preso a um ciúme doentio pela esposa, seguindo-a em qualquer lugar. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 16h30 - 18h50 - 21h20; CINE SERCLA TAMBIA 4: 14h55 - 18h45; CINE SERCLA PARTAGE 3: 14h55 - 18h45.

**OS TRÊS MOSQUETEIROS: D'ARTAGNAN** (Les Trois Mousquetaires: D'Artagnan. França, Alemanha, Espanha e Bélgica. Dir: Martin Bourboulon. Aventura. 14 anos). D'Artagnan (François Civil) se alia à Athos (Vincent Cassel), Porthos (Pio Marmai) e Aramis (Romain Duris), três mosqueteiros do rei, para garantir o futuro da França. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: 14h10 (dub.) - 16h50 (dub.) - 19h40 (dub.) - 22h15 (leg.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 16h30 (exceto seg. e ter.) - 22h (exceto seg. e ter.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 5 (dub.): 20h15 (seg. e ter.); CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 16h40 - 20h50; CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 16h40 - 20h50.

### CONTINUAÇÃO

**AIR – A HISTÓRIA POR TRÁS DO LOGO** (Air. EUA. Dir: Ben Affleck. Biografia. 12 anos). Baseado na história real do chefe da marca esportiva e de calçados Nike, Sonny Vaccaro (Matt Damon), e do fundador da Nike, Phil Knight (Ben Affleck). CINÉPOLIS MANAÍRA 10 - VIP (leg.): 22h.

**BELO DESASTRE** (Beautiful Disaster. EUA. Dir: Roger Kumble. Comédia. 14 anos). Abby Abernathy (Virginia Gardner) acredita que já está bem distante de seu tumultuado passado, mas quando ela chega

à faculdade, seu caminho para um novo começo é colocado em risco por uma aventura de uma noite com Travis “Mad Dog” Maddox (Dylan Sprouse). CINÉPOLIS MANAÍRA 3 (dub.): 22h10.

**DUNGEONS & DRAGONS- HONRA ENTRE REBELDES** (Dungeons & Dragons: Honor Among Thieves. EUA. Dir: John Francis Daley e Jonathan M. Goldstein. Aventura. 12 anos). Em um mundo repleto de dragões e seres mágicos, aventureiros embarcam numa jornada épica para recuperar uma relíquia. CENTERPLEX MAG 3: 16h15 (dub.) - 21h (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 3 (leg.): 16h (dom.) - 19h15; CINÉPOLIS MANAÍRA 3 (dub.): 13h10 (exceto dom.); CINÉPOLIS MANAÍRA 7 (dub.): 14h45 - 17h45 - 20h40; CINÉPOLIS MANGABEIRA 1 (dub.): 20h45 (seg. e ter.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 13h45 (exceto seg. e ter.) - 19h (exceto seg. e ter.); CINE SERCLA TAMBIA 5 (dub.): 15h15 - 17h50 - 20h30; CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 15h15 - 17h50 - 20h30.

**O EXORCISTA DO PAPA** (The Pope’s Exorcist. EUA. Dir: Julius Avery. Terror. 16 anos). O padre Gabriele Amorth (Russell Crowe), exorcista do Vaticano, luta contra Satanás e demônios possuidores de inocentes. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: 17h40 (dub.) - 20h (leg.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 5 (dub.): 22h20 (exceto seg. e ter.); CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 15h30 - 20h45; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 15h30 - 20h45.

**JOHN WICK 4: BABA YAGA** (John Wick Chapter 4. EUA. Dir: Chad Stahelski. Ação. 14 anos). Com o preço por sua cabeça cada vez maior, o assassino de aluguel John Wick (Keanu Reeves) leva sua luta contra a Alta Cúpula. CINÉPOLIS MANAÍRA 6 (dub.): 21h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 11 - VIP (leg.): 17h50; CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 17h30; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 17h30.

**SUPER MARIO BROS. - O FILME** (Super Mario Bros. EUA. Dir: Aaron Horvath e Michael Jelenic. Animação. 10 anos). Mario é um encanador junto com seu irmão Luigi. Um dia, eles vão parar no reino dos cogumelos, governado pela Princesa Peach, mas ameaçado pelo rei dos Koopas. CENTERPLEX MAG 1 (dub.): 15h - 17h15; CENTERPLEX MAG 3 (dub., 3D): 14h - 19h; CINÉPOLIS MANAÍRA 1 (dub.): 13h15 - 15h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 5 (dub.): 13h30 - 15h45 - 18h - 20h15; CINÉPOLIS MANAÍRA 6 (dub.): 14h30 - 16h45 - 19; CINÉPOLIS MANAÍRA 9 - Macro-XE (dub., 3D): 14h - 16h15 - 18h30 - 20h45; CINÉPOLIS MANAÍRA 10 - VIP (dub., 3D): 13h - 15h15 - 17h30 - 19h45; CINÉPOLIS MANGABEIRA 1 (dub., 3D): 14h - 16h15 - 18h30 - 20h45 (exceto seg. e ter.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 5 (dub.): 13h30 - 15h45 - 18h - 20h15 (exceto seg. e ter.); CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 19h; CINE SERCLA TAMBIA 6 (dub.): 14h30 - 16h20 - 18h10

- 20h; CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub.): 14h30 - 16h20 - 18h10 - 20h; CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 19h.

**SUZUME** (Suzume no Tojimari. Japão. Dir: Makoto Shinkai. Animação. Livre). Uma garota do ensino médio e um jovem misterioso que tentam prever uma série de desastres em todo o Japão. CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 13h45.

### CINE BANGUÊ (JP) - ABRIL

**ANDANÇA** (Brasil. Dir: Pedro Bronz. Documentário. Livre). Vida e obra da sambista Beth Carvalho. CINE BANGUÊ: 27/4 - 20h30; 29/4 - 19h.

**O COLIBRI** (Il colibrì. Itália. Dir: Francesca Archibugi. Drama. 14 anos). Rapaz tem uma vida de coincidências fatídicas, perdas e amores absolutos. CINE BANGUÊ: 23/4 - 18h; 25/4 - 17h30.

**MALI TWIST** (Twist À Bamako. Senegal. Dir: Robert Guédiguian. Drama. 14 anos). Em Mali, 1960, jovens dançam e sonham com a renovação política. CINE BANGUÊ: 24/4 - 18h; 26/4 - 20h.

**O MASSACRE DA SERRA ELÉTRICA** (The Texas Chainsaw Massacre. EUA. Dir: Tobe Hooper. Terror. 18 anos). Clássico de 1974 restaurado. CINE BANGUÊ: 26/4 - 18h; 30/4 - 16h.

**MATO SECO EM CHAMAS** (Brasil. Dir: Joana Pimenta e Adirley Queirós. Documentário. 14 anos). A história das Gasolineiras de Kebradas, tal como ecoa pelas paredes da Colméia, a Prisão Feminina de Brasília (DF). CINE BANGUÊ: 30/4 - 18h.

**MEDUSA** (Brasil. Dir: Anita Rocha da Silveira. Terror. 14 anos). Uma gangue de mulheres fazem o melhor que podem para controlar tudo ao seu redor para resistir à tentação. CINE BANGUÊ: 25/4 - 20h30.

**MEMÓRIA SUFOCADA** (Brasil. Dir: Gabriel Di Giacomo. Documentário. 14 anos). Coronel Ustra é o único militar condenado como torturador durante a ditadura no Brasil. O ex-presidente Bolsonaro o exalta como herói. Qual é a verdade?. CINE BANGUÊ: 24/4 - 20h30.

**PARAI** (Brasil. Dir: Vinicius Toro. Drama. Livre). Menina guarani começa a questionar seu lugar no mundo. CINE BANGUÊ: 29/4 - 15h.

**PERLIMPS** (Brasil. Dir: Alê Abreu. Animação. Livre). A jornada de aventura dos agentes secretos de reinos n-voais. CINE BANGUÊ: 23/4 - 16h; 29/4 - 17h.

## Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

[hildebertopoesia@gmail.com](mailto:hildebertopoesia@gmail.com)

## Poetas do NE

Parece-me falacioso afirmar que este ou aquele poeta é um dos melhores da literatura brasileira contemporânea. Qual o leitor, qual o crítico, qual o professor que conhecem, de fato, a vasta e variada geografia da poesia brasileira contemporânea? São tantos os poetas, são tantas as regiões, são tantas as tendências, são tantas as dicções individuais que, mesmo com o auxílio tecnológico da internet, é impossível tomar conhecimento de tudo e de todos. Muito menos ler, analisar, interpretar, julgar...

Há mais de 40 anos, tento, dentro de meus limites, exercer o difícil e ingrato ofício da crítica literária militante, e, à medida que os anos vão passando, percebo que o objeto formal de estudo, isto é, os livros de poemas, se alarga e se enriquece, tomando inviável alcançarmos resultados concretos na singularidade de cada expressão, com seus procedimentos estilísticos, perspectivas temáticas, contrato particular entre forma e fundo.

A afirmativa a que me referi no começo deste texto só tem validade, portanto, se for honestamente hipotética. Na base do talvez, do provavelmente, do quem sabe, uma vez que não dispomos dos elementos necessários e precisos para o jogo das comparações. Por isto, quem se propõe o exercício da crítica, como eu, deve saber que navega em terreno movediço e pantanoso. Todo cuidado é pouco!

Até porque, por esses “brasis” à fora, como dizia um velho professor de direito de minha juventude, a poesia não para. E, em meio à grande quantidade de poetas, para selar a lógica implacável de uma das leis da dialética, a qualidade desponta e frutifica, não importa o grau de desenvolvimento cultural do ambiente, a ilusão midiática, a chancela das grandes editoras, a força dos coletivos, dos grupos, das minorias.

Dos livros que recebi ultimamente, dou testemunho desse fato e verdade. Quero destacar três poetas: um homem e duas mulheres, todos da região Nordeste, admirada poeticamente por nomes como Ivan Junqueira, André Sefrin, Ivo Barroso, Alexei Bueno e Antônio Carlos Sechin.

Do Maranhão, folheio e rabisco os poemas de Antonio Aílton, na coletânea *Cerzir* (Penalux, 2019). Livro bem composto graficamente e, ao mesmo tempo, registro de uma dicção consciente e maturada (salvo engano, este é o quarto livro do poeta), em que a disciplina verbal e o apelo rítmico do verso se coadunam perfeitamente com os ingredientes temáticos e perceptuais do poema.

O título, na sua chamada catafórica, isto é, nas suas indicações de sentido, motivação, direção e temática, parece sinalizar para um dispositivo essencial à poética do autor, talvez comprometida, em primeira mão, com a ideia de que o poema é um fazer, um artefazer, dentro do andamento das palavras, embora o dizer, na sua diversificação semântica, também se faça presente, para que o poema não se transforme apenas num artefato lúdico ou tão somente num pretexto para a configuração de um laboratório linguístico. Dentre os muitos textos, cito o poema *Reclusa*, à página 66, como um pequeno exemplo do seu *modus operandi*: “Todos os dias a reclusa olhava pela fresta da janela / e, tecendo seu tricô, / não se importava se os poetas cantam para dentro / ou para fora”.

Da Bahia, leio os versos de Ana Cecília de Souza Bastos, no volume *A impossível transcrição* (Mondrongo, 2021). Matéria lírica por excelência, atenta aos filamentos afetivos, ao calor das emoções, porém, sempre mensurada, à Eliot, pelo critério da medida exata no uso dos vocábulos. Os sentimentos afluem, mas não transbordam. Se os versos se estendem, às vezes, numa cadência prosaica, a luz do melhor lirismo se traduz no poder da síntese e da sugestão, à sombrado vazio e da beleza que caracterizam o haicai. Transcrevo o poema *Penélope* (p. 20), como elemento probatório: “Por que desfazer / no silêncio das noites / a inútil tessitura dos dias?”. Com prefácio de Assis Lima e posfácio de Francisco Carvalho, Ana Cecília traz a marca dos poetas que permanecem.

Do Piauí, tenho em mãos, de Graça Vilhena, a *Poesia reunida* (Fundapi, 2021). Os motivos do cotidiano, os sigilos da rotina, o olhar comovido diante das coisas, certas paradas reflexivas compõem o tecido lírico de sua poética, tudo vazado numa linguagem simples, clara, melódica, avessa a tolos toques “inventivos” e a qualquer receituário experimental. O olhar poético desta autora da terra de H. Dobal sabe fundir, quer no plano da imagem, quer na tessitura do pensamento, sutileza e densidade, brilho e rigor, despertando, em quem a lê, aquela sensação de quem se vê, de repente, diante da descoberta do novo e do desconhecido. O poema *Oleiro* (p. 97), ilustra bem o que digo: “Um dia viu / no fundo da fomalha / que sua vida secara / entre os potes”.

Se a boa poesia brasileira persiste, estes três poetas, mesmo distante dos grandes centros editoriais, dão a sua inestimável contribuição.

*Colunista colaborador*

TURNÊ NACIONAL

# Espetáculo saúda Whitney Houston

Hoje, no Teatro Paulo Pontes, em João Pessoa, mineira Mylena Jardim canta os sucessos da artista norte-americana

Da Redação

Com uma carreira artística abreviada prematuramente, a premiada cantora, compositora, atriz e produtora Whitney Houston (1963-2012) teve obras marcantes na sua voz, como um dos seus maiores sucessos: a versão pop do clássico de Dolly Parton, ‘I Will Always Love You’, que serviu de trilha sonora para um filme estrelado pela própria, ao lado de Kevin Costner, *O Guarda-Costas* (1992).

O hit faz parte do repertório do espetáculo *Uma Saudação à Whitney Houston*, que retorna aos palcos do país em turnê que passa hoje por João Pessoa. A apresentação será no palco do Teatro Paulo Pontes, no Espaço Cultural José Lins do Rego, a partir das 20h. As entradas podem ser adquiridas no site oficial do Ingresso Digital ([www.ingresso.digital.com](http://www.ingresso.digital.com)) a partir de R\$ 60 até R\$ 120. A classificação indicativa do evento é 16 anos.

A grande novidade do espetáculo é a cantora mineira Mylena Jardim interpretando a protagonista. Ela foi a vencedora do programa *The Voice Brasil* de 2016, na Rede Globo, e é conhecida nacionalmente por sua potência vocal.

O repertório de *Uma Saudação à Whitney Houston* conta com clássicos da artista norte-americana como ‘I Have Nothing’, ‘Greatest Love of All’, ‘Run to You’, e a já citada ‘I Will Always Love You’, dentre outras canções.

## Repertório

No palco serão cantados vários sucessos da cantora ao longo dos anos, como ‘I Have Nothing’, ‘Greatest Love of All’, ‘Run to You’ e ‘I Will Always Love You’

O figurino do espetáculo foi assinado pela estilista paulista Iris Goya, que fez réplicas de momentos marcantes de Whitney Houston. Entre elas, uma veio da própria família da artista, em Nova Jersey, nos Estados Unidos, e foi utilizada pela cantora no *Super Bowl* de 1991, quando ela cantou o Hino estadunidense.

No palco, Mylena Jardim vem acompanhada por músicos, cantores e bailarinos em um show totalmente ao vivo. O espetáculo é oriundo de um projeto maior e anterior, idealizado pelo mesmo diretor-geral, Rafael Mello: em *Uma Saudação às Divas*, Mylena Jardim interpretava canções de Whitney Houston, Li Martins, ex-integrante do grupo Rouge, cantava Céline Dion, e cantor Rafael Oliveira fazia uma participação interpretando canções de Mariah Carey.

### Trajetória

Natural de Belo Horizonte, Mylena Jardim começou a carreira ainda criança, aos cinco anos de idade.

Em 2016, a quinta temporada do *The Voice Brasil* contou com os quatro técnicos da temporada anterior: Carlinhos Brown, Claudia Leitte, Lulu Santos e Michel Teló. Na final do programa, ficaram Afonso Cappello (Time Carlinhos Brown), Dan Costa (Time Lulu Santos), Danilo Franco (Time Claudia Leitte) e Mylena Jardim (Time Michel Teló).

A mineira Mylena Jardim, do time de Teló, venceu a temporada com 34% dos votos, fazendo do técnico o primeiro com duas vitórias (sua segunda vitória consecutiva). Mylena foi a primeira mulher a ganhar depois de três temporadas e foi a vencedora mais jovem de todas as edições, com apenas 17 anos de idade. No ano seguinte, gravou com Paula Fernandes a música ‘Não fui eu’.



Grande vencedora do programa ‘The Voice Brasil’ de 2016, na Rede Globo, Mylena Jardim interpreta a cantora, compositora, atriz e produtora de Whitney Houston

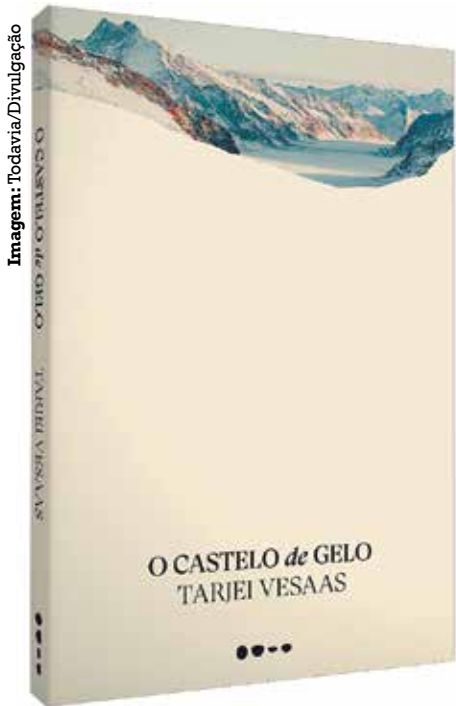
Foto: Divulgação



Através do QR Code acima, acesse o site Ingresso Digital para as entradas

LITERATURA

# O Castelo de Gelo: “uma visão sublime da solidão humana”



Lançado originalmente em 1963, romance é um relato de jovens que vivem nas montanhas da Noruega e lidam com os desafios da adolescência

Eduardo Augusto  
Especial para A União

Em mais um lançamento, a Editora Todavia traz para o leitor brasileiro a obra *O Castelo de Gelo* (176 páginas, R\$ 64,90), do autor norueguês Tarjei Vesaas.

O escritor é um dos grandes nomes da literatura escandinava, nascido em Telemark, em 1897. Considerada a sua obra-prima, *O Castelo de Gelo* é um exemplo do porquê ele é tão reverenciado. Publicado originalmente em 1963, este romance é um relato comovente de um jovem que vive nas montanhas da Noruega e lida com os desafios da adolescência. Siss e Unn, duas jovens que desenvolvem uma amizade profunda e intensa no

ambiente gelado e isolado de uma região montanhosa da Noruega.

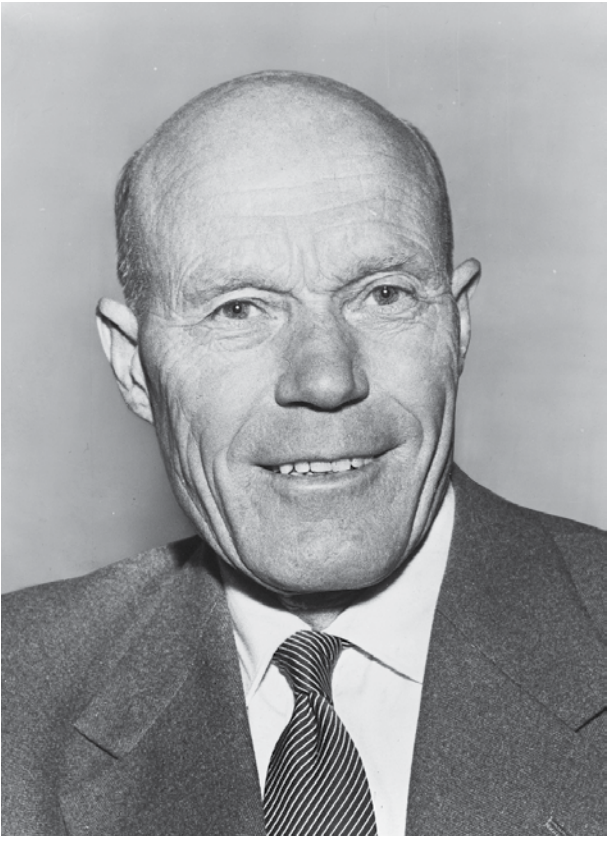
A obra é uma meditação sobre a solidão, a amizade e a busca por conexão humana. A história é contada em uma prosa poética e evocativa, com uma atenção especial aos detalhes do ambiente natural em que se passa. Vesaas cria um ambiente atmosférico e misterioso, com um sentido de perigo latente que aumenta a tensão do livro.

A trama gira em torno de uma estrutura de gelo que lembra um castelo formado por uma cascata congelada. Essa imagem torna-se o símbolo da sua amizade e do seu desejo de conexão. No entanto, quando Unn desaparece misteriosamente,

Siss é deixada sozinha como castelo inacabado e uma sensação de vazio e perda. A partir daí, o livro explora as emoções da perda e do isolamento, enquanto Siss tenta lidar com a sua dor e continuar a viver.

*O Castelo de Gelo* é um livro inquietante que oferece uma reflexão profunda sobre a natureza e a condição humana. É uma obra que continua a encantar leitores de todas as idades e culturas, provando a sua simpatia e impacto duradouro.

A obra rendeu a Vesaas o Prêmio de Literatura do Conselho Nórdico, que destacou “o estilo sensível que transforma realidades interiores em uma visão sublime da solidão humana e da busca por companhia”.



Obra rendeu a Vesaas o Prêmio do Conselho Nórdico

Imagem: Todavia/Divulgação

Foto: Todavia/Divulgação

ENGORDA DAS PRAIAS

Prefeito vai liberar a OS amanhã

Empresa terá 90 dias para apresentar projeto de sistema de engorda ou dick nas praias de João Pessoa

Pettronio Torres  
pettroniotorres@yahoo.com.br

O prefeito de João Pessoa, Cícero Lucena (Progressistas) dará nesta segunda-feira, dia 24, a ordem de serviço para iniciar o projeto conceitual de proteção costeira e urbanização, incluindo estudos e modelagens numéricas e anteprojetos de engenharia para redução do processo de erosão costeira e nutrição artificial das praias do Bessa, Manaíra, Ponta do Seixas e Jacarapé. A Alleanza Projetos e Consultoria, empresa responsável pelos serviços é a mesma responsável pela intervenção nos balneários de Camboriú e Piçarras, ambos em Santa Catarina. Ela terá um prazo de 90 dias para apresentar os resultados finais dos estudos, que devem apontar o sistema a ser implantado na capital paraibana: engorda ou dick. Ainda dentro deste estudo de impacto, Conde e Cabedelo serão analisadas como possíveis cidades afetadas, ou não, com as consequências destas ações.

“Depois de muita polêmica e debates prévios sem nenhum dado concreto sobre possibilidade de impacto ambiental ou informações científicas apuradas, a Prefeitura Municipal de João Pessoa deu, de forma correta, o início ao processo para sanar estes problemas em nossas praias. Já assinamos contrato e agora iremos dar ordem de serviço para início dos estudos que vão municiar nossos órgãos ambientais, leia-se Ibama e Sudema, para saber qual a melhor opção para o nosso litoral: engorda ou dick”, explicou o secretário de Infraestrut

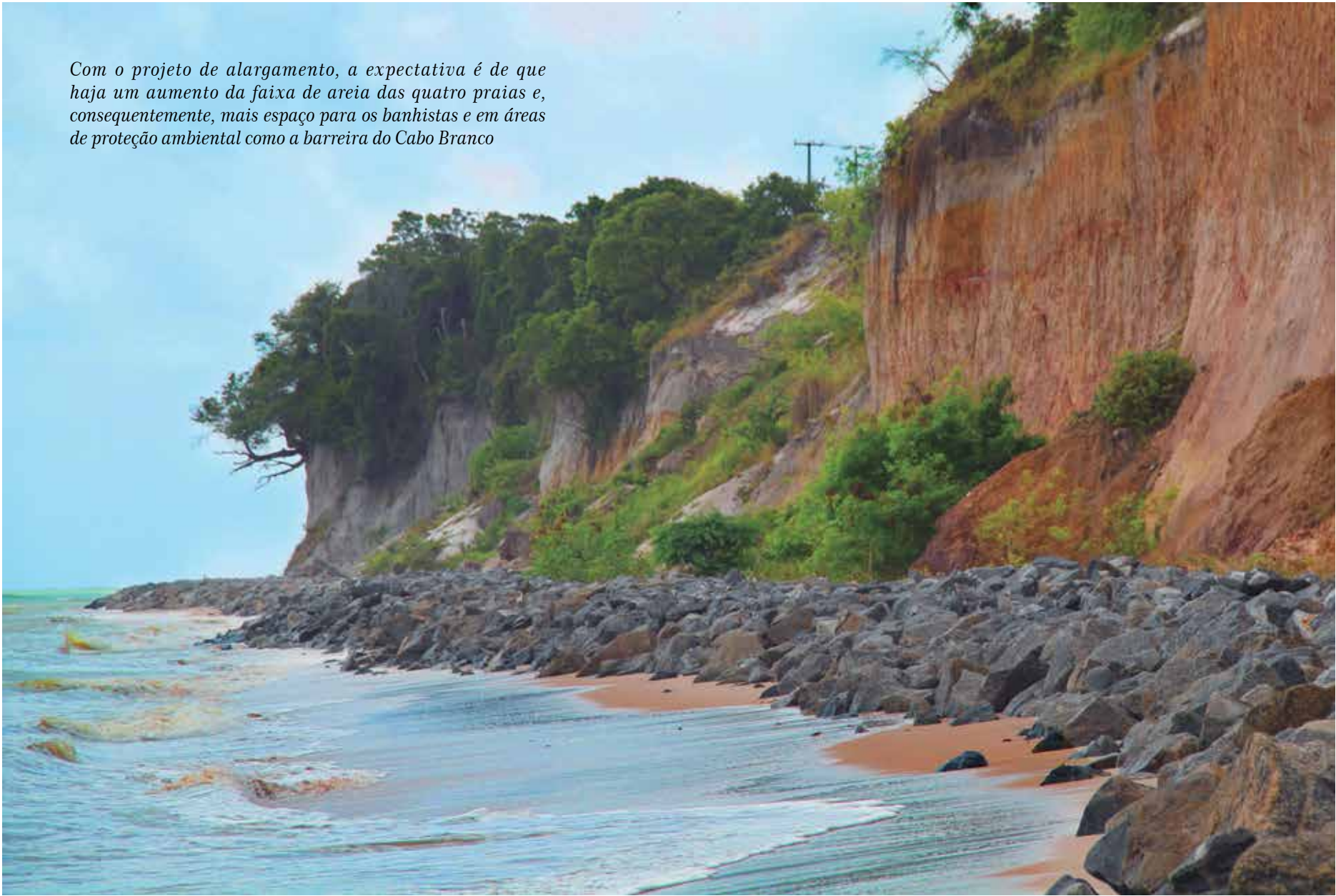


Foto: Evandro Pereira

tura da capital, Rubens Falcão.

De acordo com o que foi publicado no Diário Oficial do Município e assinado pelo secretário da Infraestrutura de João Pessoa, Rubens Falcão, o valor do contrato para estudo das tarefas citadas é na ordem de R\$ 275 mil.

“A Alleanza terá que elaborar um projeto conceitual de proteção costeira e urbanização, incluindo estudos e modelagens numéricas e anteprojetos de engenharia para redução do processo de ero

são costeira, nutrição artificial das praias do Bessa, Manaíra, Ponta do Seixas (Falésia do Cabo Branco) e Jacarapé (Polo Turístico), em João Pessoa”, diz parte da publicação contida no Diário Oficial.

Ainda de acordo com o que foi publicado ontem no Diário Oficial do Município, o objetivo do contrato é o de apenas proteger a infraestrutura existente e permitir que os banhistas nativos ou estrangeiros possam usar a praia.

Com o projeto de alargamento, por exemplo, a expectativa é de que haja um aumento da faixa de areia das quatro praias e, consequentemente, mais espaço para os banhistas. Além disso, a proteção costeira e a redução da erosão também são objetivos importantes do projeto.

“Vai ser permitido o uso contínuo da praia por turistas e banhistas locais, bem como proteger as infraestruturas existentes e restabelecer dunas e vegetações costeiras,

conforme condições, quantidades e exigências estabelecidas no Termo de Referência que compõe o processo”, diz trecho do documento.

Serão necessários, também, estudos de modelagens numéricas e anteprojetos de engenharia para redução do processo de erosão costeira e nutrição artificial das quatro praias. A empresa escolhida assina uma série de projetos e obras de urbanização costeira, localizadas, principalmente, no Sul do país.

■ Projeto visa redução da erosão e nutrição artificial das praias do Bessa, Manaíra, Ponta do Seixas e Jacarapé

Obras podem custar até R\$ 200 mi aos cofres públicos

As obras de alargamento das praias de João Pessoa parecem complexas aos olhos dos leigos. Além de dificultosas, as ações deverão custar algo em torno de R\$ 150 a R\$ 200 milhões aos cofres públicos. Essa disparidade e oscilação de R\$ 50 milhões se deve, segundo o secretário Rubens Falcão, porque essa obra varia pela distância da jazida do terreno.

“A extensão da faixa de areia nas praias trata-se de uma obra rápida, realizada em cerca de seis meses, no máximo. O mais difícil são os estudos e esperamos que até o final do ano esteja com tudo isso pronto e possamos iniciar as obras propriamente ditas”, explicou à época, no início das discussões, o secretário Rubens Falcão.

A Prefeitura Municipal de João Pessoa já tem parte dos recursos disponíveis para a obra. A Defesa Civil Nacional também já confirmou a destinação de outros R\$ 66 milhões para Ponta do Seixas, ou Barreira do Cabo Branco, que segundo ela é um caso extrema urgência para a cidade.

Já para o professor Saulo Vital, do Departamento de



Foto: Secom-PB

Geociência da Universidade Federal da Paraíba, na época das primeiras informações sempre defendeu estudos mais aprofundados antes do início das obras. Segundo ele, ninguém da área ambiental da UFPB tinha sido ouvido, até agora.

“Realizar a engorda de praia é como tentar parar uma hemorragia interna por fora. Querem obras mirabolantes, mas não resolvem os problemas mais elementares”, criticou o professor.

Matéria prima

Logo que surgiram as primeiras informações e debates sobre o processo de engorda, o prefeito Cícero Lucena esclareceu as áreas iniciais que seriam alargadas. A intervenção na falésia do Cabo Branco seria a primeira, o trecho do Caribessa, no bairro do Bessa, após as instalações do Iate Clube.

Segundo o prefeito, virá do fundo do mar toda a areia para essa engorda. Ela seria bombeada para as praias que ganharão a engorda. Cícero ex

plicou que a granometria, uma unidade de medida que calcula o diâmetro dos grãos de areia de dado solo, será respeitada dentro do que apregoa as regras de impactos ambientais.

Já em relação as modificações na Avenida João Maurício, em Manaíra, o prefeito explicou que o projeto prevê a construção de uma terceira via, além do alargamento da calçadinha, e a transferência da ciclovia para depois da calçada. Cícero também disse que será construída

uma marina em Tambaú.

Experiências bem-sucedidas

Segundo publicação do jornal O Globo, uma das primeiras experiências com alargamento de praia feita no Brasil foi no Rio de Janeiro, na praia de Copacabana. Cartão postal nacional, a praia possuía uma faixa com uma areia fina e branca que ficou conhecida mundo afora pela sua delicadeza e beleza.

As obras começaram na década de 1970 e trouxeram

areia da Enseada de Botafogo. A granulação, segundo antigos moradores, é semelhante à areia original, mas muito mais escura. O aterro gigantesco afastou o mar oitenta metros da zona de arrebenção original, o que faz com que, em alguns pontos, seja a causa de infestações de fungos e parasitas.

Além da engorda, o projeto contou com alargamento da Avenida Atlântica, estacionamento e calçadas em pedra portuguesa, com desenho de ondas em preto e branco, projetadas pelo paisagista Roberto Burle-Marx. A praia perdeu sua característica original da areia fina e clara, mas por muitos anos ficou livre de grandes inundações.

Por muitos anos, Copacabana teve uma tranquilidade com as ressacas e marés altas. Mesmo com o serviço de manutenção, a faixa de areia foi reduzida em 10% na última década. Já houve sérios episódios climáticos que ameaçaram este projeto, expondo, inclusive, as pedras colocadas no século passado como barreira de contenção e que ficaram por muito tempo encobertas pelo aterro.

SEGURANÇA PÚBLICA

# Senadora diz que leis não evitam avanço de crimes

Margareth Buzetti alertou para os casos de violência de gênero e homicídios

Agência Senado

A senadora Margareth Buzetti (PSD-MT) alertou para o aumento da violência de gênero e outros crimes bárbaros no Brasil, apesar da adoção de leis que visam reduzir sua incidência. Em pronunciamento no plenário do Senado, a parlamentar lembrou que em 2022 o país bateu o recorde de feminicídios, com uma mulher morta a cada seis horas.

“Que certeza de impunidade é essa que motiva homens a reduzirem a vida das mulheres a nada? E nós aqui, aprovando leis e mais leis que, no fim das contas, não nos garantem a paz, nem nossa, nem dos nossos familiares e dos nossos amigos”, afirmou.

A senadora mostrou-se estarecida com as notícias de ataques contra escolas, como a ocorrida numa creche de Santa Catarina. Após reconhecer o esforço do Congresso Nacional na adoção de leis mais duras para o combate à criminalidade, Buzetti questionou se elas têm servido apenas



A senadora Margareth Buzetti lembrou que, em 2022, o país bateu o recorde de feminicídios

para acalmar os ânimos da sociedade, desempenhando papel muito mais emergencial e simbólico do que efetivo. Para aumentar a efetividade, avaliou, é preciso a valorização da polícia e que o Poder Judiciário faça justiça, sem abrandar penas.

Margareth Buzetti afir-

mou ainda que é necessário aumentar a oferta de emprego, para que os pais tenham plena condição de educarem seus filhos. Além disso, ela ressaltou que as escolas precisam mudar para se tornarem mais atrativas e, assim, evitar a enorme taxa de evasão escolar.

■  
A senadora se mostrou estarecida com as notícias de ataques contra escolas, como a ocorrida numa creche de Santa Catarina

CÂMARA DOS DEPUTADOS

# Lira destaca instalação de Conselho de Ética

Agência Câmara

O presidente da Câmara dos Deputados, Arthur Lira (PP-AL), afirmou no Plenário que o Conselho de Ética vai analisar as denúncias sobre o comportamento dos parlamentares.

“Queria mais uma vez ressaltar que foi eleito o nosso Conselho de Ética e, portanto, pedir a prudência de sempre na atuação de cada parlamentar. Daqui para a frente, teremos o fórum adequado instalado para tratar dos pontos fora da curva desta Casa”, disse Lira.

Leur Lomanto Júnior assumiu a presidência do Conselho de Ética. A declaração de Lira foi feita em um dia marcado pelo

“  
Queria mais uma vez ressaltar que foi eleito o nosso Conselho de Ética e, portanto, pedir a prudência de sempre na atuação de cada parlamentar

Arthur Lira

embate entre os deputados Eduardo Bolsonaro (PL-SP) e Marcon (PT-RS), ocorrido durante a semana na Comissão de Trabalho.

Após Marcon ter questionado a fachada desferida contra o ex-presidente Jair Bolsonaro em 2018, Eduardo Bolsonaro levantou, proferiu xingamentos e ameaçou o petista. O vídeo da discussão circula nas redes sociais.

O deputado Marcon foi à tribuna afirmar que foi ameaçado pelo colega e anunciar que o PT já acionou o conselho contra Eduardo Bolsonaro. “O que foi feito hoje nesta comissão tem só uma palavra: não tem controle emocional. O PT vai entrar com uma representação

nesta Casa contra esse deputado”, disse.

Muitos parlamentares declararam solidariedade a Marcon e cobraram o respeito às regras nos embates políticos.

Eduardo Bolsonaro não se pronunciou sobre o ocorrido em plenário, mas vários parlamentares saíram em sua defesa. A deputada Bia Kicis (PL-DF) afirmou que ele pode ter se exaltado, mas foi provocado.

“Quem fala o que quer ouve o que não quer. Eu acho que ninguém pode esperar de um filho uma reação calma, uma postura serena quando recebe uma agressão”, disse.

O Conselho de Ética da Câmara dos Deputados volta a se reunir no dia 26 de abril.

Foto: Billy Boss/ Câmara dos Deputados



■  
A declaração de Lira foi feita em um dia marcado pelo embate entre os deputados Eduardo Bolsonaro e Marcon, ocorrido durante a semana na Comissão de Trabalho

O Conselho de Ética da Câmara dos Deputados informou que voltará a se reunir no próximo dia 26

# Toca do Leão

Fábio Mozart  
mozartpe@gmail.com / Colaborador

# Queríamos ser Che Guevara em foto 3X4

Nas profundezas dos anos 70, eu era um rapaz latino-americano, sem dinheiro no bolso e com um lugar de carona de caminhão com destino a Manaus, naquilo que seria meu grande sobrevoo sobre a realidade do país, meio que à procura do sentido inesgotável da vida ou buscando ganhar a vida mesmo, vendendo bolsas de agave e botinas de couro cru nas quebradas do mundaréu Brasil. Nessas andanças, conheci um rapaz do Maranhão, fotógrafo sonhando com uma câmera Polaroid. Viajei com ele boa parte dos rios amazônicos em navios gaiolas. Nessa época, meu objetivo era ganhar o mundo dos garimpos no Norte e ficar rico, voltar para minha terra, comprar fazendas, criar gado e promover churrascada todo fim de semana para amigos, parentes e aderentes, com direito a baião de viola. Ao fim da viagem, mudei meus planos. Queria mesmo era me engajar na luta armada, financiar ações contra a ditadura militar. Declarei guerra contra o regime opressor, sendo que a minha maior façanha foi distribuir folhetos subversivos no cemitério, no dia de finados, e me fingir de morto em cova aberta, para fugir dos meganhas que nos perseguiam.

O modesto fotógrafo alimentava sonho mais simples. Para ele, bastava adquirir uma câmera Polaroid na zona franca de Manaus para se tornar próspero empreendedor no ramo da fotografia, ele que trabalhava na rua com uma máquina “lambelambe”, caixa de madeira com uma lente apoiada num tripé. Rapaz anônimo, de origem simples, sustentava a família com a venda de fotos, mas o negócio decaía ano a ano. O equipamento fazia a revelação instantânea, só que a Polaroid estava matando seu comércio. O ambiente urbano era da Polaroid. Mais prático e colorido, o trabalho na moderna câmera era uma experiência que dava nova percepção sobre as coisas e, além do mais, rendia mais, muito mais. Eu querendo a revolução e o maranhense sonhando com seu revolvimento técnico, descemos e subimos os rios Purus, Juruá, Madeira, Negro e Solimões para, na desembocadura de nossa aventura amazônica, depararmo-nos com brutal reversão de expectativa. Senti-me frustrado em minha intenção de me tornar minerador de ouro. Peguei malária e perdi minha mercadoria para a juta, material mais barato do que o agave de que eram feitas minhas bolsas. Foi embora o capital de giro, restando apenas uns trocados para comprar relógios, radinhos de pilha, sombrinhas e outras bugigangas japonesas, na esperança de me tornar sacoleiro. Algumas vezes, tive que engolir meu orgulho e pedir pão para matar a fome, em Belém e Manaus. Com o medo e a vergonha, crescia minha angústia diante da nossa farsante e falida organização social.

O fotógrafo me deu notícias anos depois. Comprou sua tão sonhada Polaroid, mas foi roubado. Abrigado em um sindicato, foi abrindo seu caminho como jornalista nas trilhas de comunicação historicamente fechadas para as classes populares. Se embrenhou nas palafitas e no submundo de Manaus como repórter de polícia, fotografou a violência em seu estado bruto, se isso é possível. Encheu seus filmes fotográficos de horror e nojo, disparando com fúria sua Rolleiflex diante da vida absurda nas chamadas esferas inferiores da sociedade. Não cumprindo as “boas regras” do jornalismo hegemônico, passou a colaborar com a chamada imprensa nanica, jornais alternativos que floresceram durante o regime militar. Não virou um Sebastião Salgado, mas ficou famoso como fotojornalista respeitado nas quebradas do Norte.

Diante de um destino sem saída, virei peão de estrada de rodagem, depois entrei para a empresa de estrada de ferro. Tenho o palpite de que eu seria um zé ruela com uma câmera Leica ou mesmo Rolleiflex e de que fui um ridículo pobre-diabo aprendiz de subversivo. Acabei no papel de operário inofensivo, como uma barata bem escondida no buraco da sala de estar. Meu amigo maranhense seguiu sua sina e nunca se afastou do curso do rio dos seus sonhos.

Sem equipamento, sem comando, sem treinamento e sem ilusão, minha guerra contra o sistema terminou em palcos amadores, onde quis aprofundar minha compreensão do capitalismo e seus conflitos. Fui ator, dramaturgo e produtor da peça “O lavrador a caminho do calvário”, visão muito pessoal da religião diante dos conflitos entre camponeses e latifundiários nas minhas quebradas. Para o nosso bem, o Bispo Dom José Maria Pires aconselhou o grupo a modificar o texto. Nada feito. Os valentes atores só baixariam a cabeça diante da censura oficial da polícia. O espetáculo jamais veio à cena por não cumprir as boas regras da dramaturgia consentida. Não temos registro iconográfico da tentativa de montagem.

Colunista colaborador

Valderez Barbosa

# Caminhada da revisão à Engenharia

História de esforço e mérito que chegou a ser questionada por causa do ensino de Matemática aos colegas

Luiz Carlos Sousa  
lulajp@gmail.com

O engenheiro Valderez Barbosa é mais um profissional que começou pelos bancos de **A União** com o objetivo de trabalhar para ter condições de estudar. Encontrou o palco certo. Trabalhou em vários setores, da Expedição à contabilidade e, claro, na revisão. Conta histórias interessantes como a explicação que teve que dar ao diretor da época por causa das aulas que lecionava para os colegas os ajudando a resolver as questões de Matemática. Na conversa com o **Memórias A União**, ele fala de amizades que surgiram no jornal, de erros interessantes e engraçados e dos mal entendidos para começar a trabalhar substituindo um primo que havia sido aprovado em concurso para agente fiscal.



Fotos: Edson Matos

Valderez Barbosa começou a trabalhar como colaborador, foi nomeado engenheiro e saiu de A União

## A entrevista

■ *Como é que você chegou ao jornal A União?*

Comecei a trabalhar, meu primeiro emprego, como colaborador. Comecei no dia primeiro de fevereiro de 1964 até 28 de junho de 1965. Em 29 de junho de 1965, fui nomeado para o quadro dos funcionários do jornal, como faturista. Não foi o que eu esperava, porque era na revisão que eu trabalhava. Mas continuei trabalhando na revisão.

■ *Na revisão do jornal ou do Diário Oficial?*

O local de trabalho era no jornal, mas revisava o Diário. Fiquei ganhando menos que o revisor. Continuei estudando conclui o curso Científico na época, porque n'**A União** quando entrei fazia o segundo ano científico. Passei para o terceiro - eram três anos - e conclui o científico. Prestei o vestibular de Engenharia Civil e consegui ser aprovado. Continuei trabalhando n'**A União** na revisão.

■ *Só uma curiosidade. Esse trabalho era noturno? Como era?*

Do primeiro ao quarto ano trabalhava de noite no Diário Oficial, que acabava cedo e eu ia para casa dormir e logo cedo ia para escola. O jornal terminava mais tarde, porque a tiragem era muito maior.

Ainda hoje a revisão é mais sobre-carregada à noite...

No quinto ano e último de escola de Engenharia, que era à noite, passei de manhã, o que era difícil porque o diário sempre era feito à noite e de manhã não tinha o que fazer. Então saía da escola de noite de 11 horas e ficava no Diário Oficial.

■ *Nesse tempo A União funcionava onde é o prédio da Assembleia Legislativa hoje o filho do prédio hoje?*

Antes era o prédio de A União, por sinal era um prédio histórico, uma estrutura antiga muito bonita, Arquitetura muito bonita para a época e eu acredito que não era para ter demolido.

■ *Ainda hoje essa questão provoca polêmica?*

Sua Excelência o governador Ernani Sátiro achou que devia demolir. Ficou o palácio, sede do Executivo,

“

**Comecei trabalhando lá auxiliando, pegando a prova, aqueles caixotes. Não revisava nada**

Valderez Barbosa

que continuou na mesma estrutura, o da Justiça e o de **A União**. Na minha maneira de entender aquilo foi um absurdo.

■ *Muita gente ainda critica...*

Critica. Inclusive, lá tinha em cima uma águia, que ninguém sabe onde está hoje. Era para aquilo ter se conservado os três poderes do mesmo jeito.

■ *Quer dizer que você trabalhou lá no prédio histórico mesmo?*

Exatamente. Uma das poucas vezes que fui à Assembleia eu desci ao Plenário e veio a recordação, você desce numa escada helicoidal de ferro.

■ *Valderez quem era o diretor do jornal na época que você foi nomeado?*

Se não me falha a memória era Zé Souto. Comecei com o Brayner, e acredito que quando fui nomeado era Zé Souto.

■ *Que lembranças você tem daquela época que era tudo no chumbo?*

Rapaz. Aquilo ali era o seguinte. Quando comecei a trabalhar fui para ser revisor. Naquele tempo era por indicação. Um primo meu passou no concurso para agente fiscal, José Barbosa da Costa. Eu o substituí. Quando cheguei o dr. Brayner era diretor de **A União** e disse: “Não vai ficar na revisão”. Meu primo disse: “Mas ele vai

ficar no meu lugar e eu trabalho lá. Eu estou saindo porque passei no concurso de agente fiscal. Doutor Brayner disse: “Aqui o diretor sou eu, ele não vai ficar na revisão. Eu perguntei: onde vou trabalhar?”

■ *Começo difícil?*

Doutor Brayner disse: “É, se tiver um lugar aí para você trabalhar”. Eu tinha um grande amigo Enilson Ribeiro, que operava a linotipo e já é falecido. Era uma pessoa maravilhosa, grande profissional e foi um cara que estudou também, se formou em filosofia, depois estudou Direito e terminou a vida dele como auditor do Tribunal do Trabalho. Eu disse: vou trabalhar com você.

■ *Então, o começo em A União teve todos esses detalhes?*

Exatamente. Eu fui auxiliar ele, não sei se você chegou a conhecer aquelas máquinas.

■ *Ainda hoje estão expostas no jardim de A União...*

Comecei trabalhando lá auxiliando, pegando a prova, aqueles caixotes. Não revisava nada. Aquela cópia a gente enviava para o pessoal da revisão. Passei poucos anos ali. Agora eu posso contar um detalhe? Aconteceram coisas engraçadas, porque eu fazia o segundo ano científico, já tinha um pouco de instrução, mas infelizmente não fui para a revisão, porque o diretor não deixou. E fui trabalhar auxiliando meu amigo.

■ *O que acontecia na hora vaga? Estou esperando você contar...*

Na hora do intervalo, meus colegas aqueles que tinham grau de instrução bem menor do que o meu e tinham dificuldades em fazer aqueles exercícios matemáticos que tinha num famoso livro que todo pessoal da minha época conhece um tal de Ari Quintela falando uma matemática, que era muito chato. Eu procurava ensinar meus colegas, meus colegas, tudo na hora do intervalo. Eram trabalhos de colégio deles, era só porque eles tinham dificuldade.

■ *Não tinha lugar para trabalhar e, de repente, professor?*

Sorte minha né? A questão de ter tido a oportunidade de estudar mais do que eles. Isso surgiu e até foi até bom para mim, e o que aconteceu?

Surgiu uma polêmica com meu chefe, que achou que eu estava transformando aquele ambiente em escola, mas era bem no intervalo. Era uns 20 minutos.

■ *E o que aconteceu com ele?*

Não sei, que Deus tem um bom lugar. Nunca guardei mágoa, mas foi para o meu diretor e alegou que eu estava transformando o ambiente de trabalho. Uma escola? Eu não sabia disso. O diretor mandou me chamar que era muito sério, né?

■ *Foi surpreendido, então?*

Foi surpreendido. Mandou me chamar. Estou aqui. Ele então disse: É que há uma reclamação e eu quero saber o que é essa história de você estar transformando isso aqui na escola, não sei o quê”. Então, contei a história direitinho pedi para que ele ouvisse os colegas que poderiam testemunhar. Ele disse “Não precisa disso não. Qual seu grau de instrução? Procure um lugar para você trabalhar em qualquer canto que você quiser”. Eu pensei: vou procurar um lugar onde possa estudar.

Não quero isso aqui para minha vida não...

Eu tive a oportunidade. Tinha outro amigo, Edson, também já falecido, que trabalhava na expedição, e na expedição o seguinte; o trabalho precisava de datilografia. Edson, então me convidou: “Venha trabalhar aqui rapaz, vou arrumar um negócio que você gosta de estudar e eu sei que você vai ter tempo para estudar à vontade”. Está certo. Calmo o silêncio maior do mundo.

■ *Qual era o trabalho?*

A gente fazia um relatório de cada cidade: Cajazeiras, tantos exemplares. Essa relação era a mesma todo dia, se houvesse alguma modificação era muito pequena, mas todo dia tinha que ser feita. O resto do tempero para estudar. Às vezes ajudava no encartelamento.

■ *Ficou muito tempo nesse setor?*

Fui mudando de trabalho, fui para o setor de contabilidade até chegar à redação até chegar a me informar.

■ *E a Revisão?*

Quando eu sai da expedição, eu fui para revisão. Até me formar. Eu trabalhei muito tempo na revisão,

mas não miado, mas foi até o fim, aí quando termina. Quando eu cheguei a terminar o curso de Engenharia mesmo, eu fui procurar um lugar para trabalhar dentro do setor de Engenharia. Foi quando eu consegui ir trabalhar no Ipep, onde passei cinco anos trabalhando no programa de construção de casas populares. Então, surgiu uma oportunidade de ir para a Cehap, ganhando quatro vezes mais. Aí foi mais seguro para mim, passei 17 anos.

■ *Mas voltando ao Jornal A União quem era o diretor da União quando você foi pra revisão?*

Manoel Costeira. Costeira mandava em tudo, era ele quem resolvia.

■ *Como foi o passo seguinte após a chegada à revisão?*

Como já estava na escola, procurei uma situação porque ia quando e para onde quisesse e eu achei melhor ir para revisão. Eu revisava o Diário Oficial. Pegava uma folha que tinha sido impressa, como o processo, tirava aquela cópia para mim tanto do jornal como do diário do Diário Oficial. Eu pegava a parte do diário para conferir se estava tudo correto.

■ *Lembra de algum erro, ou algo curioso?*

Tinha uma matéria que dizia o seguinte: os anais da Assembleia e cita Clóvis Bezerra, joacil de Brito, Zé Lacerda e outros mais. Na composição se cometeu um erro, um absurdo que se tornou até engraçado. Ao invés dos anais colocaram os animais da Assembleia, vindo-se da direita para esquerda, Clóvis Bezerra... dizer não sei o quê.

■ *Olha só com que a revisão tinha que lidar?*

Pois é. Isso deu uma repercussão muito ruim, porque esse jornal chegou a circular. E Manoel Costeira saiu recolhendo o jornal na cidade. Infelizmente aí nesse tempo. A logística foi freada a tempo para recolher um bocado.

■ *E qual foi o outro caso?*

A outra também foi com general Edson Ramalho, hoje nome de hospital. Era um grande cidadão, pessoa muito bem-quista e quando ele faleceu, Germana Vidal fez uma homenagem muito bonita, mas houve outro erro na composição. Falando sobre a vida dele na redação tinha na alma e saiu na lama. Ela ficou muito revoltada.

■ *Alguma amizade ficou desse tempo?*

De A União. O Edson da expedição que se tornou meu compadre.

■ *Depois que saiu daqui e foi para o Ipep você praticamente não voltou A União?*

Não. Rapaz, eu só voltei uma vez para A União quando eu fui buscar o diário oficial. Hoje, eu vou ter oportunidade de ver a linotipo.

■ *Vou terminar nossa conversa deixando você à vontade para fazer algum comentário acrescentar algo, talvez que eu não tenha perguntado que você queria citar, fica à vontade ...*

Honrado em ter sido convidado. Eu tive oportunidade de me lembrar do passado no meu começo de vida, relembrando de vários colegas. Foi uma oportunidade para relembrar. Estou satisfeito, só tenho a agradecer.





**A** migos leitores, em razão das comemorações alusivas ao aniversário da colunista, ocorridas na última quarta-feira (19), no Restaurante Estaleiro, a coluna será, inteiramente, dedicada a este evento. Além de comemorar a data, cercada pelo carinho do meu marido, Walter de Vasconcelos Dias, e das minhas sobrinhas, Ana Carolina e Mariana Palmeira Coutinho, e de dezenas de amigas, tive a oportunidade de entregar o Troféu Maria da Penha a 12 importantes e queridas mulheres. Entre as homenageadas, registro o nome da nossa primeira-dama e presidente de honra do Programa de Artesanato Paraibano (PAP), Ana Maria Lins. Com apoio do Mundo das Tintas, Centro Universitário de Patos, Arquivo Afonso Pereira, Aquário Paraíba, André Luiz Decoração, Dalva Rocha Fotografia, Fotógrafo Osmar Santos, Restaurante Estaleiro, Cachaça Triunfo, Uigna Cabeleireira, Conserpa/Enger, Murion, DJ Rodrigo, Editora Porta, Calzature e Lino's Panificadora, tudo ocorreu como esperado, da melhor forma possível. A jornalista Andréia Barros conduziu, com maestria, todo o evento, e a apresentadora do programa na TV Master, Thereza Madalena, fez a saudação em nome de todas as presentes. As fotos e vídeos da festa ficaram a cargo dos melhores fotógrafos da cidade: Dalva Rocha e Osmar Santos

**IMOBILIÁRIA**

**PARAÍBA  
PROPERTY**

www.paraibaproperty.com.br  
+55 83 99302-7071



Ao lado da primeira-dama e presidente do Programa do Artesanato Paraibano, Ana Maria Lins



Entre os colegas jornalistas Ricardo Castro, Vilma Giuseppe, Andréia Barros e Haceldama Borba

**SAO BRAZ**

**ESPRESSO SÃO BRAZ EM CÁPSULAS.  
EXPERIMENTE.**



Espetacular turma de amigas queridas



Uma expert em cabelos Uigna Cabeleireira



Fátima Braga, Berenice Paulo Neto, Ana Maria Lins e Lúcia Bezerra



Turma muito querida e amiga



Com a querida Fátima Lisboa



As queridas Roberta Aquino, Marcélia Leal e DaPaz Gonçalves



Nilda Gadelha, Antonieta Macedo e Maricelia Leal



Com meu marido, o engenheiro Walter de Vasconcelos Dias



Entre Aparecida Farias e Socorro Bezerra



A self de Carla Bezerra Cavalcanti registra Roselma Virgulino, Patrícia Sales e Giovanna Rolim

MERCADO INTERNACIONAL

Exportações da Paraíba têm origem em 21 cidades

Comércio de produtos envolve 54 empresas e movimenta US\$ 146,6 milhões

Thadeu Rodrigues  
thadeu.rodrigues@gmail.com

A Paraíba tem 21 cidades exportadoras, conforme levantamento realizado pelo Centro Internacional de Negócios (CIN-PB), ligado à Federação das Indústrias do Estado da Paraíba (Fiep). O Mapeamento Industrial Exportador, que tem por base o ano de 2021, aponta que o estado contava com 54 empresas que vendiam seus produtos para outros países, atuando em 16 atividades produtivas. Naquele ano, as vendas de mercadorias para o exterior somaram a quantia de US\$ 146,6 milhões. Os países que mais compraram os produtos paraibanos foram: Estados Unidos, Holanda, França, Bélgica, Argentina e China.

A fabricação de produtos alimentícios é o segmento com o maior número de exportadoras, com 10 empresas, o que corresponde 18,52% do total. Em seguida, estão as atividades de extra-

ção de minerais não-metálicos (oito) e de fabricação de produtos de minerais não-metálicos (oito).

De acordo com o analista corporativo do CIN-PB, Tainã Fernandes, no que se refere à extração de minerais não-metálicos, estão a ilmenita e o granito, por exemplo. Quanto à fabricação de produtos de minerais não-metálicos, destacam-se cerâmica, cimento e gesso.

João Pessoa é a cidade com o maior número de empresas (15). Em seguida, estão Campina Grande (nove), Santa Rita (seis) e Cabedelo (quatro). O levantamento utilizou a divisão da Paraíba em regiões geoadministrativas, metodologia adotada pelo governo estadual na elaboração de políticas públicas.

Na região administrativa de João Pessoa, formada por 26 municípios, há 34 empresas exportadoras de todos os portes de faturamento, o que corresponde a 63% do total. Das 34, nove são do setor de fabricação de produtos ali-

mentícios. Já os setores de fabricação de produtos têxteis e fabricação de produtos de minerais não-metálicos contam quatro empresas exportadoras, cada um.

A região de Campina Grande, composta por 39 municípios, concentra 12 empresas. Os ramos de atuação dos empreendimentos são: preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados; fabricação de produtos de minerais não-metálicos; produtos têxteis, de borracha e de material plástico.

Conforme Tainã Fernandes, o Mapeamento Industrial Exportador pode contribuir com a realização e potencialização de políticas públicas pelos entes públicos e a Fiep, facilitando aos investidores estrangeiros o conhecimento sobre onde as indústrias estão localizadas e quais seus pontos fortes.

“Nós vamos manter esse mapeamento anualmente para que, ao longo do tem-

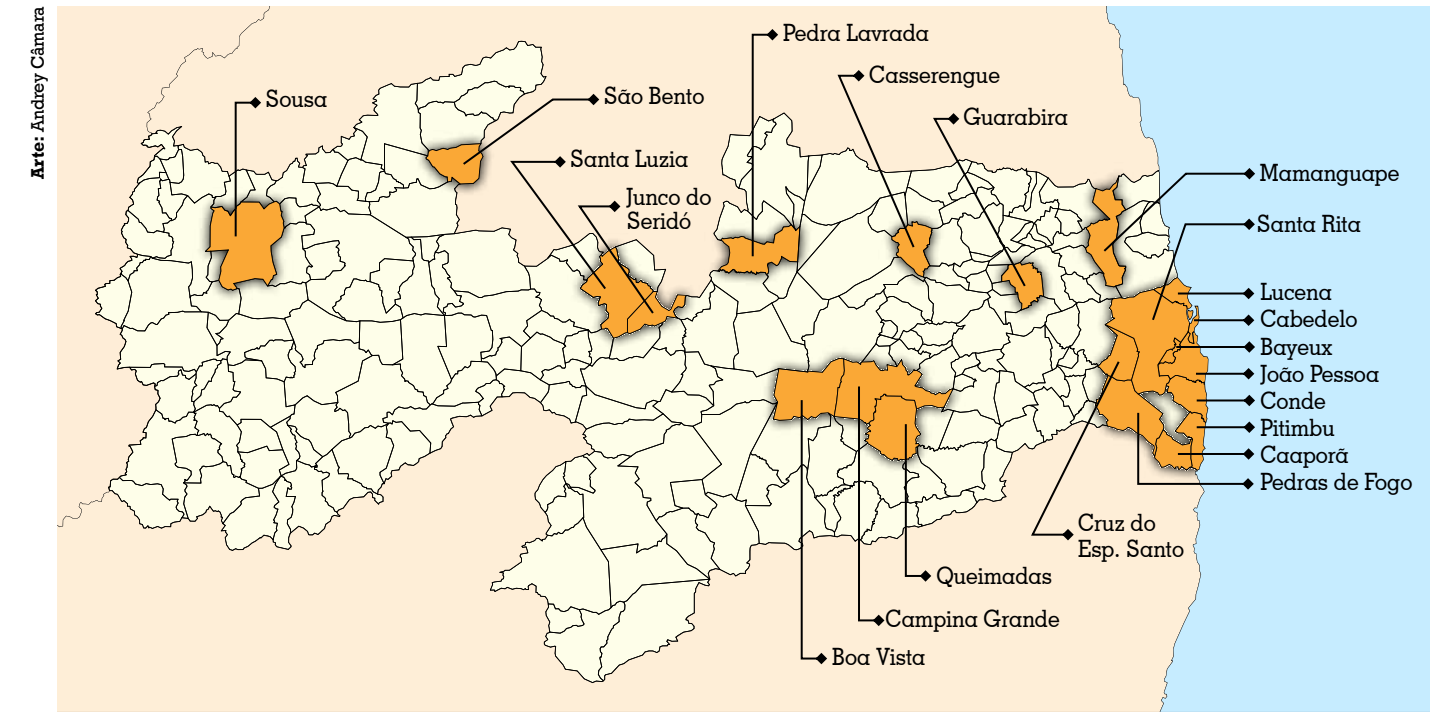
“

Nós vamos manter esse mapeamento anualmente para que possamos comparar o crescimento industrial da Paraíba

Tainã Fernandes

po, possamos comparar o crescimento do desenvolvimento industrial da Paraíba. Considerando a perspectiva local, é possível fortalecer os potenciais econômicos já existentes em cada região”.

Municípios Exportadores do Estado



Comercialização de bebidas soma US\$ 17,9 mi

A exportação de bebidas somou US\$ 17,9 milhões no ano de 2021, de acordo com o Panorama do Comércio Exterior da Paraíba, realizado pelo CIN-PB. O produto foi o segundo principal entre as operações de vendas para outros países. Uma das empresas que contribuiu para o resultado é a Intrafruit, localizada no Distrito Industrial de João Pessoa. De acordo com o gerente comercial e administrativo, Cláudio Carvalho Filho, 70% da produção de suco de fruta concentrado da empresa é para exportação.

Os mercados atendidos são Estados Unidos, alguns países da União Europeia – que recebem 75% da produção exportada –, Japão e Oceania. Os sucos comercializados são de abacaxi, caju, acerola, manga, goiaba, umbu e cajá. A empre-

sa foi comprada pelo grupo Tropfruit, de Sergipe, em 2003, com foco nas exportações, e vem obtendo um grande crescimento nos últimos três anos.

Cláudio Carvalho explica que, para realizar as operações com empresas de outros países, é preciso manter todas as certificações atualizadas e as boas práticas de fabricação. “Também estamos

sempre investindo na utilização de novas tecnologias e na criação de novos produtos. Como na Europa e Ásia não há o costume de comer frutas, já que não há plantio, nós investimos alto na venda de suco concentrado”.

Ele comenta que a exposição dos produtos em feiras internacionais é a primeira vitrine e estratégia para aumentar o leque comercial. Desde 2014, a empresa participa anualmente de eventos do setor em países como Estados Unidos, França, Alemanha e Emirados Árabes.

“Temos uma equipe que conversa com os potenciais clientes e que mantém essa relação de pós-venda com visitas, após a concretização dos negócios. Mas, antes de fecharmos as vendas, os clientes analisam nossas certificações e verificam os produtos. Após a aprova-

ção, mandamos as amostras. Com a venda realizada, enviamos os sucos congelados dentro de contêineres refrigerados por navio”.

Conforme o executivo, o câmbio impulsiona o interesse pelas exportações, ao passo que o custo de venda do produto no mercado nacional é quase o mesmo do exterior, mas os preços de venda não. “O consumo de sucos lá fora é alto, enquanto que no Brasil, nós comemos fruta *in natura*”.

As frutas utilizadas na fabricação dos sucos são produzidas no Nordeste. Em torno de 80% do abacaxi adquirido pela empresa é cultivado na própria Paraíba, em cidades como Santa Rita e Itapororoca. Também há aquisição da Bahia e de Tocantins, na falta do abacaxi paraibano.

Continua na página 18

Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira  
joaobferraz3@gmail.com | Colaborador

Frente Parlamentar do Empreendedorismo, Turismo e Inovação

Como o tema nos interessa, na 5ª feira (13.04.2023) eu fui acompanhar uma Sessão Especial da Assembleia Legislativa da Paraíba - ALPB, que promoveu a instalação ou relançamento da Frente Parlamentar do Empreendedorismo, Turismo e Inovação, que tem à frente o deputado estadual Eduardo Carneiro (Solidariedade).

“O desenvolvimento regional da Paraíba como prioridade”. Este é o foco da Frente Parlamentar do Empreendedorismo, Turismo e Inovação que tem como proposta de trabalho “reunir o Poder Legislativo, entidades e organizações privadas dos três segmentos para discutir e aprimorar ações que impulsionem a geração de emprego e renda, capacitação e novos investimentos para a Paraíba”, conforme discursou o deputado Eduardo Carneiro durante a abertura dos trabalhos.

O trabalho de uma Frente Parlamentar – que é um grupo formado por representantes do Poder Legislativo (que faz as leis), e lá na Sessão Especial estavam os deputados Galego de Souza e Camila Toscano, tem como fator preponderante fortalecer a causa que defendem, no caso o empreendedorismo e suas derivações. Além de ir atrás do que está sendo feito sobre o tema com que trabalham, eles ainda tentam mostrar aos outros parlamentares a importância daquilo que defendem. Nas Frentes, reúnem-se parlamentares de diversos partidos que, mesmo que tenham ideais políticos distintos, têm em comum o interesse por uma mesma causa.

A Frente tem uma importante missão de fazer um extenso debate em todo o estado, ouvindo os diversos segmentos: produtivo, governos e câmaras municipais, população e conselhos diversos. A novidade no relançamento, é que a primeira versão não contemplava de forma clara, os setores do turismo e de tecnologia, fato agora bastante elogiado por todos os segmentos que se encontravam presentes, lotando o auditório do Sesc Cabo Branco, local onde a ALPB realizou a sessão solene.

De forma agregada, a Frente Parlamentar pelo Empreendedorismo, Turismo e Inovação contará com a presença dos membros do Legislativo (deputados) e representantes de entidades públicas e privadas ligadas aos três segmentos, a exemplo da Fapesq, Sebrae, Fecomércio, Fiep, Associação Comercial, ABIH, o Conselho de Economia e o Programa do Artesanato Paraibano.

A Frente chega em boa hora e o cenário é ideal. Quando as coisas estão muito boas, há uma tendência de todos se acomodarem. Mas os dias estão nervosos, principalmente quando se discute hoje economia e a palavra chave tem sido “crise”. Sim, porque os países estão em alerta face uma possível recessão mundial, iniciando pela Europa e desembarcando nos EUA, o que de sobra iria atingir os demais países dos continentes americanos, nos dois hemisférios (Norte e Sul).

Uma crise maior do que a que vimos no período pandêmica não seria muito bom para o Brasil. O país trocou de governo agora e ainda está buscando uma identidade no modelo para promover o desenvolvimento. Nós temos uma crise social ainda enorme e precisamos estabelecer políticas públicas sustentáveis e de olho no exterior, manter um bom relacionamento comercial com países chaves para que a nossa balança comercial não venha acelerar os problemas internos.

De olho neste cenário, o deputado Eduardo Carneiro - presidente da Frente esteve agora em Brasília participando da reunião que um grupo de empresários paraibanos promoveu com a bancada federal da Paraíba, onde foi apresentado o projeto “Farol do Desenvolvimento da Paraíba), que reuniu uma série de sugestões ainda durante a eleição passada, para a formação de “Agenda de Desenvolvimento”.

A agenda possui 10 pilares, 36 estratégias (projetos), 114 ações e tem como pilares: melhoria do ambiente de negócios, ciência, tecnologia e inovação, cidades sustentáveis e inteligentes, educação empreendedora e profissionalizante, infraestrutura e logística, energias renováveis, naturais e sustentáveis (fotovoltaica, eólica e biocombustível). Ainda, *marketing* institucional da Paraíba, eficiência na gestão pública, mercado imobiliário e *funding*.

VENDAS AO EXTERIOR

# Negócios atraem pequenas empresas

*Mapeamento na Paraíba mostrou que, dos 54 empreendimentos exportadores, 16 eram micro e oito de pequeno porte*

Thadeu Rodrigues  
thadeu.rodrigues@gmail.com

O Mapeamento Industrial Exportador, realizado pelo Centro Internacional de Negócios da Paraíba (CIN-PB), indica que o estado teve 16 microempresas que venderam suas mercadorias para outros países, no ano de 2021. O estudo registra que, no total de 54 exportadoras, havia 16 empresas de grande porte, 14 de médio porte e oito de pequeno porte.

O analista corporativo do CIN-PB, Tainã Fernandes, enfatiza que as empresas paraibanas têm realidades bem complexas, com particularidades conforme o porte de faturamento. “Normalmente, as empresas de grande porte exportam pelo modelo clássico. Isto é, a produção é para o mercado interno e o excedente é vendido ao mercado externo. Já as micro e peque-

nas, muitas vezes, já são abertas visando o mercado internacional, buscando a inserção nos dois tipos de mercado, a exemplo dos produtos artesanais e de vestuário, por exemplo”, explica Tainã Fernandes.

Foi a partir da importação de mobiliário para a comercialização de móveis para áreas externas de residências, que a empresa Cabanna Móveis, sediada em João Pessoa, decidiu criar sua própria produção. “Trabalhamos com móveis de luxo e com *design* exclusivo, a exemplo de cadeiras, mesas, sofás, balanços e banquetas. Iniciamos importando os produtos, mas por várias questões, inclusive cambiais, não estávamos obtendo o lucro esperado. Além disso, ainda dependíamos dessa produção externa. Então, implantamos nossa fabricação”, afirma o diretor-executivo da empresa, Walker Cunha Filho.

A empresa foi criada em 2011, mas o despertar para a exportação surgiu em 2014. Conforme o diretor-executivo da microempresa, um dos fatores visualizados para obter a potencialização dos negócios foi o caráter de exclusividade dos móveis. O primeiro passo para mudar o perfil da empresa foi investir em *design*, tanto a partir do trabalho de *designers* da própria Paraíba, quanto de profissionais de outros países.

“Nós contratamos os *designers* para fazer peças exclusivas, um trabalho icônico, inclusive, sob encomenda. Por exemplo, fabricamos poltronas com características específicas para uma restaurante, conforme a identidade visual adotada pela empresa. Os *designs* são exclusivos”, enfatiza. As atividades de exportação da Cabanna Móveis começaram em 2019. Desde então, a empresa já conquis-

tou clientes de países como Estados Unidos, Bolívia, Porto Rico, República Dominicana, Nigéria e Angola.

Eventos

Segundo o proprietário da empresa, Walker Cunha, a prospecção de clientes internacionais ocorre nas feiras do setor realizadas mundo afora. A participação nos eventos é apoiada pela Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex Brasil). Nesta semana, ele participou do 61º Salone del Mobile, em Milão, na Itália. A empresa marcou presença como expositora, em sua terceira participação no evento.

“Em 2019, recebemos um prêmio no Salão de Milão a com uma poltrona Uaupes, desenhada pelo *designer* brasileiro, Sérgio Matos. No ano passado, estivemos presentes em feiras e mostras de decoração em São Paulo,

Milão, New York e Tel Aviv. No mês que vem, estaremos na International Contemporary Furniture Fair, em New York”, comenta o empresário. Ele conta que, com o evento italiano, está prospectando negócios com empresas de mais três países: Canadá, Portugal e Espanha.

Para Walker Filho, a participação nos eventos confere reconhecimento do trabalho diferenciado e a realização das vendas. “Normalmente, nossos clientes são lojas que revendem os produtos. Por exemplo, um deles foi patrocinador da Casacor na Bolívia”. Ele destaca que, na última década, a Cabanna Móveis participou de diversas edições da Casacor, no Brasil e no exterior, e até da primeira edição da Casa Caras, no Nordeste. Por enquanto, a maior fatia do público consumidor dos produtos ainda é nacional.

“Normalmente, as empresas de grande porte exportam pelo modelo clássico. Já as pequenas, muitas vezes, são abertas visando o mercado internacional

Tainã Fernandes



Fotos: Arquivo pessoal

Walker Cunha (ao centro à esquerda) recebe a visita do embaixador e Cônsul-Geral do Brasil em Milão, Hadil da Rocha-Vianna, no stand no 61º Salone del Mobile com móveis da Cabanna (dir.)

## Paraíba pode ganhar mais de 100 empresas exportadoras

A Paraíba pode ganhar mais de 100 empresas exportadoras, a partir do Programa de Qualificação para Exportação (Peiex), executado na Paraíba desde o ano de 2021, por meio de uma parceria entre a Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex Brasil) com a Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba (Fapesq-PB). Até o mês de abril, o Peiex já

possibilitou a 49 empresas concluir o processo de qualificação e de elaboração do seu plano de exportação.

Conforme a coordenadora do núcleo operacional do Peiex no estado e professora do Departamento de Economia da Universidade Federal da Paraíba, Márcia Paixão, o convênio tem vigência até o mês de junho e já ultrapassou sua meta, ao captar 102

empresas de 26 segmentos. Ela afirma que as empresas ainda não iniciaram as vendas dos produtos, mas começaram as negociações.

“Os empresários já estão fazendo contatos comerciais, por meio de mídias digitais e participações em rodadas de negócios realizadas no Brasil, nas quais compradores internacionais conhecem nossa oferta de produtos e serviços”,

conta a coordenadora. Entre os países visados pelos empresários locais estão os da América Latina e Europa e os Estados Unidos.

Márcia Paixão esclarece que o objetivo do Peiex é habilitar a empresa para atuar no comércio exterior ao familiarizar o empresário e seus colaboradores com um conjunto de conhecimentos da área. Ao fim da qualificação, há a

elaboração de um plano de exportação específico para cada empresa.

“Esse material reflete as características do produto, o mercado-alvo escolhido pelo empresário, o planejamento para adequação de embalagem, os instrumentos de comunicação da empresa (site e material técnico em outros idiomas) e a contratação de consultoria para processos

comerciais e aduaneiros, entre outros”, comenta a professora de Economia.

Ao todo, são trabalhados 28 tópicos técnicos de comércio exterior como identificação fiscal internacional da mercadoria, regras e exigências fiscais e técnicas do país-alvo e nomes de instituições brasileiras e estrangeiras que controlam ou apoiam as operações comerciais no exterior.

## Empresários precisam compreender o comércio no exterior

O CIN-PB disponibiliza informações sobre comércio exterior ao empresariado a partir da compilação de informações acerca do comércio exterior, com ações de inteligência comercial, como a elaboração de estudos sobre exportações e importações, a exemplo do Mapeamento e do Panorama do Comércio Internacional, e a produção de relatórios.

Segundo Tainã Fernandes,

■ Empresas paraibanas que quiserem atuar no comércio fora do país podem fazer parte de eventos de capacitação

a entidade ainda realiza capacitações pagas para empresas que querem atuar no comércio exterior e promove eventos gratuitos para interessados nas atividades. Uma opção para quem quer um atendimento mais especializado é a contratação dos serviços das empresas de trade. O CIN-PB tem 11 empresas cadastradas.

“As empresas de consultoria em comércio exterior

contam com profissionais especializados, que possuem conhecimento e experiência para orientar seus clientes em relação às melhores práticas e estratégias de negócio para o mercado internacional. Essas empresas podem ajudar seus clientes em diversas áreas, incluindo análise de mercado, planejamento estratégico, identificação de oportunidades de negócio, análise de ris-

cos, pesquisa de fornecedores e parceiros comerciais, definição de estratégias de exportação e importação, assessoria em questões regulatórias e aduaneiras, entre outras”, explica Tainã Fernandes.

Os serviços de uma empresa de consultoria em comércio exterior podem ser personalizados conforme com as necessidades do cliente, oferecendo auxílio na identificação de

oportunidades de mercado e minimizando riscos e custos. Dessa forma, a contratação de uma consultoria em comércio exterior pode ajudar as empresas contratantes a reduzir a curva de aprendizado para o mercado global, acelerando o processo de internacionalização dos negócios. Além disso, a consultoria pode contribuir na tomada de decisões estratégicas para a empresa.

AD SCIENTIFIC INDEX

# Ranking destaca secretário da PB

Cláudio Furtado, da pasta de Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior, está entre os principais cientistas do mundo

Renato Fêlix  
Assessoria Secties

O professor Cláudio Furtado, secretário de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior, é um dos pesquisadores paraibanos com melhor colocação na lista *World Scientist and University Rankings* deste ano, publicada este mês pela AD Scientific Index. A instituição calcula a produtividade total desses pesquisadores nos últimos seis anos, entre outras métricas, e a partir dessas pontuações e do número de citações no Google Acadêmico é calculado as posições que os pesquisadores ocupam.

O *ranking* analisou estudos acadêmicos de 219 países, 21.624 universidades e instituições, e 1.345.715 cientistas. Destes, Furtado ficou entre os 10% melhor posicionados, junto com outros 16 colegas da Universidade Federal da Paraíba. Um pesquisador da UEPB e outro do Unipê também conseguiram entrar neste seleto grupo.

Paraibano nascido na cidade de Sousa, Furtado é pesquisador da área de Física teórica, com doutorado concluído em 1999 e trabalhos publicados em revistas internacionais. Ele já havia aparecido na lista do AD Scientific Index em 2021 e, na avaliação empreendida pelo CNPq, é pesquisador 1A, maior classificação de um índice que calcula repercussão de trabalhos, orientações e também experiência em gestão.

Nesta entrevista, o professor fala sobre a importância deste reconhecimento e de sua história com a pesquisa. A lista completa do AD Scientific Index 2023 pode ser acessada no site ([https://](https://www.adscientificindex.com/)



Ranking analisou estudos acadêmicos de 219 países, 21.624 universidades e instituições e 1.345.715 cientistas. Destes, Furtado ficou entre os 10% melhor posicionados

[www.adscientificindex.com/](https://www.adscientificindex.com/)). Nela, o leitor pode conferir os 258 pesquisadores da UFPB que integram o *ranking* em sua totalidade, assim como 52 da UEPB, 44 do IFPB e 19 do Unipê.

■ Furtado é pesquisador da área de Física teórica, com doutorado concluído em 1999 e trabalhos publicados

## Saiba mais

### Pesquisadores da Paraíba melhores colocados na lista

Estes são os profissionais da Paraíba que ficaram entre os primeiros 10% da lista da Ad Scientific Index 2023:

**UFPB:** José Maria Barbosa Filho, Farmácia; Valdiney V Gouveia, Psicologia; Antonio Gouveia de Souza, Química; Mario Cesar Ugulino de Araujo, Química; Edeltrudes Lima, Farmacologia; D Bazeia, Física; Reinaldo Almeida, Fisiologia; Claudio Furtado, Física; Maria Miriam Lima da Nóbrega, Enfermagem; Eliton Souto de Medeiros, Nanociência e nanotecnologia; Ieda Maria Garcia dos Santos, Engenharia de materiais e metalúrgica; VB Bezerra, Física; Maria de Fatima Agra, Botânica; Margareth de Fátima Formiga Melo Diniz, Farmacologia; Fabio Sampaio, Bioquímica; Knut Bakke, Física; Evandro Souza, Microbiologia

**UEPB:** Rômulo Alves, Etnobiologia

**Unipê:** Damião Pergentino de Sousa, Farmácia

## A entrevista

■ Qual a importância da lista do Ad Scientific Index?

Um trabalho acadêmico tem várias medidas da sua repercussão. Uma é a citação. O que a Ad Scientific Index mede é a repercussão do trabalho de um determinado autor. Mas você tem várias outras medidas. Como o fator H, uma medida que o pesquisador Jorge Hirsch criou.

O número de pesquisadores da UFPB bem colocados na lista deste ano é significativo.

Isso mostra qualidade – e esses pesquisadores estão distribuídos em diversas áreas (veja o quadro nesta página). Isso é muito importante para mostrar a inserção internacional dos trabalhos que são feitos aqui na UFPB. A pesquisa científica é medida pelo parâmetro de impacto que ela tem e pela repercussão. Isso mostra que os profissionais que estão sendo formados pela nossa pós-gra-

duação têm uma qualidade muito boa.

■ Como é sua história com a pesquisa? Como a física teórica entrou na sua vida?

É uma história antiga. Quando eu estava fazendo o ginásio – que hoje é Fundamental II –, pensava em estudar Engenharia nuclear. Era um momento em que o Brasil estava entrando em um projeto de construção de energia nuclear, nos anos 1980. Quando eu saio da Paraíba e vou fazer o Ensino Médio em Pernambuco, fui visitar o Departamento de Física da UFPE. E um professor me disse: “Mas quem faz isso aí não é engenheiro nuclear, não, é físico nuclear”. Nesse momento, resolvi mudar para Física Teórica. Fiz o vestibular e entrei em Física na UFPE e começo a me interessar por formação do universo, cosmologia, relatividade geral. Depois, passei a trabalhar com im-

perfeições de materiais, com os chamados defeitos topológicos. Isso aí praticamente foi o trabalho da minha carreira até hoje: ver a influência da Geometria e da topologia em propriedades físicas. Nessa época achava-se que, na formação do universo, vários defeitos dessa mesma natureza foram muito importantes para a formação de estruturas, de galáxias. E eu usava uma ferramenta que pode ser utilizada tanto para esse tipo de teoria quanto para algo mais palpável.

■ A física teórica é um assunto muito abstrato para quem não é da área. Esse é um assunto que é para ser adequado ao ambiente acadêmico mesmo ou tem algum jeito de popularizar esse tema, de “traduzir” para quem não estuda?

A ciência, por mais difícil de seja, tem que se restringir ao ambiente acadêmico para aquele que vai fazer o desenvol-

vimento. Aí é que precisa de um especialista. Aqui, tem que usar a “Navalha de Ockham”: se você precisa de muita coisa para explicar uma determinada realidade é porque a teoria não é boa. Então ela tem que ser simples e fácil de poder explicar a uma pessoa leiga. E isso é um problema que temos no Brasil do ponto de vista da divulgação científica. Se você tem uma sociedade que entende bem a questão, ela consegue defender a ciência nos momentos em que ela precisa da defesa da sociedade. Durante a pandemia tivemos esses questionamentos, o terraplanismo...

■ Quais ações o senhor acha que são efetivas para a popularização da ciência?

Em qualquer lugar onde a sociedade conhece melhor a ciência é porque ela investiu na base, em popularização da ciência desde

as crianças. E importante que a criança tenha desde cedo contato e que isso desperte porque é também a maneira de atrair pessoas para continuar levando a ciência para a frente.

■ O senhor acha que essa posição no ranking de alguma maneira ajuda no seu trabalho à frente da secretaria?

Sim, acho que é importante porque para trabalhar com ciência e tecnologia em qualquer função de gestão é importante ter experiência na área. Isso gera respeito por parte da comunidade. Você sabe que é um par da comunidade que está exercendo um cargo.

■ O que o senhor diria aos jovens cientistas?

Muitas vezes, quando você vai escolher uma determinada profissão, as pessoas ficam dizendo que você não vai ter chance de fazer muitas coisas. O que eu consegui na minha carreira como físico, eu jamais conseguiria se eu tivesse feito outra escolha. Ela me deu todas as chances que eu jamais imaginaria como profissional. Isso para o filho de um comerciante de Sousa, lá do bairro da Estação. A educação e a ciência moldaram tudo o que eu tenho na vida e me sinto um profissional extremamente realizado. O conselho é acreditar sempre no sonho.

FRAZÃO

EDITAL DE LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA - PRESENCIAL E ONLINE

**1º LEILÃO: 10 de maio de 2023, às 15h00min "**, **2º LEILÃO: 12 de maio de 2023, às 15h00min "**, - ("horário de Brasília)  
Ana Claudia Carolina Campos Frazão, Leiloeira Oficial, JUCESP nº 836, com escritório na Rua Hipódromo, 1141 - Sala 66 - Mooca - São Paulo/SP, FAZ SABER a todos quanto o presente EDITAL virem ou dele conhecimento tiver, que levará novamente a **PÚBLICO LEILÃO**, cumprindo as formalidades legais, de modo **PRESENCIAL E ON-LINE**, nos termos da Lei nº 9.514/97, artigo 27 e parágrafos, autorizada pelo **Credor Fiduciário BANCO SANTANDER (BRASIL) S/A** - CNPJ nº 50.400.888/0001-42, nos termos do instrumento particular com força de escritura pública de 27/10/2010, cuja a Fiduciante **MARIA DA PENHA SILVA**, CPF nº 154.383.924-04, em **PRIMEIRO LEILÃO** (data/horário acima), com lance mínimo igual ou superior a **R\$ 293.222,98** (Duzentos e noventa e três mil duzentos e vinte e dois reais e noventa e oito centavos - atualizados conforme disposições contratuais), o imóvel constituído pelo "Apartamento nº 102, com área real privativa de 52,82m² e área total real privativa de 56,02m², com uma vaga de garagem, do Prédio Residencial Multifamiliar, situado à Rua Harkerez Henriques de Miranda Loureiro, nº 58 na cidade João Pessoa/PB ", melhor descrito na matrícula nº 117.916 do 1º **Ofício de Registro de Imóveis da Comarca de João Pessoa/PB**", imóvel ocupado, Venda em caráter "ad corpus" e no estado de conservação em que se encontra. Caso não haja licitante em primeiro leilão, fica desde já designado o **SEGUNDO LEILÃO** (data/horário acima), com lance mínimo igual ou superior a **R\$ 62.500,00** (Sessenta e dois mil e quinhentos reais). O leilão presencial ocorrerá no escritório da Leiloeira. Os interessados em participar do leilão de modo on-line, deverão se cadastrar no site [www.FrazaoLeiloes.com.br](http://www.FrazaoLeiloes.com.br); encaminhar a documentação necessária para liberação do cadastro 24 horas do início do leilão. Forma de pagamento e demais condições de venda, VEJA A INTEGRA DESTE EDITAL NO SITE: [www.FrazaoLeiloes.com.br](http://www.FrazaoLeiloes.com.br). Informações pelo tel. 11-3550-4066 (18831, BC 2166-03).

Foto: Mateus de Medeiros

CONHECER E CONVIVER

“No Semiárido, há vários meios de se viver bem”

Bem adaptadas às características da região, atividades econômicas se mostram promissoras

Alexsandra Tavares  
lekajp@hotmail.com

Quando se fala em Semiárido do Nordeste brasileiro, sempre vem à mente imagens de solo esturricado, de animais morrendo de sede, do sol forte e gente sofrendo com a seca. A região, porém, tem o outro lado e pode ser sinônimo de prosperidade, de pessoas que convivem em equilíbrio com as características do local, de muito trabalho e renda.

No Sítio Macambira, em São João do Cariri, distante cerca de 200 quilômetros de João Pessoa, vive o caprinocultor Renato da Silva Brito, 42 anos. Formado em Ciências Agrárias, ele trabalha com a produção de queijo e ainda é professor do Ensino Fundamental na rede pública do município.

“Em minha região, já enfrentei dificuldades no período de seca para alimentar os animais, pois não tinha conhecimento para lidar com a falta de comida para o rebanho. Hoje eu tenho uma reserva para o período seco”, afirmou Renato, que desde criança foi admirador da caprinocultura.

Ele afirmou que tinha conhecimento de que existiam meios de trabalhar no segmento, sem ficar restrito à venda do leite para usinas de beneficiamento do programa do leite na Paraíba. Então, foi tentar outros caminhos, investindo na produção de queijo.

No início, tentou produzir um queijo diferenciado, mas não teve êxito. Com a decepção, buscou mais conhecimento, fez um curso sobre

queijos artesanais, na cidade de Coxixola, oferecido pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Rural da Paraíba (Senar).

O Sistema Faepa/Senar, é formado pela Federação da Agricultura e Pecuária da Paraíba, pelo Senar e pelos sindicatos rurais dos municípios. Juntos, oferecem cursos, representatividade dos produtores em fóruns, conselhos, entidades e órgãos públicos, além de assessoria gratuita em diversas áreas, serviço de certificação digital, contratação de seguros, entre outras atividades. Um dos cursos voltados ao produtor rural é o de Assistência Técnica e Gerencial (ATEG), que atua não apenas com capacitação voltada à terra e lida com animais, mas também na área de gestão.

Em 2021, Renato ainda fez um

curso na Empresa Brasileira de Pesquisa e Agropecuária (Embrapa) e adquiriu mais conhecimentos na área em que atuava. O preparo profissional mudou a vida do caprinocultor. “Hoje faço vários tipos de queijos que têm grande aceitação, e já tenho clientes fiéis”, declarou.

Para ele, existe a ideia de que no Semiárido só tem pessoas sofridas e há também a questão do pessoal que não acredita no seu potencial. “Aqui, há muitos meios de viver bem, seja qual for a área, qual queijo explorar - pode ser derivado de leite de cabra ou de vaca, doces, artesanato e outros produtos”. Para ele, “uma comunidade rural do Semiárido pode viver do que nela produzir, basta participar atentamente das ações da região”.

“  
Uma comunidade rural no Semiárido pode viver do que nela produzir, basta participar atentamente das ações da região

Renato da Silva Brito



Foto: Arquivo pessoal

Após enfrentar dificuldades devido à seca, Renato da Silva diz que aprendeu a viver no Semiárido

Projetos buscam fixar o homem à região com respeito à natureza

No Semiárido, não faltam projetos do poder público, de entidades e instituições que incentivam os moradores da região a se estabelecerem em seus locais de origem. O resultado é a manutenção das comunidades com suas relações sociais históricas, o desenvolvimento da região e a não concentração de habitantes em apenas algumas regiões do país. Uma dessas práticas é o “Projeto Ater para Algodão Orgânico”, voltado à agricultura familiar, desenvolvido pela Empresa Paraibana de Pesquisa e Extensão Rural e Regularização Fundiária (Empaer).

O projeto trabalha com o plantio de algodão orgânico consorciado e culturas alimentares que já somam mais de 500 famílias na Paraíba, em várias regiões, não só no Semiárido, mas também no Cariri, Curimataú e Brejo. Segundo Jefferson Ferreira de Moraes, diretor de Assistência Técnica e Extensão Rural da Empaer, a ação gera renda e segurança alimentar e nutricional às famílias. Algumas estão, inclusive, em situação de vulnerabilidade econômica. Ele enfocou que não há como mensurar o volume de alimentos produzidos dentro do projeto, mas que somente a produção de algodão, para este ano, está estimada de 60 toneladas.

“No entanto, com relação à produção de alimentos não temos informações pela diversidade dos consórcios, são várias culturas plantadas, e por ainda não termos um sistema

que possa fazer esse acompanhamento em campo”, frisou.

Ele contou que as empresas compram o algodão, com contrato antecipado de venda com os agricultores, e também fomentam sementes, sacaria e ainda ajudam na logística de entrega do produto final. “A Empaer ainda entra com a assistência técnica e as metodologias de extensão rural para que eles entrem no processo da certificação orgânica, que é paga pelas empresas”, completou Jefferson.

O projeto visa não apenas o plantio do algodão que será comercializado, mas também as culturas alimentares que estarão em consórcio. “Então, consorciado com o algodão, o agricultor do Semiárido vai ter o milho, o feijão, o gergelim, o jerimum, o maxixe, o quiabo, a melancia, enfim, outras culturas alimentares que são produtos orgânicos, com uma valorização de 30% em relação aos produtos tradicionais. O plantio também serve para a questão de segurança alimentar da família, que vende o excedente, bem como o algodão”.

Dessa forma, a Empaer cria um sistema de produção sustentável, tendo em vista que o algodão é bastante resistente aos déficits hídricos do Semiárido. Mesmo que haja perda dos produtos alimentares por conta da seca, o algodão sobrevive gerando renda em situações adversas. “Essas famílias também con-

tam com um sistema de produção agroecológico, ambientalmente sustentável, e também com controle de inimigos naturais, sem uso de agrotóxicos”, explicou.

Jefferson Ferreira de Moraes frisou que, por conta da produção de algodão no Semiárido paraibano, há uma usina de algodão funcionando em Píripituba e outra com previsão de inauguração em maio em Ingá, contribuindo para mais geração de emprego e renda na região.

**Alimento na mesa e preço acessível**

O diretor de Assistência Técnica e Extensão Rural da Empaer, Jefferson Ferreira de Moraes, enfocou que mais de 75% dos alimentos que chegam à mesa do brasileiro vêm da agricultura familiar, por isso é importante preservar o trabalho desses produtores e preservar iniciativas como o “Projeto Ater para Algodão Orgânico”.

“A permanência deles no campo evita que o agricultor migre para a cidade, onde corre o risco de ficar em situação de vulnerabilidade social. O mercado de trabalho na zona urbana exige uma especificidade de experiência que o agricultor só teria no campo”, comentou.

Ele afirmou ainda que quanto mais trabalhadores no campo, maior a produção de alimentos e alta dos preços. Os agricultores interessados em participar do projeto do algodão orgânico da Empaer podem procurar os 223 escritórios do órgão distribuídos em todos os municípios do estado. Outra forma de manter contato é por meio do portal [empaer.pb.gov.br](http://empaer.pb.gov.br) ou telefonar para a central 3218.8100.

**Uso da água de forma sustentável**

A melhoria na qualidade de vida em regiões de estiagem prolongada não ocorre, exclusivamente, na lida no campo. Há, por exemplo, o “Projeto Águas para Educar”, realizado nos estados de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, atendendo 15 escolas rurais, que beneficia cerca de quatro mil estudantes, e mais de 300 pessoas entre professores e funcionários das comunidades.

A iniciativa é desenvolvida pela



Foto: Divulgação

Ação de plantio de mudas promovida pelo Projeto “Água para Educar”

Cáritas Brasileira Regional NE2, em parceria com a Coca Cola Brasil e Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). O projeto consiste na construção de cisternas de placas com capacidade de 52 mil litros para captação de água das chuvas. Além disso, há o incentivo do reúso de água proveniente, por exemplo, da lavagem de louça, as chamadas águas cinzas ou bioáguas. Elas são aproveitadas na irrigação de pomares e hortas, implantadas por alunos e professores, dentro do projeto. Tudo feito de forma sustentável.

Na Paraíba, o “Águas para Educar” está presente em escolas de três municípios: Guarabira, Tacima e Cacimba de Dentro. A agente de Desenvolvimento Local da Cáritas da Diocese de Guarabira, Andreza Alves Guimarães, explicou que a escola da escola beneficiada é feita entre os realizadores do projeto e o Ministério da Educação e Cultura (MEC).

“Esse projeto é importante porque traz autonomia para a escola, por ter uma cisterna para a captação de água. Também utiliza a bioágua, evitando desperdício. A implantação da horta e do pomar complementa a alimentação dos alunos, incentivando-os, desde cedo, a consumir alimentos saudáveis, vindo direto da escola, e com a ajuda das crianças na hora da plantação”, disse Andreza.

Já Patrícia Sousa, vice-diretora da Escola Poeta Ronaldo Cunha Lima, em Cacimba de Dentro, enfocou que o projeto foi um marco na unidade de ensino, porque até então não existia água canalizada para os estudantes e funcionários. “E com a adesão a este projeto, temos água na escola. Estamos bastante satisfeitos porque temos como fazer a alimentação para os alunos. A água ainda ajuda na higienização da escola. Hoje, temos um ambiente limpo e que tem condições de disponibilizar alimentos saudáveis, que era nosso sonho”.



Foto: Arquivo pessoal



Foto: Arquivo pessoal

Queijos produzidos em Coxixola, município localizado no Semiárido

INSTRUMENTO EDUCACIONAL

Gol 10 vem mudando a vida de jovens

Idealizado pelo Corpo de Bombeiros Militar da Paraíba, o projeto social atende crianças e adolescentes de sete a 17 anos

Fabiano Souza  
fabianogool@gmail.com

Considerado pela Organização das Nações Unidas (ONU), como uma importante estratégia para lidar com questões de desenvolvimento e promoção humana, o esporte tem sido uma das principais ferramentas utilizadas por ONGs, Institutos, Associações e Projetos para promover ações que fazem a diferença através de iniciativas de práticas esportivas. Na Paraíba, um projeto de atividades com modalidades de futebol e futsal vem mudando a vida de jovens e adolescentes.

Idealizado em 2011 pelo Tenente Coronel do Corpo de Bombeiros Militar da Paraíba (CBMPB) Charlton Ribeiro, o “Projeto Social Bombeiro Gol 10” é tratado como instrumento educacional, que visa o desenvolvimento integral de crianças e adolescentes com idade de sete a 17 anos oriundos de escolas públicas e de situação de vulnerabilidade social. Nos últimos 12 anos, o projeto tem expandido ações recreativas de integração social nos principais Núcleos dos Batalhões do CBMPB.

“O Projeto visa alcançar o desenvolvimento integral da criança e sua formação para o exercício da cidadania, além de semear informações sobre a prevenção de acidentes e a prática do lazer com ética e humanidade, sendo as atividades realizadas em 13 Núcleos dos batalhões do CBMPB distribuídos em 12 cidades como João Pessoa, Campina Grande, Cabedelo, Guarabira, Patos, Pombal, Sousa, Cajazeiras, Princesa Isabel, Itabaiana, Catolé do Rocha e Mamanguape, com cerca de 600 crianças e adolescentes de diversas regiões do Estado”, revelou Tenente Coronel Charlton Ribeiro, idealizador e coordenador-geral do projeto.

As atividades com futebol ocorrem apenas nos núcleos de João Pessoa e Campina Grande. Nos demais núcleos ocorrem atividades com futsal. É no Quartel do Comando Geral do CBMPB, em João Pessoa, que Samuel Lisboa, 13 anos, e cerca de mais 130 estudantes encontram espaço para integração social. Foi no projeto que o pai do estudante encontrou auxílio para promover o ensino de disciplina na formação cidadã de Samuel.

“Só tomei conhecimento das atividades do projeto neste ano, então resolvi incluir o Samuel. O maior interesse foi justamente pelo trabalho social que o projeto oferece, pois o cenário de violência, roubos, furtos e tráfico de drogas é cenário constante nas comunidades de nosso país. Então encontrei aqui a possibilidade de incluir meu filho em ações sociais e recreativas que, sem dúvidas, auxiliam na sua formação pessoal”, disse Giuseppe Santos, pai de Samuel.

Em João Pessoa, João Batista, Tenente do CBMPB é



Instrutores do Projeto Social Gol 10, do núcleo de João Pessoa, conversam com crianças e adolescentes antes do início das atividades, no Corpo de Bombeiros

um dos monitores das atividades do projeto. Em quase uma década de dedicação à disciplina e formação de crianças e adolescentes, ele afirma que o trabalho vai mais além, ao ponto de ser gerado relações emotivas de carinho pelos estudantes.

“Antes de tudo temos o sentimento de pai. São nove anos dedicados ao projeto, a gente acaba criando uma afetividade com esses garotos pelo fato de estar presente nesse momento de transição na vida deles. No contexto geral, a gente consegue contribuir de forma positiva, pois muitos que por aqui passaram, hoje já constituíram família e tem sua vida social de pessoal íntegra”, disse.

Mesmo tendo como conceito a formação cidadã e integração social, consequen-

temente, a prática do futebol tem alimentando desejo dos garotos também buscarem outros sonhos, pautados pelo esporte de maior paixão popular do país.

“Os sonhos de nossos alunos são gerados pela própria capacidade individual que cada um apresenta nas atividades. Mesmo tendo o conceito de antes formar o cidadão, o projeto tem gerado bons frutos, ao ponto de alguns de nossos jovens participarem de seletivas das categorias de base de clubes profissionais. No último fim de semana, 15 atletas participaram de uma seletiva das categorias de base do ABC-RN, em Natal-RN. Em outros casos, três atletas migraram para clubes como Internacional-RS, Cruzeiro-MG e Vasco -RJ”, revelou Dos Passos, Tenente do

CBMPB e também monitor do projeto.

Nos últimos cinco anos, o projeto tem inserido meninas e crianças com deficiências nas ações recreativas. A ideia

“O próprio nome do projeto já causa uma frase efeito... Gol 10 no esporte, 10 na vida

Charlton Ribeiro

é capacitar mais profissionais para o atendimento e tratamento às crianças com autismo para incluir toda e qualquer criança e jovem, com ou sem deficiência em todas as ações do projeto.

“O próprio nome do projeto já causa uma frase efeito... Gol 10, 10 no esporte, 10 na vida. O nosso trabalho tem sido reconhecido e colhido resultados desde o início das atividades. Alguns dos alunos que passaram pelo projeto, hoje, ascenderam socialmente em cursos superiores, inclusive, formados em Educação Física, e que auxiliam de forma voluntária nas nossas atividades”, finalizou Charlton.

Torneio Integração

Para socializar e integrar os alunos de todos os Núcleos

do Corpo de Bombeiro Militar da Paraíba, a coordenação-geral do Projeto Bombeiro Gol 10 realiza o “Torneio Integração”. No entanto, a última edição só ocorreu em 2019, nos últimos dois anos a competição foi interrompida em função do período de pandemia.

A perspectiva é de que a 7ª edição do torneio seja realizada ainda este ano, com sede, datas e locais ainda a serem definidos pela comissão organizadora. A última edição ocorreu, em 2019, na Associação Nacional dos Servidores da Polícia Federal na Paraíba (Ansef-PB), em João Pessoa, o 6º Torneio de Integração reuniu 250 jovens de oito núcleos inseridos no projeto, na época, que participaram da competição divididos nas categorias sub-13 e sub-15.



As atividades com futebol do Projeto Gol 10 ocorrem apenas nos núcleos de João Pessoa e Campina Grande, sendo que nos demais núcleos ocorrem atividades de futsal

DEFICIENTES VISUAIS

# Petrolina sedia Regional de Futebol

*Paraíba estreia, amanhã, e será representada pelas equipes da Apace, de João Pessoa, e Apadevi, de Campina Grande*

Foto: Divulgação/CBDV

A cidade de Petrolina (PE) será sede do Regional Nordeste de Futebol de Cegos 2023, primeiro evento da modalidade organizado pela CBDV (Confederação Brasileira de Desportos de Deficientes Visuais) neste ano. A competição reunirá 12 equipes de seis estados diferentes – Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco e Piauí – e mais de 100 atletas, que jogarão de segunda-feira (24) até sábado (29) no Ginásio Osvaldo do Flamengo (Rua André Vidal de Negreiros, Centro). A Paraíba será representada pela Associação Paraibana de Cegos e Associação Paraibana dos Deficientes Visuais. Craques da Seleção Brasileira adulta e de base participarão do torneio. A Apace (Associação Paraibana de Cegos), por exemplo, campeã da última edição, manteve sua espinha dorsal com o goleiro Matheus Costa e os atletas de linha Maicon, Jardiel, Jonatan e Lucas Caetano, todos convocados frequentemente para defender o Brasil nas competições internacionais, além de contar com veteranos como Damião e Marquinhos, medalhistas de ouro em Jogos Paralímpicos.

O Regional terá, também, nomes de destaques vindos de fora, como os colombianos Jhon González e Juan Quintero, terceiros colocados da Copa América do ano passado, que defenderão novamente a Apadevi (Associação Paraibana dos Deficientes Visuais), de Campina Grande (PB). A Apace estreia amanhã a partir das 8h30 contra a Adesul Sub-23-CE, enquanto a Apadevi joga às 11h contra o AJECE B-BA.

O torneio conta com três grupos com quatro times em cada. Todos jogam entre si nas chaves em turno único. Classificam-se às quartas de final os oito melhores colocados no geral, independentemente do grupo a que pertençam, quando os cruzamentos acontecem na seguinte ordem: 1º x 8º; 2º x 7º; 3º x 6º; 4º x 5º.

A equipe mais bem colocada do Regional, exceto as que já fazem parte da Série A (Apace, Apadevi e Esceema) ou que caíram da Série A para a Série B em 2022 (Adesul, CAP e Cedemac) garantem vaga para o Campeonato Brasileiro de Futebol de Cegos - Série B 2023, que será disputado em novembro, em São Paulo. Ou seja, na prática, seis equipes brigarão por essa vaga.

Convocações

As Seleções Brasileiras de Futebol de Cegos e Goalball foram convocadas no início da semana para a próxima fase de treinamentos, a última antes de importantes competições internacionais que acontecerão em maio. Os rapazes pentacampeões paralímpicos e do mundo do futebol se reunirão de 30



Jogadores do Apace são campeões da última edição e contam com o goleiro Matheus Costa (C) e com os veteranos Damião e Marquinhos no torneio em Petrolina

de abril a 7 de maio no CT Paralímpico, em São Paulo. O técnico Fábio Vasconcelos convocou 16 jogadores. Estarão concentrados também 12 atletas da equipe Sub-20 treinada por Júlio César Macena, o Cesiinha. Já os times feminino e masculino de goalball do Brasil vão treinar de 7 a 13 de maio, no mesmo local. Ao todo, 18 jogadores participarão desta que é a quarta fase do ano.

O foco da seleção de futebol está no Grand Prix da IBSA, que reunirá oito equipes – Brasil, Argentina, Japão, Tailândia, França, Inglaterra, Itália e Chile – em São Paulo entre os

dias 23 e 27 de maio. Atual campeã, a equipe da camisa amarelinha vai disputar a competição pela segunda vez na história. Será a primeira edição na América do Sul – México, em 2022, e Japão, em 2021, 2019 e 2018, foram as sedes anteriores. Vale lembrar que este ano reserva, ainda, os dois torneios classificatórios pelos quais o Brasil buscará vaga nos Jogos Paralímpicos de Paris 2024: o Parapan-Americano, em Santiago, no Chile, em novembro, e a Copa do Mundo, em Birmingham, na Inglaterra, em agosto – inserida dentro dos Jogos Mundiais da IBSA.

## COMPOSIÇÃO DOS GRUPOS

■ GRUPO A

- APACE-PB (Associação Paraibana de Cegos)
- ADVP-PE (Associação dos Deficientes Visuais de Petrolina)
- CAP-BA (Centro de Apoio Pedagógico ao Deficiente Visual)
- ADESUL-CE (Sub-23) (Associação D’Eficiência Superando Limites)

■ GRUPO B

- APADEVÍ-PB (Associação Paraibana dos Deficientes Visuais)
- CEDEMAC-MA (Centro Desportivo Maranhense de Cegos)
- ADESUL-CE (Associação D’Eficiência Superando Limites)
- AJECE-BA (Associação Jequiense de Cegos)

■ GRUPO C

- ESCEMA-MA (Escola de Cegos do Maranhão)
- ICB-BA (Instituto de Cegos da Bahia)
- ACEP-PI (Associação dos Cegos do Piauí)
- AFCP-PE (Associação Futsal de Cegos de Pernambuco)

## EM SÃO PAULO

# Desafio na pista de atletismo do CT Paralímpico

O Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) e a Confederação Brasileira de Atletismo (CBAt) realizarão o 2º Desafio CPB/CBAAt de 2023, neste domingo, 23, no Centro de Treinamento Paralímpico, em São Paulo. Desta vez, vão participar somente atletas paralímpicos, sendo 36 masculinos e 23 femininos.

Serão disputas em provas de pista, como 100m, 200m, 400m, 1.500m, 5.000m, salto em distância, e provas de campo, como arremesso de peso e lançamentos de dardo e disco.

Entre os competidores, estarão presentes medalhistas paralímpicos como a baiana Raíssa Machado, prata no lançamento de dardo da classe F56 (atle-

tas que competem em cadeiras) nos Jogos de Tóquio 2020; o carioca Wallace dos Santos, ouro no arremesso de peso da classe F55 (cadeirantes) em Tóquio 2020; a sul-mato-grossense Silvana Costa, ouro no salto em distância da classe T11 (cegas) nos Jogos do Rio 2016 e Tóquio 2020; e o paranaense Vinícius Rodrigues, prata nos 100m da classe T63

(atletas que competem com prótese) nos Jogos de Tóquio 2020.

Para a alagoana Marivana Nóbrega, medalhista de prata no arremesso de peso pela classe F35 (para atletas paralisados cerebrais) nos Jogos Paralímpicos de Tóquio 2020, a competição servirá como retomada às disputas oficiais e como uma chance de buscar uma vaga no Mundial de Atletismo Paralímpico de Paris, marcado para acontecer de 8 a 17 de julho.

“A expectativa no Desafio é continuar evoluindo e melhorando cada vez mais para conseguir, em maio, a minha vaga para o Mundial. Voltei recentemente de uma gestação e agora tudo mudou. Os estímulos, a vontade, o ânimo, tudo é pela minha filha. Buscar melhorar as minhas marcas do ano nestas últimas oportunidades para conquistar essa vaga e, lá em julho, tentar subir ao pódio e trazer a primeira medalha internacional para

ela”, afirmou Marivana, mãe há quatro meses.

A primeira etapa do Desafio foi realizada no último sábado, 15, com destaque para o atleta fluminense Bruno Araújo, que correu os 100m da classe T47 (deficiência nos membros superiores) em 11s05, melhor marca de sua carreira e a sexta do mundo no ano.

“O Desafio CPB/CBAAt nos dá ritmo de competição e esperamos bons resultados. Por mais que o objetivo maior seja o Mundial de Atletismo, pensamos na melhora das marcas nesta etapa”, completou o carioca João Victor, medalhista de bronze no lançamento de disco e no arremesso de peso pela classe F37 nos Jogos de Tóquio.

Os atletas Marivana Nóbrega, Raíssa Machado, Silvana Costa, Wallace dos Santos e Vinícius Rodrigues são integrantes do Programa Loterias Caixa Atletas de Alto Nível, programa de patrocínio individual das Loterias Caixa que beneficia 91 atletas.

Foto: Ale Cabral / CPB



Marivana Nóbrega realiza arremesso de peso no Centro de Treinamento Paralímpico em SP

HAALAND

# Média de gols supera Ronaldo e Messi

*Atacante norueguês já marcou 47 gols na temporada, sendo a maior aposta do City para ganhar a Liga dos Campeões*

Agência Estado

Artilheiro do Manchester City, Erling Haaland transformou o futebol inglês e o time de Pep Guardiola nesta temporada. Fez isso em seu primeiro ano no clube. Comprado pelo fundo dos Emirados Árabes Unidos, que comanda a equipe desde 2008, por 60 milhões de euros (cerca de R\$ 300 milhões à época), o norueguês é o artilheiro do futebol mundial neste ano e, aos 22

do mundo na última década, levaram algumas temporadas para atingir suas formas de artilheiros. Por causa disso, suas médias são inferiores quando comparadas aos demais - CR7 é o “pior” neste levantamento. Em 2008, Cristiano Ronaldo teve sua primeira temporada de artilheiro no Manchester United, com 42 gols em 49 jogos, e levou o título da Liga dos Campeões e a Bola de Ouro. Nos quatro ano

seguintes, sob o comando de Guardiola, Messi dominou o futebol europeu com o Barcelona, mas não superou os números de Haaland antes de completar 22 anos. O mesmo vale para Luis Suárez, Benzema e Lewandowski, que atingiram seu ápice na carreira após os 22 anos. Neymar, em sua passagem pelo Santos, foi quem mais se aproximou dos números do norueguês, mas o período de adaptação ao futebol europeu

2013/2014 fez com que ficasse atrás nesse quesito. Dominante na segunda metade da década de 1990, Ronaldo Fenômeno chegou até a marcar mais gols do que Haaland antes de completar 23 anos, mas a sequência de lesões no joelho, em especial na temporada 1999/2000, fez com que sua média de gols por jogo ficasse relativamente abaixo na comparação ao norueguês - 0,80 a 0,84.

Eleito melhor do mundo em 1996 e 1997, Ronaldo chegou a marcar 157 gols em 164 jogos, mas os primeiros anos na Inter de Milão, entre 1997 e 2000, fizeram sua média baixar antes de chegar aos 23 anos. **Prêmios individuais** Se individualmente Haaland é um fenômeno, coletivamente ainda restam ao atacante as principais conquistas do futebol. Desde que se transferiu para o Borussia

Dortmund, em 2020, o atacante ainda não conquistou um campeonato nacional. Terá a chance nesta temporada, caso o City consiga ultrapassar o Arsenal, atualmente a quatro pontos na liderança. A Liga dos Campeões é outra obsessão do atacante norueguês - e que o diferencia dos demais jogadores no levantamento. Antes de completar 23 anos, tanto Messi quanto Cristiano Ronaldo já haviam conquistado a cobiçada taça, pelo Barcelona e Manchester United, respectivamente. Haaland já revelou que escuta diariamente o hino da competição continental.

“Farei tudo que puder para ganhar troféus aqui com o Manchester City e tentar mudar o jogo”, afirmou Haaland, em entrevista à revista GQ. “Meu objetivo é ganhar a Liga dos Campeões, espero.” Na principal competição do futebol europeu, o atacante soma 34 gols em 26 jogos.

Seu desempenho na Liga dos Campeões o credencia ao debate para a conquista do prêmio de melhor jogador da temporada pela Fifa. Em sete jogos, marcou 11 gols, sendo cinco destes na goleada de 7 a 0 sobre o RB Leipzig, nas oitavas de final. Além disso, ele pode superar a marca de Cristiano Ronaldo, que anotou 17 gols na temporada 2013/2014. Caso o City chegue à decisão, em Istambul, Haaland ainda terá quatro jogos a disputar e mais gols para fazer.

“Eu acho que todos (os jogadores) ligam (para a Bola de Ouro). Mas não acho bom ficar pensando sobre isso. Se você e seu time estiverem jogando bem, terá um bom desempenho, começará a vencer títulos e provavelmente estará na lista”, afirmou o centroavante. O prognóstico é de que, na década atual, os holofotes do futebol sejam compartilhados entre Haaland e Mbappé.

No Paris Saint-Germain, o artilheiro da Copa do Mundo de 2022 e campeão em 2018 busca os mesmos objetivos que o camisa 9 do City: a Bola de Ouro e a Liga dos Campeões. Com uma média de 0,77 gols por jogo aos 22 anos, Mbappé foi o artilheiro mundial em 2022. A tendência é que os jogadores tracem caminhos semelhantes nesta década, tal qual CR7 e Messi.

O vínculo atual de Haaland com o City se expira em 2024, mas a tendência é que o atacante renove. Quando chegou à Inglaterra, uma cláusula em seu contrato permitia que o jogador deixasse o Manchester, caso outro clube pagasse a multa de 150 milhões de euros (cerca de R\$ 832 milhões). Entretanto, de acordo com o *site* The Athletic, essa possibilidade aconteceria apenas se Guardiola não estendesse seu vínculo com o City.

Com a renovação do catalão até o final da temporada 2024/2025, o clube inglês prepara um novo contrato para oferecer ao atacante, que lidera a corrida pela chuteira de ouro - prêmio dado ao jogador com mais gols no ano - nesta temporada. Recentemente, Julian Álvarez, companheiro do norueguês, já havia renovado seu acordo com o clube.

anos, supera marcas de Lionel Messi, Ronaldo e Cristiano Ronaldo entre outros centroavantes que dominaram o esporte nas últimas décadas

Ao todo, o City já marcou 126 gols em todas as competições que disputa - Campeonato Inglês, Copa da Inglaterra, Copa da Liga Inglesa, Supercopa da Inglaterra e Liga dos Campeões. Destes, Haaland é responsável por 47 gols (37%) em apenas 40 jogos na temporada 2022/2023. Ele é a esperança do City na conquista inédita da Liga dos Campeões - o time enfrenta o Bayern de Munique nesta quarta-feira, após vitória por 3 a 0 na ida das quartas de final.

As marcas são ainda mais impressionantes no Campeonato Inglês. Na liga nacional tida como a mais disputada do mundo, Haaland já acumula 32 gols em 28 jogos. Com oito partidas a serem disputadas, o norueguês precisa de apenas mais três gols para superar a artilharia histórica do Campeonato Inglês em uma temporada - Andy Cole, pelo Newcastle, em 1993/1994, e Alan Shearer, do Blackburn, no ano seguinte, lideram a estatística até o momento, com 34 gols.

Além da Inglaterra, Alemanha e Áustria - ligas que disputou após deixar a Noruega -, Haaland se coloca entre os principais goleadores deste século. Até o momento, o centroavante é responsável por 223 gols em 263 jogos (uma média de 0,84 por partida). Ao comparar as marcas com outros nomes do esporte, quando tinham a mesma idade do centroavante (22 anos), Haaland se sobressai nas estatísticas individuais.

O Estadão comparou os números do norueguês com outros nove atacantes que se colocaram na primeira prateleira do futebol nos últimos 20 anos: Cristiano Ronaldo, Messi, Lewandowski, Neymar, Benzema, Suárez, Ibrahimovic, Mbappé e Ronaldo Fenômeno. Em média de gols por jogo, Haaland supera todos eles.

Messi e Cristiano Ronaldo, que dominaram as premiações de melhor jogador



Foto: Reprodução/Instagram

Os números do norueguês Haaland, do Manchester City, impressionam e atacante já é um dos favoritos a ganhar a próxima Bola de Ouro da Fifa

BRASILEIRÃO

# Rodada com cinco jogos neste domingo

*Destaques ficam por conta de Vasco x Palmeiras, no Maracanã, às 16h; e Internacional x Flamengo, às 11h, no Beira-Rio*

Geraldo Varela  
gvarellajp@epc.pb.gov.br

Um domingo de clássicos no futebol brasileiro e começando bem mais cedo. O torcedor precisa estar atento porque a bola já rola a partir das 11h no Estádio Beira-Rio, em Porto Alegre-RS, com o jogo entre Internacional e Flamengo. O equilíbrio é a marca maior desse confronto já que o Inter venceu 38 jogos e marcou 151 gols contra 37 vitórias do Fla e 137 gols e, ainda, 31 empates, dados do wikipédia. O Colorado vem de um empate fora de casa contra o Fortaleza e ainda tenta se consolidar na temporada após ver o seu maior rival, o Grêmio, ser de novo campeão gaúcho. Na última terça-feira, atuando em seus domínios, o Inter venceu o Metropolitano, da Venezuela, por 1 a 0, jogo válido pela Copa Libertadores, deixando a equipe na zona de classificação em segundo lugar do Grupo B. O técnico Mano Menezes tenta emplacar bons resultados para dar uma maior sustentabilidade ao seu trabalho. No Flamengo, o técnico Jorge Sampaoli, que estreou com uma vitória de 2 a 0 sobre o Nublense, do Chile, no Maracanã, deixou a torcida animada e confiante no retorno do melhor futebol do time carioca que vem acumulando conquistas nas últimas temporadas. Gabigol que deixou o campo na última quarta-feira com dores nas costas, não se constitui problema e deve jogar contra o Inter. No Brasileiro, o Fla goleou o Coritiba na estreia por 3 a 0, mas certamente encontrará muitas dificuldades diante de um adversário que é muito forte jogando em seus domínios.

Ano passado o Inter levou a melhor no jogo do Beira Rio, vencendo por 3 a 1, justamente na estreia do técnico Dorival Júnior que substituirá Paulo Sousa no Flamengo. O Inter marcou com Wanderson e Pedro Henrique, duas vezes, descontando Andreas Pereira, no dia 11 de junho. Já em 5 de outubro, no jogo da volta, houve um empate de 0 a 0 no Maracanã.

## Vasco x Palmeiras

A torcida do Vasco da Gama deve lotar o Maracanã - mais de 50 mil pessoas são esperadas -, a partir das 16h, diante do Palmeiras, principalmente depois da estreia vitoriosa diante do Atlético Mineiro, no Mineirão, na rodada de abertura por 2 a 1. Nos 132 jogos já registrados entre as equipes, larga vantagem para o time paulista com 60 vitórias contra 31 de seu oponente, além de 41 empates. O alviverde marcou 212 gols e o cruzmaltino 165. São apenas estatísticas que pou-

co valem quando a bola rolar neste domingo. Gabriel Pec, um dos destaques na vitória sobre o Atlético, está em sua quinta temporada como jogador profissional e tem ciência de que já passou por momentos bons e ruins na equipe, agora esperançoso de emplacar uma grande temporada. “Quando eu subi, sabia do tamanho do Vasco. Estou aqui desde oito anos. Mas quando chegamos ao profissional, todo Brasil acompanha. E tem essa questão de rede social. Isso é algo novo para quem sobe da base. Eu lia os comentários e ficava um pouco frustrado. Ninguém quer render mal no profissional. Nosso sonho é subir e dar alegrias ao torcedor”, disse ao site do GE. No Palmeiras, um grande alívio depois da vitória de virada, muito suada, diante do Cerro Porteño, do Paraguai, por 2 a 1, resultado que embolou o Grupo C já que todas as equipes têm três pontos após a segunda rodada da Copa Libertadores. O campeão paulista estreou com vitória no Brasileiro sobre o Cuiabá por 2 a 1 e novamente é sério candidato ao título nacional.

## Santos x Atlético-MG

O time paulista vem de um empate sem gols contra o Audax pela Copa Sul-Americana e vive um momento bastante complicado na temporada. No Brasileiro estreou, fora de casa, e perdeu de 1 a 0 para o Grêmio. Alguns analistas colocam o Santos como sério candidato ao rebaixamento devido a má campanha no Paulistão e o fato de não ter renovado o seu elenco. Já o Galo mineiro também está pressionado pela má campanha na Libertadores com duas derrotas, a última para o Athletico-PR por 2 a 1, antes tinha perdido em casa para o Libertad. No Brasileiro estreou perdendo, em casa, para o Vasco da Gama por 2 a 1.

## Goiás x Corinthians

O Corinthians vive um inferno astral esta semana depois da derrota para o Argentino Juniors por 1 a 0, na Neo Química Arena, que culminou com a demissão do técnico Fernando Lázaro e a substituição por Dorival Júnior. No Brasileiro estreou com vitória sobre o Cruzeiro por 2 a 1, mas as fracas atuações têm irritado os torcedores. O jogo no Hailé Pinheiro, o Serrinha, começa às 19h. O time da casa perdeu para o Athletico-PR na estreia por 2 a 0 atuando na Arena da Baixada. A outra partida da rodada de hoje será entre Coritiba e Fortaleza, às 18h30, no Couto Pereira. O Coxa perdeu para o Flamengo na estreia por 3 a 0 e o Fortaleza só empatou com o Internacional em 0 a 0.



Foto: Pedro Souza/Atlético-MG



Foto: Ricardo Duarte/Internacional

O Vasco se deu bem na estreia ao vencer o Atlético-MG e pega o Palmeiras; já o Inter empatou com o Fortaleza e joga com o Fla

## CLÁSSICO NA ESPANHA

# Barcelona e Atlético se enfrentam hoje

Barcelona e Atlético de Madrid se enfrentam neste domingo, às 11h15, no Camp Nou, pela 30ª rodada de LaLiga Santander. E será um dos mais interessantes dentre os jogos que faltam nesta temporada. Enquanto o Barcelona busca confirmar o título, o Atlético está próximo de garantir a vaga para a Liga dos Campeões. Do ponto de vista tático, dois treinadores com filosofias muito diferentes: Xavi quer sua equipe com a posse de bola e um futebol ofensivo, enquanto Simeone está disposto a abdicar da posse de bola se assim precisar. Em 2016, enquanto jogava no Catar, Xavi criticou o estilo de futebol empregado pelos times de Atleti, de Simeone. “Não gosto de ver times que ficam fechados”, disse em entrevista ao programa ‘Universo Valdano’. “Esse não é o estilo que um grande clube deveria ter”. Simeone se defendeu e explicou: “Respeito todas as opiniões, pois todos podemos estar certos no mundo do futebol. Procuro apenas aproveitar ao máximo os jogadores que tenho à disposição. Eu só quero vencer, não agradar os outros.” Xavi e Simeone sempre foram respeitosos quando se enfrentam, mas é claro que eles têm ideias diferentes sobre o jogo e como abordar os 90 minutos de uma partida de futebol. Embora Simeone seja muito mais experiente do que Xavi como treinador, o argentino é apenas 10 anos mais velho que o técnico do Barça. Ambos estiveram em La-

Liga Santander durante os tempos em que atuaram como jogadores, durante a segunda passagem de Simeone pelo Atlético de Madrid, entre 2003 e 2005. Os times até se enfrentaram, por três vezes, mas Simeone não saiu do banco de reservas. Ou seja, nunca se cruzaram em campo. No entanto, eles tiveram 10 duelos em que Xavi jogou pelo FC Barcelona e Simeone treinou o Atlético de Madrid. Xavi e o Barça venceram quatro desses 10 jogos, além de cinco empates e uma derrota, quando os madrilenhos avançaram para as quartas de final da Liga dos Campeões 2013/14.

No geral, o histórico de Simeone como treinador contra o FC Barcelona é de cinco vitórias, 11 empates e 17 derrotas em 33 encontros. E o argentino perdeu os dois confrontos diretos com o técnico Xavi até agora, com o catalão liderando uma emocionante vitória por 4 a 2 quando o FC Barcelona recebeu o Atlético de Madrid, no final da temporada passada, e com Dembélé marcando o único gol do encontro no Estádio Cívitas Metropolitano, no início da temporada 2022/23. Neste domingo, Simeone buscará a vingança e o que seria a sétima vitória consecutiva de seu time na LaLiga.



Foto: Divulgação/Laliga

Duelo fora de campo será entre os técnicos Simeone, do Atlético e Xavi, do Barcelona

Jogos de hoje

■ SÉRIE A

11h

Internacional x Flamengo

16h

Vasco x Palmeiras

Santos x Atlético-MG

18h30

Coritiba x Fortaleza

19h

Goiás x Corinthians

■ AMANHÃ

20h

Bahia x Botafogo

■ SÉRIE B

15h30

Chapecoense x Londrina

18h

ABC x Vitória

## GEOGRAFIA CORRIGIDA

# Um mapa para “chamar de seu”

*Há 131 anos, historiador paraibano descobria que o traçado geográfico da Paraíba estava errado desde que havia sido elaborado em 1858*

Hilton Gouvêa  
araujogouvea74@gmail.com

Foi o geógrafo, jornalista e historiador paraibano Irineu Joffily que, há 131 anos (em 1892), descobriu o traçado errado do mapa da Paraíba. O historiador paraibano Horácio de Almeida, com base em suas deduções e documentos históricos por ele pesquisados, explica: “Esta confusão se iniciou em 1858, quando Carlos Blessman e David Poleman parcialmente elaboraram um traçado dos limites paraibanos que, mesmo não litografados, serviram de base para que os estudos de Cândido Mendes e de outros que se seguiram levassem, gradativamente, a uma configuração da que hoje apresenta o estado da Paraíba”.

A questão sobre os limites territoriais paraibanos se arrastava desde o período colonial, envolvendo as Capitâneas da Paraíba, Ceará, Pernambuco e Rio Grande do Norte. Houve até casos como o de Mata Virgem (Pedras de Fogo atual), na divisa entre Paraíba e Pernambuco, onde a linha divisória cortava ao meio o povoado e o dividia em duas partes, ficando a entrada principal da capela voltada para Pernambuco e o altar-mor na Paraíba.

O tema hoje “está morto”, conforme a Lei 16, de 18 de março de 1835. E a demarcação, com algumas nuances de mudanças, permaneceu assim até os dias de hoje. Horácio de Almeida conta que o primeiro mapa da Paraíba foi parcial executado em 1858 a mando do então governador Beaurepaire Rohan, que governou a Paraíba de 1857 a 1859.

Os cartógrafos Carlos Blessman e David Poleman apenas determinaram as posições geográficas das cidades de Paraíba (a atual João Pessoa) e de Areia; das vilas de Alhandra, Mamanguape, Independência (Guarabira), Bananeiras, Alagoa Nova, Pilar, Ingá, Campina Grande, Cabaceiras, São João do Cariri; e das freguesias de Teixeira e outras localidades do Compartmento da Borborema.

Travando uma polêmica com Maximiano Machado, o historiador, geógrafo e jornalista Irineu Joffily mostrou, em 1892, a “cintura de quase estrangulamento provocada no mapa da Paraíba, que se estende no centro do eixo longitudinal”. Era o que se conhecia, até aí, dos limites paraibanos, segundo traçavam o Atlas do Império do Brasil, de Cândido Mendes de Almeida, e as cartas de Homem de Melo. Tudo acabou contestado por Irineu Joffily.

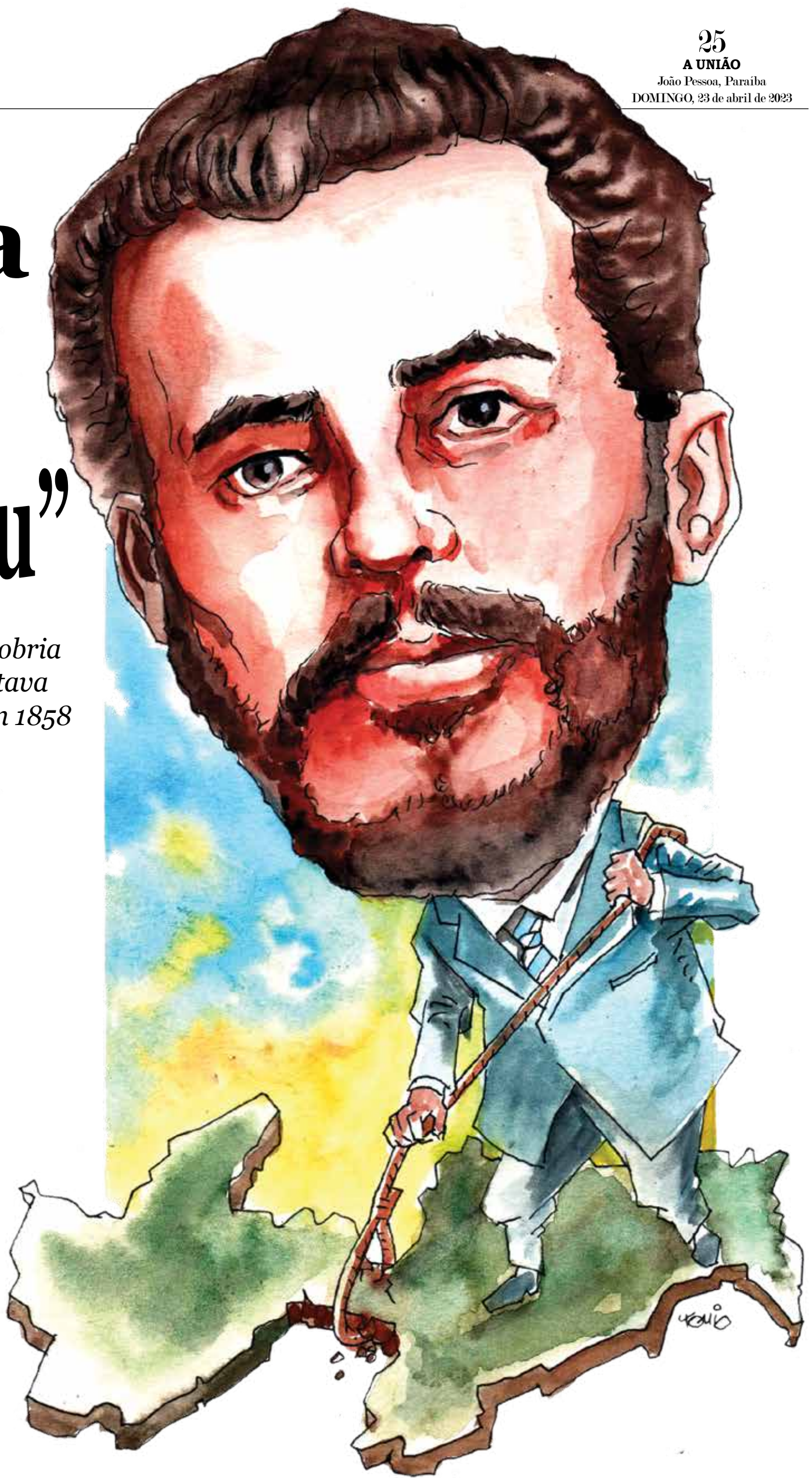
Conhecido por fazer seus estudos geográficos pessoalmente, se locomovendo a pé ou a cavalo, ele provou, com inédita segurança, os erros demonstrado sobre o mapa da Paraíba, quando publicado no atlas de Cândido Mendes de Almeida, que tinha conformação de um paralelogramo, com aproximadamente 70 léguas (420 quilômetros) de comprimento, na sua extensão de leste a oeste e uma largura avantajada na parte do centro, exatamente onde haviam as reentrâncias que muito “aproximam” as divisas do Rio Grande do Norte com Pernambuco, na altura dos municípios de São Mamede e Teixeira.

Horácio cita, em ‘História da Paraíba I’, que menos realista como esses limites era o mapa elaborado por Maximiano Machado, em 1871, no que diz respeito às linhas de contorno do lado de Pernambuco e do Rio Grande do Norte.

Irineu levou seus conhecimentos às autoridades da época sobre a verdadeira configuração da Paraíba, com as suas linhas de contorno na divisória, ora do lado norte, ora do lado sul, principalmente, entre os municípios de São Mamede, no Cariri, e Teixeira, no Alto Sertão.

Além disso, demonstrou o sistema da Borborema com os seus boqueirões e tratou das diversas vertentes que formam as bacias de rios mais importantes da região. Apontou o Pico do Jabre como o ponto mais alto da Paraíba e o Cabo Branco verdadeiramente situado na parte mais oriental da América do Sul.

Na época, essa situação estratégica do ponto mais oriental da América dividia opiniões entre os estudiosos, que situavam dúvidas entre Santo Agostinho, em Pernambuco, e São Roque, no Rio Grande do Norte. Nesse relatório de históricas mudanças na paisagem geográfica paraibana, Irineu incluiu “abundantes” informações sobre o povoamento do solo, costumes, alimentação, nível cultural, meios de transporte e de desenvolvimento histórico.



“

**Esta confusão se iniciou em 1858, quando Blessman e David Poleman elaboraram um traçado**

Horácio de Almeida

## Irineu Joffily

### Currículo incontestável e fundador da Gazeta do Sertão

■ Jornalista, geógrafo e escritor que exerceu ainda a função de advogado nasceu na cidade de Pocinhos, no Cariri

Irineu Joffily nasceu em Pocinhos, no Cariri da Paraíba, em 15 de dezembro de 1843; e morreu em Campina Grande, aos 58 anos, em 7 de fevereiro de 1902. Foi um jornalista, geógrafo e escritor que exerceu ainda as funções de advogado, juiz de direito, deputado provincial e também enveredou, como historiador, pelos estudos da geografia, história e etnografia, publicando em 1892 o livro ‘Notas Sobre a Parahyba’.

Em 1893, publicou ‘Synopsis das Sesmarias da Capitania da Parahyba’, compreendendo o território de

tudo o estado e parte do Rio Grande do Norte. Como empreendedor, fundou o jornal Gazeta do Sertão.

Filho do pecuarista José Luís Pereira da Costa e de Isabel Americana de Barros, Joffily nasceu na Fazenda Lajedo, em Pocinhos, sendo descendente direto, pela linha paterna, dos primeiros povoadores dos sertões paraibanos, os Oliveira Ledo.

Iniciou seus estudos aos 12 anos, no Colégio do Padre Rolim, em Cajazeiras. Joffily foi enterrado no Cemitério do Monte Santo, em Campina Grande.



Lívardo Alves é conhecido como o músico e compositor da 'Marcha da Cueca', famosa em todo o Brasil, mas poucos sabem da sua atuação como jornalista

Ilustração: Tônio

# Um repórter bem comportado que cumpria suas pautas

Sara Gomes  
saragomesreporteruniao@gmail.com

Provavelmente, quase todo mundo já ouviu estes versos de uma das mais conhecidas marchinhas de Carnaval: “Eu mato/ eu mato/ Quem roubou minha cueca/ pra fazer pano de prato!”. A música é do paraibano Lívardo Alves, sempre lembrado como o músico e compositor da ‘Marcha da Cueca’, conhecida em todo o Brasil, mas poucos sabem da sua atuação como jornalista.

Lívardo ingressou no jornal A União como revisor nos anos de 1950, depois foi promovido à repórter na época pelo chefe de reportagem Gilvan de Brito, isso já nos anos de 1970. Na Rádio Tabajara, ele foi contratado para participar da *cast* de cantores da emissora, onde chegou a ser também locutor e repórter, trabalhando no Departamento de Radiojornalismo.

Gilvan de Brito o define como um repórter bem comportado, que cumpria suas pautas. “Ele apurava as notícias na rua, transcrevia as entrevistas, mas quem ajustava o texto final era o redator”, revela Gilvan.

Naquela época, o jornalismo era vinculado à boemia. Como Lívardo Alves frequentava diariamente o Largo do Ponto de Cem Réis, ele foi imortalizado em 2009 com uma estátua em bronze em tamanho natural, sentado em um banco da antiga praça que havia no local, fixada próxima ao Paraíba Palace Hotel. Para Gilvan de Brito, a boemia era uma característica presente no compo-

tor. “Quando Lívardo não estava bebendo, fazia música. Toda noite, às 19h, a gente encontrava os amigos no Ponto de Cem Réis pra jogar conversa fora e beber cerveja”, lembra.

Os versos de ‘A Marcha da Cueca’ ficaram famosos a partir da gravação do cantor Celso Teixeira, no LP ‘Carnaval Copacabana’ (1972). Ao saber do sucesso da música na voz de outra pessoa, Lívardo viajou a São Paulo para provar a autoria da canção. De acordo com o jornalista e amigo Walter Santos, a partir desse episódio a veia artística falou mais alto do que a profissão de jornalista. “Lívardo conseguiu provar judicialmente a autoria da música, mas teve que dividir os créditos com Carlos Mendes e Sardinha. A partir disso, ele foi consagrado como compositor”, conta Walter.

Em 1975, seu baião ‘Ê Mãe’, com Vital Farias, foi gravado em compacto simples por Ary Toledo, pela Fermata. Em 1976, teve gravação por Abdias dos Oito Baixos, no LP ‘Forrófunfá - Abdias e Sua Sanfona de 8 Baixos’, da Entré/CBS, o xote ‘Forrófunfá’, com Vital Farias. Em 1978, três composições foram gravadas por Vital Farias em LP da Polydor: ‘O Sobressalto’, ‘Via Crucis da Mulher Brasileira’ e ‘Ê Mãe’, as três parcerias dos dois.

Compôs canções em parceria com Gilvan de Brito, a exemplo de ‘O Bobo da Corte’, ‘Diga Que Me Ama’, ‘Marcha Exaltação à AABE’ e ‘Eu Vim de Lá Meu Pai’. Mas um grande sucesso foi a música ‘Banhado de Bica’, fazendo sucesso na cidade de João Pessoa e em outras localidades do Nordeste.

## Lívardo Alves

### Como compositor, valorizava a cidade e personagens da capital

#### Estilos

Músico é muito lembrado pelas marchinhas de Carnaval de duplo sentido, mas o jornalista que passou pelo jornal A União tinha um repertório vasto como sambista

O jornalista Fernando Moura destaca a importância de Lívardo Alves ao produzir canções que valorizam a cidade de João Pessoa. “É um dos poucos compositores que tem um repertório muito interessante sobre a cidade, personagens e a da Paraíba de forma em geral. Ele tem músicas maravilhosas, a exemplo do último CD, ‘Malandro do Morro’, produzido por Walter Santos. Inclusive a foto da capa do LP inspirou a estátua de bronze instalada no Largo do Ponto de Cem Réis”, destaca Fernando Moura.

Lívardo é muito lembrado pelas marchinhas de Carnaval de duplo sentido, no entanto, ele tem um repertório vasto como sambista. Na opinião de Moura, Lívardo era um compositor eclético. “Ele compôs todos os estilos, a exemplo de frevo, marcha de Carnaval, xote, forró, maracatu. A sua obra, além de ser volumosa, tem canções de muita qualidade”, conclui Fernando Moura.

Em 2000, o baião ‘O Meu País’, com Orlando Tejo e Gilvan Chaves, foi gravado por Zé Ramalho no CD ‘Nação Nordestina’, da BMG Bra-

sil. Em 2002, Giovana Farias e Vital Farias gravaram, de forma independente, o LP ‘Uyraplural’, no qual registraram ‘Via Crucis da Mulher Brasileira’, com Vital Farias. Seu último trabalho, em vida, foi o disco duplo ‘Malandro do Morro’, que reuniu suas principais composições: ‘Brasil Moleque’, ‘Eu Dou Mil’, ‘Merda Pra Vocês’, ‘Boca do Mundo’, ‘Xote Elétrico’, ‘O Cantor de Tambaí’, ‘Faroeste em Jagua-

ribe’, ‘Doido da Paraíba’, ‘Nêga da Paraíba’, ‘Forrófunfá’, ‘Doces Ervas’, entre outras. O disco contou com os arranjos do maestro Chiquito e Joca do Acordeon.

Na opinião do jornalista Walter Santos, Lívardo é o compositor mais versátil que a Paraíba já teve. “Ele produzia músicas de todos os ritmos e modelos musicais. Ele compôs frevo, marchinha de Carnaval, forró, músicas sobre João Pessoa, outras com o viés crítico”, cita.

Walter Santos lembra que conheceu Lívardo Alves por volta de 1978, no período da redemocratização do Brasil. “Ele já era um compositor renomado, então era natural demonstrar suas inquietudes nas canções. Lívardo era um sujeito progressista que deixava claro seus posicionamentos políticos e ideológicos nas músicas. Essas inquietudes aproximou a gente”, contextualiza.

Lívardo Alves da Costa era filho de Antônio Alves Cassiano e Júlia Alves da Costa. Nasceu no dia 21 de setembro de 1935, em João Pessoa, no Bairro de Jaguaribe, onde viveu

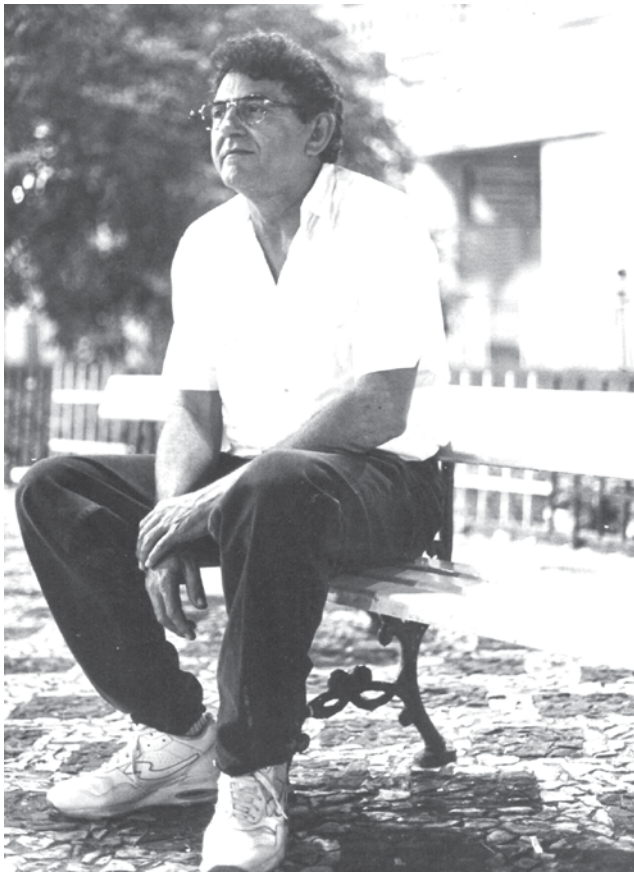


Foto: Arquivo A União

Lívardo Alves ingressou no jornal A União como revisor nos anos de 1950 e depois passou para a reportagem; na Rádio Tabajara, foi locutor e repórter, trabalhando no Departamento de Radiojornalismo

até por volta dos 32 anos e, depois, mudou-se para o Bairro da Torre, para a Rua José Severino Massa Espinelli, antiga Rua Padre Pinto.

O compositor foi diagnosticado com câncer de

próstata e acabou morrendo no dia 14 de fevereiro de 2002, aos 66 anos. Lívardo Alves deixou a mulher, filhos, dúzias de canções, dois CDs gravados, centenas de amigos e milhares de fãs.

## Angélica Lúcio

### Eu também estou na luta pela aprovação da PEC do Diploma

Desde a década passada, tramita na Câmara dos Deputados a chamada PEC do Diploma. Trata-se da Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 206/12, que restabelece a formação superior em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, como exigência ao exercício profissional. Quem me acompanha no Instagram, ou me conhece há muitos anos, sabe que sempre defendi essa causa. E considero a obrigatoriedade do diploma para jornalistas cada vez mais necessária.

Há poucos dias, dirigentes da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) e de 16 Sindicatos de Jornalistas filiados estiveram em Brasília (DF), para uma série de audiências com representantes dos Poderes Executivo e Legislativo, onde apresentaram as pautas prioritárias da categoria; dentre elas, a aprovação da PEC 206/12.

De acordo com informações da Fenaj, a PEC do Diploma está pronta para ser votada desde 2015, fruto de negociação com três ex-presidentes da Câmara Federal (Henrique Eduardo Alves, Eduardo Cunha e Rodrigo Maia) e entrou na pauta de votação 59 vezes, sem que fosse apreciada.

Oriunda do Senado (PEC 33/2009) e à qual foi pensada a PEC 386/2009 da Câmara (para a qual, por sua vez, já tinham sido pensadas as PECs 388/2009 e 389/2009), a PEC do Diploma é uma forma de corrigir um erro grave cometido pela Suprema Corte do país. A obrigatoriedade do diploma para jornalistas existia no Brasil até junho de 2009, quando foi derrubada pelo Supremo Tribunal Federal, em atendimento às entidades repre-



Foto: Fenaj

sentativas da grande mídia.

Caso a Proposta de Emenda à Constituição seja aprovada, a exigência de diploma de curso superior de Jornalismo para o exercício da profissão voltará a se

tornar obrigatória. Mas o documento não será exigido para quem comprovar o efetivo exercício da profissão antes da data da promulgação da emenda constitucional nem para o jornalista provisionado

que já tenha obtido registro profissional. Ou seja, a PEC do Diploma não cassa os registros profissionais concedidos com base na decisão de 2009 do Supremo, visto que leis não retroagem para prejudicar direitos adquiridos.

Atualmente, jornalistas exercem a única profissão regulamentada do Brasil para a qual não se requer nenhum requisito prévio para se ter o registro. Se tal informação não fosse suficiente para chamar a atenção para a PEC do Diploma, basta lembrar que vivemos hoje num cenário de excessiva proliferação de *fake news* e onde grassam pseudocomunicadores sem qualquer compromisso ético.

Em abril deste ano, faz 30 anos que entrei no Curso de Comunicação Social – habilitação Jornalismo – da Universidade Federal da Paraíba. Foi na UFPB onde encontrei, ao longo de quatro anos, professores que me ensinaram muito sobre o fazer jornalístico e que me legaram um vasto conhecimento, preparando-me muito bem para o exercício profissional.

Em tempos de robosinhos vários e ChatGPT, talvez muitos acreditem que nem diploma nem jornalista sejam mais necessários... Mas penso de forma diferente e ratifico o que li na Carta aos Deputados, apresentada pela Fenaj aos nossos parlamentares: “Restituir o diploma em Jornalismo é valorizar a profissão, defender nossa regulamentação e a qualidade, a responsabilidade e a democracia no Jornalismo, na comunicação e na sociedade”. PEC do Diploma para os jornalistas sim!

## Tocando em Frente



### Herivelto Martins e Dalva de Oliveira – entre tapas e beijos – parte I

Apesar de o Trio de Ouro fulgurar em determinada fase de nossa MPB (de 1936 a 1979), talvez se possa creditar à estrela d’alva, no caso Dalva de Oliveira, a hegemonia de imprimir à MPB um brilho mais intenso no nosso universo musical.

Bem que este capítulo poderia receber o título mais expressivo e menos polêmico, por exemplo, ‘Minhas Duas Estrelas’, dado à biografia dos pais, escrita pelo filho famoso Pery Ribeiro. Seria menos polêmico e mais afetivo. Ele era filho de Dalva de Oliveira e Herivelto Martins. Tinha sete irmãos: Hélcio e Hélio, advindos de um primeiro relacionamento de Herivelto com Mariazinha (Maria da Aparecida Pereira de Mello); Ubiratan, o Bily, filho do casal Herivelto/Dalva; e três, de relacionamento posterior de Herivelto com a aeromoça Lurdes (Nura) Torelly; Fernando José, Yacaná e Herivelto Jr., portanto seis por parte de pai, além de uma irmã adotiva (Dalva Lúcia Oliveira Climent) por parte de mãe. Pery foi um grande admirador da obra artística de seus pais e, por influência deles, deixou-nos uma trilha musical vitoriosa, mormente no movimento da Bossa Nova.

De qualquer forma, como Pery já alertava, “não dá para falar de um sem o outro”. Foram vidas cruzadas de forma *sui generis* as de Herivelto e Dalva de Oliveira. Por certo tempo, oficialmente de 1936 a 1949, o casal viveu um relacionamento que, se foi exitoso musicalmente, tornou-se turbulento e intenso, não necessariamente nessa ordem.

Herivelto de Oliveira Martins (Paulo de Frontin, Serra do Mar – Rio, 1912 – Rio, 1992) foi criado em Barra do Piraí. No universo musical, ele sempre foi uma espécie de “meio termo”, circulando como compositor e como intérprete, mas afirmando-se com mais con-



Foto: Reprodução

sistência na primeira opção. De qualquer forma, foi músico, cantor, compositor e ator. O pai, Félix Bueno Martins, era agente ferroviário e dizia-se artista amador; a mãe, Carlota Martins, era costureira e doceira doméstica. O pai criou um grupo teatral com o pomposo nome de Sociedade Dramática Dançante Carnavalesca Florescente Barra do Piraí, o que levou o menino Herivelto, com mais três irmãos (Hedelacy, Hedenir e Holdira) e mais alguns vizinhos a formarem seu próprio grupo cênico, época em que também foi criada uma espécie de conjunto musical, que durou de 1922 e 1931, a Sociedade Musical União dos Artistas de Barra do Piraí, direcionada ao teatro e à música. Desde os 10 anos idade, incentivado pelo pai, Herivelto já se familiarizara com alguns instrumentos, como pistom e bombardino, mas optou pelo violão. Aos nove anos, ele já havia “criado” duas músicas: ‘Quero uma mulher bem nua’ e ‘Nunca mais’.

Dos 11 aos 15 anos, ele começou a perambular e apresentar-se em circos mambembes, cantando e/ou fazendo recitais.

Em 1927, devido a uma promoção, o pai foi transferido para o Brás/São Paulo, porém, em 1930, já com a maioria de 18 anos e dian-

te das constantes discussões familiares que se arrastavam desde a infância quase sempre por questões financeiras, Herivelto resolve deixar a família para trás e volta a morar, no Rio, com o irmão Hedelacy, passando a trabalhar como palhaço de circo, vendedor ambulante e ajudante de contador. Conheceu então o Bloco Carnavalesco Caçadores de Veados (?), do qual passou a fazer parte, já se infiltrando como compositor das primeiras marchas-rancho do bloco. Por essa época, intromete-se na Rádio Educadora e começa a cantar sem perceber nenhuma remuneração, a não ser desfrutar da vitrine que o rádio lhe oferecia.

Exatamente em 1932, por meio de amizades obtidas em um salão de beleza, onde o irmão Hedelacy trabalhava, conhece J. B. de Carvalho, integrante do Conjunto Musical Tupi e amigo de um diretor da RCA Victor. Em parceria com J.B., tem lançada pela gravadora sua composição ‘Da cor do meu violão’, feita para uma namorada, coincidentemente ou não, de pele morena. Como a música fez sucesso no Carnaval de 1933, com Herivelto já integrando o Conjunto Tupi, Mister Evans, diretor-geral da RCA, diante de habilidade dele em criar arranjos vocálicos, promove-o a diretor de coro da gravadora. Então, ele associa-se ao baiano Francisco Sena, do Conjunto Tupi, formam a Dupla Preto e Branco e criam um dueto vocálico à maneira do que vinham fazendo Francisco Alves e Mário Reis. Em 1934, já contratados pela poderosa Odeon, a dupla faz a primeira gravação. É quando se enturma com alguns compositores da casa, como Bonifácio de Oliveira e Benedito Lacerda, e começa a criar suas próprias composições que seriam gravadas por Mário Reis (‘Mais uma Estre-

la’), Silvío Caldas (‘Um Caboclo Abandonado’), Aracy de Almeida (‘Pedindo a São João’) e Carmen Miranda (‘Meu Rádio e Meu Mulato’).

Em 1935, a dupla se apresenta na Rádio Tupi. Com a morte do parceiro Francisco Sena, o dueto continua, agora com Nilo Chagas. No ano seguinte, conhece Dalva de Oliveira e convida-a para fazer parte da dupla que se transformaria no badalado Trio de Ouro, nome sugerido pelo apresentador César Ladeira, que sempre os apresentava com o bordão “Com vocês, a Dupla Preto e Branco e a cantora Dalva de Oliveira – um trio de ouro!”.

O trio, com essa primeira formação, teve uma vida longa: 12 anos e um total de 93 gravações, com destaque para ‘Praça Onze’, de Herivelto e Grande Otelo (Vão acabar com a Praça Onze/ Não vai haver mais escola de samba, não vai...), e ‘Ave Maria no Morro’, de Herivelto (Barracão de zinco/ sem telhado/ sem pintura/ lá no morro/ barracão é bangalô), esta última uma antológica composição, cuja inspiração veio do local onde, um pouco melhor de vida, passou a morar: o Morro de São Carlos, no Rio (a título de curiosidade, essa se tornou um hit universal, tendo sido gravada, em nossa língua vernácula, por intérpretes dos mais variados estilos, de James Last a Andrea Bocelli, a Zucchero e até por grupos de rock, como Scorpions e The Cats). Nesse momento, o trio, com o sucesso obtido, é contratado pelas emissoras, como Rádio Clube do Brasil e Rádio Nacional, e passa a atuar no famoso Cassino da Urca, a grande casa de espetáculos da época, onde permaneceu até 1946, quando Getúlio proibiu o funcionamento de cassinos no país.

MAIS ANTIGO DA EUROPA

# Arqueólogos encontram monumento de pedra

Descoberta na França revela prováveis primeiros construtores de monumentos europeus

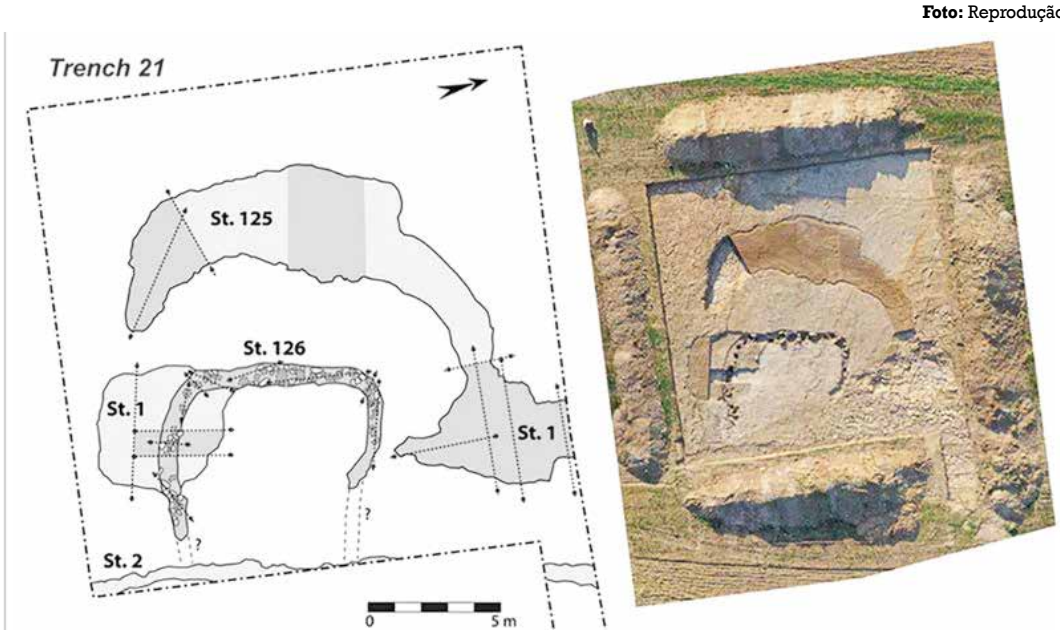
Da Redação

Seja Stonehenge na Grã-Bretanha, as pirâmides do Egito ou outros lugares antigos, há muito que a humanidade é fascinada por monumentos do passado. Mas, na maioria das vezes, as histórias das pessoas que construíram essas maravilhas perdem-se na névoa do tempo.

É raro vislumbrar a vida dos trabalhadores que criaram os monumentos que ainda hoje dominam as paisagens. Agora, um local recém-descoberto na França revela a provável base de alguns dos primeiros construtores de monumentos de pedra da Europa, que remontam ao período neolítico médio (entre 4700 e 3700 a.C.).

Num artigo publicado recentemente na Antiquity e registrado no Portal Zap, pesquisadores reconstruíram um assentamento de 6,5 mil anos onde um grupo de trabalhadores pode ter vivido a poucos quilômetros do seu local de trabalho. Tudo começou com um misterioso grupo de trincheiras. Em 2011, um levantamento aéreo no centro-oeste da França revelou várias trincheiras extensas que despertaram o interesse dos arqueólogos.

Nos anos seguintes, escavaram e analisaram partes do local, descobrindo que uma das trincheiras continha estacas de madeira que teriam formado uma cerca de paliçada. Duas entradas davam para um amplo pedaço de terra no topo de uma pequena colina onde ficavam pelo menos quatro edifícios. O local é chamado de Le



Casas de quase mil anos pertenceram, provavelmente, aos primeiros escultores da Europa

Peu e, provavelmente, foi o lar de alguns dos primeiros europeus a construir monumentos conhecidos como megálitos. “Conhecemos muitos megálitos”, disse o arqueólogo do CNRS Vincent Ard, que liderou o estudo. São “muito famosos e muitas pessoas estão interessadas neles, mas não sabemos onde viviam os construtores”.

Atualmente, há na colina de Le Peu um grupo de megálitos visíveis à distância. Conhecido como o Cemitério Megalítico de Tusson, abriga cinco grandes montes neolíticos que contêm os corpos dos mortos. É improvável que o seu posicionamento perto de Le Peu seja uma coincidência. A descoberta do novo local “é importante porque encontramos, provavelmente, um dos assentamentos dos construtores dessa necrópole de Tusson”, indicou Vincent Ard. A datação por radio-

carbono confirma que as pessoas viviam em Le Peu na mesma época em que o Cemitério de Tusson foi construído. E os locais estão a apenas 2,5 quilômetros de distância. Durante o período do neolítico médio, “a maioria dos monumentos era colocada no topo de colinas ou promontórios”, para serem “visíveis ao longe”, disse Vincent Ard.

“Embora não se saiba ao certo por que os povos do neolítico construíam megá-

litos em lugares altos, essa escolha provavelmente tem a ver com a riqueza ou o status das pessoas que eram aí enterradas”, continuou. Apesar da proximidade entre os dois locais, não se sabe como a população se deslocava para o local de trabalho e quantos construtores moravam em Le Peu. Muitas questões sobre o processo de construção estão em aberto, em parte devido ao fato de o Cemitério de Tusson ainda não ter sido escavado.

Imagem: Pixabay

?

Charada

Francelino Soares:  
francelino-soares@bol.com.br

**Resposta da semana anterior:** branca (2) = clara + roda flutuante (2) = boia – Solução: abertura envidraçada (4) = claraboia. **Charada de hoje:** Ele anda (2) com elegância (2) com o documento (4).

## Tiras

### O Conde



### Zé Meiota



## Eita!!!

### # Importância do sono

Além de proporcionar descanso e recuperação física, o sono é fundamental para o bom funcionamento do cérebro e de todo o organismo. No caso das girafas, por exemplo, elas dormem menos de duas horas por dia. Apesar de serem animais imponentes e majestosos, as girafas têm uma necessidade de sono muito pequena. Elas são conhecidas por dormir em pé, com a cabeça apoiada em uma perna, e em média, dormem apenas 1,9 horas por dia. Esse tempo de sono é tão curto que, em alguns casos, elas podem passar dias sem dormir.



### # Sonambulismo em crianças

O sonambulismo, um distúrbio do sono, é mais comum em crianças do que em adultos. Cerca de 15% das crianças entre cinco e 12 anos apresentam episódios de sonambulismo. Durante um episódio de sonambulismo, a criança pode caminhar, falar e até mesmo realizar tarefas complexas enquanto ainda está dormindo.

### # Onze dias sem dormir

O recorde mundial de privação de sono é de 11 dias. Em um experimento realizado em 1964, um estudante norte-americano ficou 264 horas sem dormir, o equivalente a 11 dias. O experimento causou diversos efeitos negativos no estudante, como alucinações, perda de memória e distorção da percepção do tempo. Esse experimento comprovou a importância do sono para o funcionamento saudável do organismo.

### # Barriga pra cima e o ronco

Dormir de barriga para cima pode causar ronco. Essa posição pode fazer com que a língua caia para trás, bloqueando as vias respiratórias e causando o ronco. Para evitar o problema, o ideal é dormir de lado ou de barriga para baixo. Além disso, o uso de travesseiros para manter a cabeça elevada pode ajudar a evitar o ronco.

### # Bocejar é contagioso

O ato de bocejar é contagioso, pois quando uma pessoa observa alguém bocejando, é comum que ela tenha vontade de bocejar também. Isso acontece porque o bocejo é uma resposta automática do cérebro para aumentar o nível de oxigênio no corpo. O bocejo também pode ser um sinal de cansaço ou de tédio.

### # A bebida e o sono

Bebidas alcoólicas podem prejudicar o sono. O consumo de bebidas pode ajudar a relaxar, mas também pode prejudicar a qualidade do sono. O álcool pode causar distúrbios do sono, como ronco e apnéia. Além disso, o álcool pode diminuir a quantidade de tempo que se passa na fase de sono profundo, o que pode levar à fadiga e sonolência no dia seguinte.

## 9 erros

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



### Solução

1 – brinco; 2 – olho da coruja; 3 – boca da estrela; 4 – chapéu; 5 – nuvem; 6 – dente; 7 – solto do sapato; 8 – ponta da estrela; 9 – pontão da estrela.

# Despertar da contaminação odiosa

Brasil registra aumento nas denúncias de racismo, LGBTQ+fobia, xenofobia, neonazismo e misoginia

Carol Cassoli  
 carol.cassoli@gmail.com

Em 1997, a patoense Maria Uberlândia da Silva Santos entrou para a Umbanda. Desde então, a mulher, de 45 anos, estatura baixa e pele negra, sofre com a intolerância religiosa que se manifesta descaradamente em grande parte dos ambientes onde as pessoas sabem que ela é umbandista.

Antes de aceitar sua religião, a dona de casa era católica. Isso fez com que Uberlândia percebesse com mais facilidade o quão enfático é o ódio contra as pessoas que não são das igrejas católica e evangélica no Brasil, em especial aquelas cujas religiões são de matrizes africanas. É que, nesses casos, a intolerância religiosa se soma ao racismo e fica mais difícil camuflar o ódio ao povo e à cultura preta brasileira. “Tinha pessoas que se diziam minhas amigas e disseram que pararam de andar comigo porque eu fazia parte dessa religião. Elas diziam que a Umbanda fazia mal, que quem andava comigo ia para trás”, lembra.

Em todo o ano passado, os crimes de xenofobia, intolerância religiosa e misoginia foram os três mais denunciados no Brasil. Em comparação com 2021, houve alta de 821% nos apontamentos de xenofobia, 522% nas acusações de intolerância religiosa e 184% nos registros de misoginia. Segundo a Central Nacional de Denúncias da Safernet, os casos de ódio na internet crescem vertiginosamente durante anos eleitorais, mas não apenas neles.

Só nos primeiros seis meses de 2022, as denúncias de crimes de ódio na internet cresceram 650%. Os indicadores da Central Nacional de Denúncias da Safernet, que recebe denúncias de 10 tipos de crimes contra os direitos humanos praticados na internet, apontaram que, se comparado ao mesmo período de 2021, houve aumento nas denúncias de racismo, LGBTQ+fobia, xenofobia, neonazismo, misoginia, apologia a crimes contra a vida e intolerância religiosa no primeiro semestre de 2022. Ao todo, as 54.888 denúncias registradas durante o ano representam uma alta de 39,3% em comparação com 2021, quando 39.379 denúncias foram recebidas pela Central Nacional de Denúncias.

Os números relacionados ao ambiente digital são alarmantes não apenas por terem crescido, mas também por refletirem a sociedade, que, a cada dia, se sente mais à vontade para expressar seu ódio dentro e fora das redes. E mais do que inflamar quem sente, o ódio fere internamente – e incontáveis vezes externamente – quem é vítima dele.

Para o professor Antônio Patativa de Sales, doutor em Teologia e Filosofia, é complexo definir o ódio por religião ou mesmo cravar que a intolerância religiosa é um proces-

so que reflete a incapacidade de ser humano de lidar com credos diferentes. O assunto, segundo Patativa, é muito mais complexo que as breves definições às quais a sociedade tem se apegado.

Ainda assim, o doutor em Teologia e Filosofia diz que, se consideradas as perspectivas de pensadores como Schopenhauer, Freud e outros, é possível entender o ódio como uma espécie de defesa; algo relacionado a um instinto ou à luta pela sobrevivência. Para ele, odiar algo ou alguém é manter o objeto do ódio perto de si, como algo de valor. E é por isso que, de uma forma ou de outra, o ódio é sempre nocivo. “Nos adocece, nos envenena. E o objeto do nosso ódio adquire poder sobre nós, nossa psique, nossa vida...”, diz.

Ciúme, inveja, medo, frustração ou até mesmo traumas podem levar a comportamentos agressivos e prejudiciais

Conforme afirmou o filósofo francês André Glücksmann em ‘O discurso de ódio’ (Difel, 2007), é necessário despertar a contaminação odiosa, já que ela faz parte da humanidade. Mas basta que o impulso seja tomado para que esse sentimento se inflame nos seres humanos e leve deles até mesmo a razão. “É uma pulsão que transcende e precede a própria guerra”, disse Glücksmann sobre o ódio.

De acordo com o psicólogo Marcos Lacerda, a Psicologia define o ódio como um sentimento intenso de aversão ou hostilidade em relação a alguém ou algo. O psicólogo explica que essa é uma emoção que pode ser provocada por várias razões, como ciúme, inveja, frustração, medo ou até mesmo traumas, e pode levar a comportamentos agressivos e prejudiciais, tanto para a pessoa que sente o ódio quanto para a pessoa ou objeto que é alvo dele.

Dessa forma se portam as pessoas com ódio. No entanto, as vítimas do

comportamento odioso de outrem se sentem e são obrigadas a se portar de modo completamente diferente. Ainda que tenham suas fragilidades expostas, precisam ser fortes para enfrentar a violenta face do ódio. E são diversas as estratégias de enfrentamento, de rodas de diálogo a marchas para conscientização.

Em João Pessoa, capital paraibana, o assistente social Adriano Silva, de 35 anos, encontrou nos movimentos sociais um meio de lutar contra a gordofobia e a LGBTQ+fobia, as expressões de ódio contra pessoas gordas e LGBTQIAP+. Isso depois de ele mesmo ser protagonista de algumas cenas de ódio. “Já aconteceu dentro do ônibus, mas não fiquei calado. Mesmo tendo chorado muito depois, não quis baixar a cabeça na hora. Respondi às agressões com argumentos”, conta.

Hoje, Dryko – como é conhecido – é tesoureiro do Movimento do Espírito Lilás (MEL), que há mais de 30 anos atua em defesa da população LGBTQIAP+, e

## Nas redes

Números relacionados ao ambiente digital são alarmantes não apenas por terem crescido, mas também por refletirem a sociedade, que a cada dia se sente à vontade para expressar seu ódio



Ilustrações: Pixabay

## Habilidades para gerenciar e superar o ódio de maneira saudável

Além de impactar o convívio das pessoas, o ódio se manifesta fisicamente. O psicólogo Marcos Lacerda explica que, no corpo, as reações de quem sente ódio são várias. Os sinais incluem aumento da frequência cardíaca (devido à resposta de luta ou fuga desencadeada), tensão muscular generalizada especialmente na mandíbula, ombros e testa, aumento da temperatura e sudorese, bem como respiração rápida e superficial.

“O corpo também libera os chamados hormônios do estresse, como a adrenalina e o cortisol, que a ciência já comprovou que podem afetar negativamente a saúde física e mental”, explica o psicólogo.

Essas reações físicas podem ser prejudiciais à saúde a longo prazo, especialmente se o ódio é experimentado com frequência ou em níveis elevados. “É importante entender as causas desse ódio e trabalhar para superá-lo, e nisso a terapia e outras intervenções psicológicas podem ajudar as pessoas a lidar com o ódio e desenvolver habilidades para lidar com essas emoções de um jeito mais eficaz”, aconselha Lacerda.

## Sentimentos de raiva inflamam os seres humanos e levam deles até mesmo a razão



Ilustração: Pixabay

integrante do Movimento de Bissexuais na Paraíba (Movbi). Nesses espaços, ele e os demais integrantes dos movimentos têm acesso a palestras e rodas de conversa junto às gestões públicas e privadas da Paraíba. É a partir dessa abertura que os direitos de quem sofre com o ódio são reivindicados. Além disso, é no MEL e no Movbi que as pessoas LGBTQIAP+ que passaram por alguma situação de violência encontram acolhimento e são acompanhadas.

Segundo Dryko, a grande importância do debate sobre ódio nesses casos é para que a população LGBTQIAP+ não vire estatís-

ticas como as registradas pela Central Nacional de Denúncias.

“Infelizmente, o Brasil é o país que mais mata nossa população. Com o debate, podemos evitar a LGBTQIAP+fobia dentro e fora do meio familiar. Com o debate, poderemos ver a travesti trabalhando como uma trabalhadora formal e não mais como prostituta. Com o debate, poderemos evitar que jovens e crianças sejam colocados para fora de casa só por serem LGBTQIAP+. Quero ver as pessoas trans e travesti terminarem a escola. Só podemos ver isso com o debate aberto com a sociedade”, apela o ativista.

FEMINICÍDIO

O ódio entre quatro paredes

Anuário Brasileiro de Segurança Pública aponta que mais de 230 mil brasileiras sofreram agressões físicas por violência doméstica

Carol Cassoli  
carol.cassoli@gmail.com

Inúmeras são as formas de manifestação do ódio. Isso inclui, também, as vertentes pelas quais ele se expressa. Os relacionamentos tomados por esse sentimento, por exemplo, são chamados de abusivos. E, se não observados rapidamente, podem evoluir para quadros mais nocivos, que, muitas vezes, resultam em crimes de ódio, como o feminicídio.

Segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública, no primeiro semestre de 2022 o Brasil bateu recorde de feminicídios. Foram registrados aproximadamente 700 casos no pe-

ríodo. O levantamento também apontou que, em 2021, mais de 230 mil brasileiras sofreram agressões físicas por violência doméstica, o ódio que se mostra entre quatro paredes, quando ninguém está olhando.

Especialista em terapia cognitivo comportamental, a psicóloga Rayanne Moreira explica que os relacionamentos abusivos podem se desenvolver não apenas em situações amorosas. Eles acontecem, inclusive, entre familiares e amigos.

Segundo Rayanne, é possível identificar um relacionamento abusivo com uma espécie de “termômetro emocional” do paciente. “As próprias opiniões, desejos e vontades do paciente já não são mais sua prioridade. A preocupação passa a ser o que o parceiro vai achar e como ele pode reagir”, diz Rayanne, ao ex-

plicar que uma das condições para acender o alerta para um relacionamento é a pessoa se anular para que a outra não se altere. Isso ocorre porque os pacientes que sofrem abuso vivem constantemente preocupados, estressados, tristes ou angustiados e podem ter, também, crises de ansiedade quando têm que se apresentar aos parceiros, por exemplo.



Ilustrações: Pixabay

Foto: Arquivo Pessoal



“O ódio que sentimos pelo outro ou outra, pelo motivo que for, é algum espelho que diz muito sobre nós mesmos, sobre o que vemos em nós, que não aceitamos ou lutamos para nos desfazermos”

Antônio Patativa

Foto: Arquivo Pessoal



“Eu interpreto a LGBT+fobia como medo ou demonização de uma orientação ou expressão de gênero que não é vista como normal perante os meios religiosos, pois a palavra preconceito já é bem explicativa: pré-conceito”

Dryko Silva

Para Pensar:

Expressões de ódio

▶ “Cabelo ruim”: esse termo racista representa o ódio racial e é frequentemente utilizado em referência a cabelos crespos. Vale salientar que não existem cabelos ruins, apenas com texturas diferentes;

▶ “Deixe de ‘viadagem’”: termo homofóbico utilizado para reprimir pessoas, sobretudo homens, quando expressam seus sentimentos. Há vários estudos que comprovam que a expressão de sentimentos faz bem para a saúde;

▶ “Isso é macumba”: termo utilizado por into-

lerantes religiosos que desejam se referir a coisas ruins. Macumba, na verdade, é um instrumento de percussão de origem africana, parecido com o reco-reco. E, nas religiões de matrizes africanas, a percepção de bem ou mal não segue uma visão dualista;

▶ “Coisa de retardado”: termo que expressa o ódio dirigido a pessoas com deficiência. É importante combater o uso de termos afins como um mecanismo de enfrentamento ao estigma imposto sobre, por exemplo, pessoas com Síndrome de Down.

Preconceito, falta de respeito e ausência de sabedoria

Em seus 45 anos de vida, Uberlândia da Silva, a dona de casa que frequenta a Umbanda e, por isso, aprendeu a escolher muito bem com quem anda, já viu todo tipo de ódio se manifestar sob seus olhos. Com fé em um futuro menos violento, Uberlândia vê em cada nova geração um caminho árduo, mas trilhável, em direção ao respeito. “Se eu for ensinar uma criança a não ser preconceituosa, primeiramente eu ensino ela a se respeitar, a respeitar seus limites, a dar valor ao seu caráter, a se erguer de modo que não se fira e não queira ferir os outros”, diz a mulher que acredita que o ódio está relacionado, antes de tudo, à autoaceitação da pessoa que o sente.

Pelos olhares tortos que já percebeu, Uberlândia chegou à

conclusão de que o ódio dirigido a ela vem, na maioria das vezes, de pessoas cristãs. “Muitas vezes o preconceito vem até dos ensinamentos que recebemos durante a vida. Na época que eu frequentava a Igreja Católica, eu via falta de respeito e preconceito. É uma falta de sabedoria. Se você tem em casa duas plantas, nenhuma das duas dá flores iguais. E mesmo assim você não cultiva as duas? Então, da mesma forma devemos fazer com as pessoas. Respeitando um ao outro, seja quem for, com as suas diferenças”, afirma.

De acordo com Antônio Patativa de Sales, o ódio religioso pode ser interpretado como um projeto de dominação sociopolítica em que, em um mundo compartilhado, muitos julgam que o que é bom para um sempre representa

algo bom para o outro; o que não pode ser tomado como verdade. Patativa diz que, durante o governo Bolsonaro (PL), essa narrativa foi muito usada e, através dela, a esquerda política e os projetos populares do governo anterior, por exemplo, foram satanizados.

“Era preciso criar um inimigo a ser combatido, uma ideia pela qual valia a pena lutar pela pátria e a família. E assim, por questões, plantou-se um ódio ao progresso e ao governo anterior. Por isso e por muito mais o ódio é e pode ser usado como ferramenta ideológica, como arma política. O ódio não serve senão ao ódio”, explica.

Ainda que o cenário desanime os mais incrédulos, o doutor em Teologia e Filosofia afirma que há razões para crer que é possí-

vel reverter o jogo contra o ódio, e uma das primeiras e principais ferramentas para isso é o tão defendido pelo ativista Dryko Silva, diálogo. “Quando o diálogo não é suficiente, o resultado é a violência (de todas as formas). Mas supor o diálogo é já supor que o outro tem condições de ‘travar’ um diálogo. E a gente sabe que essas condições somente são possíveis por um mínimo de educação, e de hermenêutica e, de certo modo, boa vontade”, comenta Patativa.

Boa vontade essa que, como via de mão dupla, muito impactou e impacta a vida de Maria Uberlândia da Silva Santos. É que, se algumas pessoas se afastaram dela quando souberam de sua religião, tantas outras se aproximaram por esse e por outros motivos. E, mesmo tendo

sido abandonada incontáveis vezes ao longo dos 26 anos em que participa da Umbanda, a mulher não guarda mágoas, pois a boa vontade de quem permaneceu mostra que, quando se trata de espiritualidade, sexualidade, relacionamentos e tantos outros assuntos, quem deve estar, está.

“Hoje não me fazem falta, porque tanto quem sofre o preconceito, quanto quem traz ele junto de si vai aprender. A vida é feita de ensinamentos e, a cada dia, aprendemos uma coisa. Hoje eu não dou tanta importância a preconceito. Existir, existe. Em todos os cantos onde a gente vai tem olhares, um burburinho baixinho, mas temos que viver. A nossa vida pertence a nós e nós quem temos que caminhar e fazer com que ela seja melhor a cada dia”, conclui.

Foto: Mathheus Medeiros



“O ódio é um sentimento real, mas que começa na nossa subjetividade, no nosso inconsciente, através das nossas experiências e de como aprendemos a lidar com isso com as pessoas que nos rodeiam”

Marcos Lacerda

Foto: Arquivo Pessoal



“O preconceito é uma coisa muito pequena. É como se você não aceitasse algum tipo de problema ou erro seu e quisesse jogar em cima do outro. Somos todos iguais, temos nossos gostos, nossas diferenças”

Maria Uberlândia

Foto: Arquivo Pessoal



“As próprias opiniões, desejos e vontades do paciente já não são mais sua prioridade [no relacionamento abusivo]. A preocupação passa a ser o que o parceiro vai achar e como ele pode reagir”

Rayanne Moreira



DESEJO DE DESTRUIR

# Uma sociedade vivenciando o rancor

*Crimes de ódio são praticados contra uma pessoa ou um grupo; é uma conduta que atinge toda a comunidade*

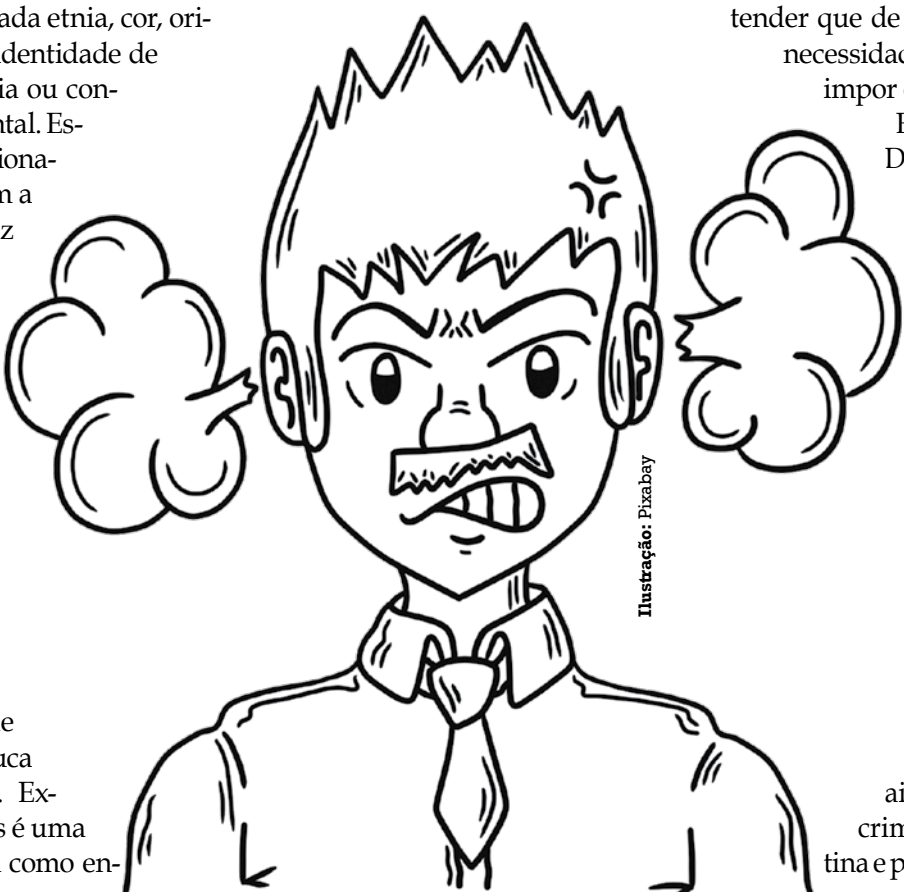
Juliana Teixeira  
[seliganopoliticaporelas@gmail.com](mailto:seliganopoliticaporelas@gmail.com)

Quando um negro é xingado, quando uma mulher é assassinada brutalmente, quando um obeso é rechaçado ou um homossexual é vítima de violência, o Brasil vivencia o ódio. O sentimento que também é chamado de execração, raiva, rancor e ira, atualmente tem se traduzido na forma de repulsa contra uma pessoa ou algo, terminando com desejo ou a ação de destruir. Mas de apenas um sentimento ruim, maléfico, passou a ser crime: o crime de ódio.

Para atender a todos os grupos afetados, precisou ser plural. Os crimes de ódio são aqueles crimes praticados contra uma pessoa por

ela pertencer a determinada etnia, cor, origem, orientação sexual, identidade de gênero, religião, ideologia ou condição social, física ou mental. Essas práticas não são direcionadas apenas à vítima e sim a um grupo ao qual ela faz parte. Por isso, termina sendo uma conduta que atinge toda a comunidade, mesmo sendo praticada contra um indivíduo.

O advogado criminalista Sheyner Asfora, presidente nacional da Associação Brasileira dos Advogados Criminalistas (Abracrim), explica que existem vários crimes de ódio no Brasil e talvez pouca gente que é vítima saiba. Explicitar todos esses temas é uma necessidade atual, assim como en-



tender que de fato ainda é cruel ter a necessidade do peso da lei, para se impor o respeito.

E a história de Nicole D'Imarck vai falar muito sobre isso. Nicole nasceu Ítalo, mas aquele corpo não condizia com a verdade sobre ela. Num longo processo de reconhecimento, amor próprio e muita aceitação, Ítalo deu espaço para que Nicole nascesse. Uma mulher trans, com arquétipos já conhecidos. Cabelos longos, roupa feminina. Mas para além dos trajes, Nicole ainda carrega a cor da discriminação: é preta, nordestina e pobre. De origem humilde

se identificou com as bagagens da cultura e da religião afro. Escolheu o candomblé, outro fator que acumula preconceito. E é daí que vem a sensação de se sentir odiada.

“Já me senti odiada por várias vezes, inclusive na própria família. Com o tempo a gente tem que se acostumar com essas coisas, porque infelizmente é algo da nossa realidade. A reação das pessoas se dá por ignorância ou por não aceitar a si próprio. As pessoas têm ódio a tudo que não as agrada hoje em dia. Não sei porque agem dessa forma. A ignorância, a maldade, a vontade de humilhar o outro, isso se transforma no ódio”, desabafa. Sendo transsexual, sentiu dentro de casa o dessabor do primeiro tipo de ódio: a homofobia, a transfobia.

## A homofobia e o ódio ao diferente ganham espaço

O ódio por orientação sexual fez 600 indivíduos da comunidade LGBTQIAP+ vítimas de crimes entre junho de 2021 e junho de 2022 no Brasil. Os números ainda podem ser maiores, visto que em muitos casos existe a subnotificação. Para efeito de comparação, o número de casos registrados no ano passado foi de 135. Com o crescimento, fica evidente que os ataques de cunho preconceituoso e odioso ganharam espaço no Brasil.

A discriminação contra indivíduos por conta de identidade de gênero ou orientação sexual enquadra-se como prática criminosa no país desde 2019, ano em que o Supremo Tribunal Federal (STF) interpretou que a lei contra o racismo poderia ser aplicada também no combate à homofobia.

Em um caso recente, Valdir Cunha de Maceno, de 50 anos, foi agredido com um soco na boca por um homem que disse não gostar de gays. A vítima registrou nas redes sociais o resultado da violência. Ele sobreviveu, mas outros tantos não tiveram dos agressores a mesma clemência, como aponta o relatório final da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) instalada no âmbito da Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB), que registrou de 2011 a 2020, 142 casos de crimes violentos letais intencionais (CVLIs) contra a população LGBTQIAP+. A informação é da Secretaria da Segurança e da Defesa Social e consta do relatório final da CPI que investigou os crimes de ódio contra a população LGBTQIAP+ da Paraíba.

Embora os dados sejam necessários para demonstrar a importância do combate à homofobia, eles ainda não são consistentes o suficiente para apontar como esse problema é perpetuado na Paraíba e no Brasil. Em 2019, o STF decidiu que declarações homofóbicas podem ser enquadradas no crime de racismo. A pena é de um a três anos, podendo chegar a cinco em casos mais graves.

“Rompi tratados, traí os ritos/ Quebrei a lança, lancei no espaço/ Um grito, um desabafo/ E o que me importa é não estar vencido”, diz a música do conjunto musical Secos e Molhados, usada por Nicole para demonstrar a sua luta diária, que é lutar contra o ódio e o preconceito. É com base nisso que ela traz a necessidade de buscar a sua própria felicidade.

“Você não pode abdicar de sua felicidade para se encaixar na vida das outras pessoas, para agradar. A felicidade eu só encontrei, na verdade, depois de me descobrir uma mulher trans. Se eu tivesse de dizer, pra mim, para a Nicole do passado, viraria trans mais cedo, com 16, com 15 anos, para ter a possibilidade de ser feliz por mais tempo aqui na Terra”, diz a mulher trans que não demonstra arrependimento, ao contrário, Nicole classifica apenas como desconhecimento.

Mas é preciso deixar claro que o combate ao mal dos crimes de ódio precisa acontecer todos os dias, seja aqui, no Brasil, o país que mais mata transexuais, ou em outros países do mundo. O recorte vem para trazer uma história vivida por Nicole na Itália, onde ela morou em busca de uma nova condição financeira.

Lá, Nicole conta que as mulheres trans eram enterradas como indigentes. Os caixões eram abertos e se jogava cal em cima do corpo, o pó era utilizado para o corpo se decompor em menos tempo. “Era uma imagem horrível. Elas eram enterradas, sem nome, sem data, como seres sem identidade. E nós nos juntamos para conseguir dar um sepultamento digno a elas. E foi daí que conseguimos ajuda de uma ONG para nós e pudemos dar mais apoio a essas mulheres trans”, conta ela a experiência na Europa para diferenciar os sentimentos. Lá, por outro lado, ela relata não ter visto tanta violência contra trans, como se vê aqui no Brasil. “Aqui na Paraíba se matam três trans numa semana, lá era o nojo”, diz.

## Prática de injúria e danos morais

É o nojo, a aversão, algo semelhante ao que sentem os obesos discriminados, odiados. E eles têm sido vítimas da gordofobia, termo amplamente usado, mas que ainda não se encontra na legislação brasileira. A *internet*, que já não é terra sem lei, é vitrine desse tipo de ódio a cada dia.

Segundo o advogado Sheyner Asfora, essa prática ainda não é crime, mas pode ser enquadrada como injúria e danos morais, que

são da esfera criminal e cível. “A penalização irá variar conforme o crime enquadrado. No caso de danos morais, por exemplo, as punições são multas ou detenção. O valor da multa é decidido conforme a agressão cometida”, explica.

Para se tornar crime é preciso legislação. E esse caminho, mesmo que a passos curtos vem sendo praticado. Corre no Congresso Nacional o Projeto de Lei 1.786/2022, que inclui a dis-

criminação ou preconceito em razão do peso corporal relacionado à obesidade nos crimes previstos na Lei 7.716, de 5 de janeiro de 1989. Com a alteração, a previsão é de que a Lei Caó (de combate ao racismo) converta o ato em criminalização por discriminação, por peso corporal, pela gordofobia. Mas a quem essa legislação interessa?

Deveria interessar a muita gente porque mais de 60% da população no

Brasil é considerada gorda ou obesa, segundo o Ministério da Saúde, e oito em cada dez pessoas sofrem preconceito por causa disso, conforme levantamento da Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia (SBEM) e da Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade e Síndrome Metabólica (Abeso). Por isso não raro há pessoas consideradas gordas entrando na Justiça – e ganhando causas – por gordofobia.



Foto: Arquivo Pessoal

“Já me senti odiada por várias vezes, inclusive na própria família. (...) A reação das pessoas se dá por ignorância ou por não aceitar a si próprio. As pessoas têm ódio a tudo que não as agrada hoje em dia”

Nicole D'Imarck



Foto: Divulgação

“Enquanto o racismo é entendido como um crime contra a coletividade, a injúria é direcionada ao indivíduo”

Sheyner Asfora

## Atos xenofóbicos e instauração de inquérito

Em janeiro deste ano, a catarinense Adriana Borba, noiva do jogador Léo Campos, do Botafogo de João Pessoa, publicou vídeos nas redes sociais com piadas e críticas ao sotaque e costumes dos paraibanos. As imagens viralizaram na *internet*. Depois, a mulher voltou atrás e disse que era uma brincadeira. A justi-

ficativa não foi aceita e a Polícia Civil instaurou um inquérito para investigá-la pela suspeita do crime de racismo por conta dos atos xenofóbicos.

E é assim que a xenofobia se esconde muitas vezes: no papel de brincadeira ou de zoeira. Mas não são. E quem comete xenofobia pode ser considerado um crimino-

so, já que os atos de xenofobia passaram a ser considerados crimes no Brasil em 1997. “Para a xenofobia ser considerada crime, aconteceu porque a Lei 9.459/1997 alterou o texto original da Lei 7.716, de 5 de janeiro de 1989, que trata exatamente sobre crimes de racismo”, explica o advogado.

Sheyner Asfora expli-

ca ainda que recentemente foi sancionada a Lei 14.532/2023, que tipifica como crime de racismo a injúria racial, com a pena aumentada de um a três anos, para dois a cinco anos de reclusão. “Enquanto o racismo é entendido como um crime contra a coletividade, a injúria é direcionada ao indivíduo”, explica.

## Discriminação racial e punições de casos

A discriminação racial é considerada crime pela Constituição Federal, que apresenta diversas formas de punição para esses casos. O racismo é um crime inafiançável. “Imagine ser vítima de ódio por causa da cor da pele? O seu maior órgão, que nasce com você, cor a qual não lhe cabe opção. Mas que para muitos é razão de medo, dor e tristeza. O ódio ao negro”.

Até artistas conhecidos

sofrem com o preconceito, como o cantor Thiaguinho, que, em 2012, contou em entrevista ao jornal Folha de São Paulo que foi vítima de preconceito ao ir almoçar em um restaurante de short, camiseta e chinelo. “Quando o manobrista trouxe o meu carro e eu fui entrar, ele colocou a mão na frente. Não achou que aquele carro pudesse ser o meu e perguntou: ‘Você é o dono?’”, relatou o cantor.

Casos mais recentes de racismo como os que ocorreram com a jornalista Maria Júlia Coutinho e com a atriz Taís Araújo também ganharam destaque na mídia nacional. Ambas foram ofendidas através de redes sociais.

Um dos casos mais graves foi o do ator Vinícius Romão. Em fevereiro de 2014, o ator foi preso por engano ao ser acusado de roubar a bolsa de uma

mulher no Méier, na Zona Norte carioca. Ele foi levado para uma cadeia em São Gonçalo, Região Metropolitana do Rio de Janeiro, onde ficou 16 dias preso. Vinícius emagreceu oito quilos no período em que ficou preso e depois precisou fazer terapia para superar o trauma.

“A lei prevê punição para os crimes de injúria racial e racismo”, destaca o advogado criminalista.

VIOLÊNCIA

# Intolerância e crime de ódio

Atos são motivados pelo preconceito e o criminoso seleciona sua vítima em função dela pertencer a um certo grupo

Juliana Teixeira  
seliganopoliticaporelas@gmail.com

A intolerância religiosa é um crime de ódio considerado como uma forma de violência de caráter físico, emocional ou simbólico, constituindo-se enquanto ato discriminatório, ofensa e agressão às pessoas por causa de sua crença ou prática religiosa. Regina Negreiros, mestra e doutoranda em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), lembra um caso recente de intolerância religiosa ocorrido na Paraíba. Foi há quase sete anos, quando o monumento em homenagem a Iemanjá, na Praia do Cabo Branco, na capital paraibana, foi danificado.

O caso é emblemático, pois na época a imagem da orixá teve sua cabeça arrancada e as mãos decepadas em um claro caso de intolerância religiosa. Restaurada pelo Patrimônio Artístico e Cultural de João Pessoa, a imagem religiosa foi novamente violada, tendo a cabeça cortada e os dedos quebrados. Até hoje ninguém foi punido.

Regina ressalta que os crimes de ódio são motivados pelo preconceito, cometidos quando o criminoso seleciona intencionalmente a sua vítima em função de esta pertencer a um certo grupo e com maior frequência com os grupos socialmente vulneráveis ou minorizados socialmente.

“O ódio fomenta a intolerância, o sectarismo, e atravessa o que há de humano em nós, tirando-nos a própria humanidade. O ódio vem depois da intolerância, é o sentimento de hostilidade que apenas os humanos são capazes de produzir. Grande parte dos ataques de ódio tem como alvo pessoas negras de comunidades religiosas afrodescendentes e afroameríndias. E essa, é sem dúvida, uma questão política e social”, explica.

A especialista aponta que crimes de ódio, assim como intolerância religiosa, não é exclusividade do Brasil. No mundo todo há guerras santas e a intolerância religiosa é uma das molas propulsoras para essas guerras, para genocídios e barbaridades contra a humanidade.

“Afiml, quem queimou as bruxas na Idade Média? Quem excomungou o filósofo Baruch de Espinosa? Quem queimou até a morte o filósofo Bruno Giordano no século 16? Quem realizou as Cruzadas? E ainda há a imposição religiosa nas conquistas colonialistas como ocorreu no Brasil e na África. Era a cruz ou a espada”, questiona Regina Negreiros.

O Código Penal Brasileiro define como crime a prática, indução ou incitação ao preconceito de religião, bem como de raça, cor ou etnia pela Lei 7.716, de 5 de janeiro de 1989, alterada pela Lei 9.459, de 15 de maio de 1997. A pena é de reclusão de dois a cinco anos e multa.

Em 2023, a luta contra a intolerância religiosa ganhou ainda mais força com a Lei 14.532/2023, que também tornou mais severa a pena para



Ilustrações: Pixabay



Foto: Arquivo Pessoal

“O ódio fomenta a intolerância, o sectarismo, e atravessa o que há de humano em nós, tirando-nos a própria humanidade. O ódio vem depois da intolerância, é o sentimento de hostilidade que apenas os humanos são capazes de produzir”

Regina Negreiros

## Liberdade de divergir: a crítica não é o mesmo que alimentar a intolerância

É preciso lembrar que crítica não é o mesmo que intolerância. O direito de criticar encaminhamentos e dogmas de uma religião, desde que isso seja feito sem desrespeito ou ódio, é assegurado pelas liberdades de opinião e expressão. Mas, no acesso ao trabalho, à escola, à moradia, a órgãos públicos ou privados, não se admite tratamento diferente em função da crença ou religião. Isso também se aplica a transporte público, estabelecimentos comerciais e lugares públicos, como bancos, hospitais e restaurantes.

É de todos os tipos de ódio, existe um que surge efeitos de uma doença, quase uma epidemia, que coloca o Brasil num triste *ranking*. É o que as mulheres tiveram que aprender a fazer um levante para lutar contra: o feminicídio.

No dia 28 de janeiro deste ano, Grazielle Maria Dantas Nunes foi as-

sassinada na frente do filho. O Ministério Público da Paraíba (MPPB) ofereceu denúncia contra Cleiton Salustio de Sousa, ex-companheiro do casal, por feminicídio. O homem já tinha sido condenado por matar outra ex-mulher, e ainda assim estava solto. Em 2022, sete mulheres foram vítimas de feminicídio por mês.

O advogado Sheyner Asfora explica que, segundo o Código Penal, feminicídio é “o assassinato de uma mulher cometido por razões da condição de sexo feminino”, isto é, quando o crime envolve “violência doméstica e familiar ou menosprezo ou discriminação à condição de mulher”. A pena prevista para o homicídio qualificado é de reclusão de 12 a 30 anos.

O feminicídio é um crime de ódio e está no rol dos crimes hediondos (Lei 8.072/1990), tal qual o es-

tupro, genocídio e latrocínio. No primeiro semestre de 2022, o Brasil bateu recorde de feminicídios, registrando cerca de 700 casos no período. Em 2021, mais de 66 mil mulheres foram vítimas de estupro; mais de 230 mil brasileiras sofreram agressões físicas por violência doméstica.

São exemplos de feminicídio os crimes encobertos por costumes e tradições e que são justificados como práticas pedagógicas, como o apedrejamento de mulheres por adultério, relacionadas com o pagamento de dote, a mutilação genital e os crimes “em defesa da honra”.

E mais: o assassinato de mulheres por seus maridos e companheiros, os estupros de guerra, a morte por preconceito racial e a morte pelo tráfico e a exploração sexual, que tratam as mulheres como objetos sexuais e descartáveis.

## Rancores e perseguições no campo da política

Os crimes de ódio chegaram à política, mesmo lá estando quem deve legislar contra qualquer uma das práticas já descritas aqui. Desde quando crimes de ódio por questões políticas são vistos no Brasil? O que caracteriza o crime de ódio na política? Sociedades com fortes assimetrias socioeconômicas são caracterizadas por uma cultura política autoritária e excludente. Isto conduz às práticas de aversão a pessoas ou grupos, tornando a vida comunitária conflituosa, como pode ser observado nas manifestações de “aporofobia” (aversão ao pobre), por exemplo.

Tal comportamento autoritário ocorre, por conseguinte, na área político-partidária, revelando o grau de intolerância de sociedades com aquele perfil socioeconômico. O Brasil, sendo uma das sociedades industriais mais desiguais do mundo reproduz esse padrão de conflito desde sua independência, no século 19.

O crime de ódio na política, portanto, consiste em expressar o desejo - e tentar operacionalizá-lo - de aniquilamento (de direitos e mesmo fisicamente) daqueles de possuem uma visão de mundo (cosmovisão) diferente. A introdução no regramento social legal de instrumentos que penalizem fortemente os adeptos de crimes de ódio é fundamental para inibir a prática futura desse tipo nefasto de comportamento social. Contudo, é fundamental

crimes de intolerância religiosa. A legislação passou a prever pena de dois a cinco anos para quem obstar, impedir ou empregar violência contra quaisquer manifestações ou práticas religiosas. A pena será aumentada à metade se o crime for cometido por duas ou mais pessoas, além de pagamento de multa. Antes, a lei previa pena de um a três anos de reclusão.

A intolerância religiosa é um conjunto de ideologias e atitudes ofensivas a crenças e práticas religiosas ou a quem não segue uma religião. É um crime de ódio que fere a liberdade e a dignidade humana.

O agressor costuma usar palavras agressivas ao se referir ao grupo religioso atacado e aos elementos, deuses e hábitos da religião. Há casos em que o agressor desmoraliza símbolos religiosos, destruindo imagens, roupas e objetos ritualísticos. Em situações extremas, a intolerância religiosa pode incluir violência física e se tornar uma perseguição.